

Experiência do Projeto JOVENS FORMADORAS/ES DE OPINIÃO



Diante do Novo

EDUCAÇÃO ENTRE PARES DISCUTINDO DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

ANA LUIZA FUNGHETTI | MARIA HERLINDA BORGES | SÍLVIA MARQUES DANTAS

ORGANIZADORAS





In memoriam, Paulo César da Silva Cardoso, o PC.

Diante do Novo

EDUCAÇÃO ENTRE PARES DISCUTINDO DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS



COORDENADORA GERAL Sílvia Marques Dantas
COORDENADOR DE PROGRAMA Glaudston Lima
COORDENADOR DE PROGRAMA Nielson Bezerra
COORDENADORA ADMINISTRATIVA Ivete Xavier

PROJETO *Jovens Formadoras/es de Opinião*

COORDENAÇÃO DO PROJETO Ana Luíza Funghetti

EQUIPE DE FORMAÇÃO Ana Luíza Funghetti, Beto Vieira,
Nielson Bezerra, Sílvia Marques Dantas e Eva Magnusson

GRUPO DE JOVENS Adriana Maria de Lima, Alcione Cristina da Costa,
Ana Patrícia da Silva, Dayane Rouse do Nascimento,
Elaine Cristina Rodrigues de Carvalho, Fabiano José de Oliveira,
Flávia Vasconcelos de Assis, Gisele Nunes de Oliveira,
Luciana Barreto de Matos, Lucilene Silva de Freitas,
Taís Maria da Silva e Valéria Félix da Rocha.

ASSESSORIA PEDAGÓGICA AO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO
Maria Herlinda Borges

APOIO TÉCNICO E FINANCEIRO
USAID/POMMAR-PARTNERS 2001–2004

CONSULTORES DO USAID/POMMAR-PARTNERS
Eliane Bispo, Marlova Dornelles e Graça Gadelha

Diante do Novo

EDUCAÇÃO ENTRE PARES DISCUTINDO DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

ANA LUIZA FUNGHETTI | MARIA HERLINDA BORGES | SÍLVIA MARQUES DANTAS

O R G A N I Z A D O R A S



Diante do Novo

EDUCAÇÃO ENTRE PARES DISCUTINDO DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

Orgs. ANA LUIZA FUNGHETTI, MARIA HERLINDA BORGES E
SÍLVIA MARQUES DANTAS

© 2005 GESTOS *Soropositividade Comunicação e Gênero*

ESTE LIVRO PODE SER TOTAL OU PARCIALMENTE REPRODUZIDO,
CONTANTO QUE CITADAS FONTE E AUTORAS/ES.

EDIÇÃO & PRODUÇÃO Adlene Andrade
DESIGN GRÁFICO Claudio Fernandes
REVISÃO Normanda Beserra e Gabriela Goulart
FOTOGRAFIA Luís Santos
IMPRESSÃO Gráfica Flamar
CATALOGAÇÃO Biblioteca Nacional

F977D Funghetti, Ana Luiza (Org.)

DIANTE DO NOVO. Educação entre pares discutindo direitos sexuais e reprodutivos.
A experiência do projeto *Jovens Formadores/as de Opinião*.

Orgs. ANA LUIZA FUNGHETTI, MARIA HERLINDA BORGES E SÍLVIA MARQUES DANTAS

Recife : Gráfica Flamar, 2005. 164 p.

Bibliografia.

1. Sexo – direitos 2. Jovens – direitos sexuais e reprodutivos I. Título II. Borges, Maria Herlinda III. Dantas, Sílvia Marques.

CDD – 306.7

Elaborada pela Bibliotecária Mª da Conceição A. Rosas – CRB-4/1176
Índices para catálogo sistemático:

1. Sexo – direitos 306.7
2. Jovens – direitos sexuais e reprodutivos 305.23

Agradecimentos

GOSTARÍAMOS DE AGRADECER A João Simão, Teresa Lobo, Cida Fernandes, Ademar de Oliveira Marques, Heleno Gomes de Araújo Filho, pela participação como facilitadores/as em algumas oficinas educativas com os/as jovens; a Maria José de Lira, Maria Helena Mendes e Ivanise Carla Assis Barreto (Programa *Meu Primeiro Emprego-Agência do Trabalho*) que receberam nossos/as jovens neste Programa e auxiliaram no seu desenvolvimento profissional.

Agradecemos às ONG *Pé no Chão, Novo Mundo, Sementes do Amanhã, Retome sua Vida, Organização de Auxílio Fraternal do Recife/OAF, Centro das Mulheres do Cabo, Centro Dom Helder Câmara, Grupo Ressurreição, Centro de Educação Popular Mailde de Araújo, SACOLARTE, Artemanha, Trapeiros do Emaús, Daruê Malungo, Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças*; ao Programa de Apoio à Criança e ao Adolescente – PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMARAGIBE; à Escola Municipal do Engenho do Meio e à Escola Municipal Júlio de Oliveira; ao Instituto de Assistência Social e Cidadania – que receberam os/as jovens para a realização de seus estágios.

Estendemos o nosso obrigado ao *Fórum de Mulheres de Pernambuco*, à *Articulação AIDS Pernambuco* e ao *Fórum da Juventude*, importantes movimentos sociais em nosso estado, que contribuíram para a formação dos/as jovens, estimulando suas descobertas e apoiando o seu engajamento político nas lutas pela igualdade social.

Nosso especial agradecimento a Eva Magnusson – cooperante UBV/Suécia – e a Eliane Bispo, POMMAR, pelo apoio nas oficinas de sistematização deste projeto; a Graça Gadelha, POMMAR, pela criteriosa leitura desta sistematização, e ao USAID/POMMAR-PARTNERS pela paciência, dedicação e apoio em todos os momentos da construção do nosso trabalho, acreditando e estimulando o seu desenvolvimento.

Finalmente, agradecemos a todas e todos que direta ou indiretamente participaram desta empreitada, contribuindo para o amadurecimento de nossas ações.

Sumário



APRESENTAÇÃO Graça Gadelha e Nena Lentini	11
INTRODUÇÃO Maria Herlinda Borges	13
I DEMOCRATIZANDO UMA EXPERIÊNCIA	17
<i>Os Marcos Teóricos da Práxis Institucional</i>	19
Sílvia Marques Dantas	
<i>Ação Político-pedagógica da Sexualidade como Direito</i>	39
Ana Luiza Funghetti	
II CONTEÚDOS E MÉTODOS DE EDUCAÇÃO ENTRE PARES	49
<i>O Módulo de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos</i>	51
Ana Luiza Funghetti	
<i>Metodologias para o Trabalho de Orientação Sexual</i>	57
Beto Vieira	
<i>A Formação Política no Processo Educativo de Jovens</i>	75
Sílvia Marques Dantas	
III A AVENTURA PEDAGÓGICA DAS/OS JOVENS	81
<i>Como Jovens Teceram a Rede Centrada na Vida</i>	83
Alcione Cristina da Costa, Ana Patrícia da Silva, Dayane Rouse do Nascimento e Flávia Vasconcelos de Assis	
<i>Reconhecendo-se na Construção da Cidadania: Seu Potencial e Diferenciação</i>	95
Fabiano José de Oliveira, Gisele Nunes de Oliveira, Lucilene Silva de Freitas e Valéria Felix da Rocha	
<i>Aprendizados da Experiência: Desvelando Perspectivas de Vida</i>	111
Adriana Maria de Lima, Luciana Barreto de Matos, Taís Maria da Silva e Elaine Cristina Rodrigues de Carvalho	
IV LIÇÕES APRENDIDAS	125
APÊNDICE: <i>Tendência Teórico-metodológica que Orientou a Aventura Pedagógica da Sistematização</i>	129
Maria Herlinda Borges	
ANEXOS	156
BIBLIOGRAFIA	158



Apresentação

EM TODO O MUNDO, O NÚMERO DE ADOLESCENTES e jovens de 15 a 24 anos que vivem com HIV chega a 11,8 milhões, segundo dados do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS). Mais da metade dos novos casos ocorre em adolescentes, algo em torno de 6 mil por dia. Se por um lado os números indicam uma situação alarmante, por outro, as estatísticas revelam o quanto é estratégico investir em ações preventivas junto a essa faixa etária.

Na busca de iniciativas efetivas de promoção da saúde dos jovens brasileiros, o USAID/POMMAR-PARTNERS teve a satisfação de apoiar técnica e financeiramente o trabalho realizado pela ONG GESTOS *Soropositividade, Comunicação e Gênero* que adota uma metodologia inovadora de prevenção ao HIV/AIDS entre adolescentes e jovens do Recife. Fundamentada em uma visão institucional estratégica com base no conceito de vulnerabilidade, a GESTOS desenvolve, desde 1994, ações político-pedagógicas que difundem a idéia da sexualidade como um direito. A instituição reconhece a importância da postura proativa dos jovens nos processos formativos, investindo em sua capacidade de disseminar informações entre seus pares.

Desde a sua criação, em 1994, o USAID/POMMAR-PARTNERS apoiou iniciativas na área de saúde sexual e reprodutiva. A partir de 1999, o programa priorizou o HIV/AIDS como uma área específica, visando, no campo da prevenção, contribuir para que adolescentes e jovens adotem atitudes responsáveis, seguras e saudáveis em relação ao exercício da sua sexualidade. Nessa área foram realizadas parcerias com nove organizações da sociedade civil que enfatizam experiências de educação entre pares e o conceito do protagonismo juvenil, além da metodologia da arte-educação como elemento transversal em todo o processo de formação das crianças, adolescentes e jovens atendidos.

A afinidade entre a proposta do USAID/POMMAR-PARTNERS e o trabalho que já vinha sendo desenvolvido pela GESTOS possibilitou, no período de 2001 a 2004, a implementação do projeto *Jovens Formadores/as de Opinião*, cuja metodologia está descrita na presente publicação. O projeto, além de ter incluído jovens em todo o processo de planejamento, monitoramento, avaliação e sistematização, demonstrou que a atuação dos jovens em um trabalho preventivo bem estruturado e politicamente fundamentado pode contribuir de maneira eficaz para mudanças de paradigmas sobre a importância da participação da juventude na prevenção ao HIV/AIDS e na concepção da sexualidade como um direito.

Graça Gadelha

DIRETORA DO USAID/POMMAR-PARTNERS

Nena Lentini

COORDENADORA DE PROGRAMA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA
USAID NO BRASIL

Introdução

Crenças, Competências, Realizações

DESDE 1994, A GESTOS REALIZA UM TRABALHO de educação e prevenção na área de DST/HIV/AIDS com adolescentes e jovens, incorporando-os/as às estratégias de multiplicação de informações junto a outros/as jovens. Esse trabalho educativo foi norteadado pela categoria de gênero e pelos direitos sexuais e reprodutivos, tendo como metodologia a arte-educação e, posteriormente, os projetos de trabalho. Em 2001, a instituição iniciou o projeto *Jovens Formadores de Opinião – JFO* –, possibilitando a formação de educadores/as jovens. Nessa proposta, o processo de formação de jovens, bem como os caminhos metodológicos de sistematização dessa aventura pedagógica, dá sentido e significado ao método de educação entre pares.

Em diferentes fases da história da GESTOS, vários projetos, competências e realizações foram transformando a sua visão e a sua didática de atuação. Essa publicação tem por objetivo reconstruir essa história, reunindo missão, crenças, valores e princípios orientadores que dão sustentação à prática da instituição na área da sexualidade.

Nestas considerações iniciais, queremos justificar a relevância do resgate do processo vivido pelo grupo de jovens que, utilizando a metodologia de educação entre pares, trabalharam a sexualidade na

perspectiva dos direitos humanos, contra a discriminação e o estigma, através de uma abordagem multidisciplinar e com a participação da comunidade.

O esforço coletivo de reconstrução da experiência demandou um caráter reflexivo e crítico por parte da equipe de educadores e dos jovens que participaram desse rico processo. Essa reflexão possibilitou a confluência de um saber-fazer decorrente das experiências e dos modelos disponíveis em diferentes momentos dessa história. As atividades contribuíram, ainda, para a definição de um modelo de intervenção na área de prevenção ao HIV/AIDS, sustentado por uma visão estratégica institucional que possibilitou a operacionalização de uma proposta pedagógica em estreita consonância com a gestão administrativa e financeira.

A narrativa histórica dessa aventura pedagógica realizada pelos jovens e a análise crítica do processo de formação, reinventada e ressignificada pelos educadores, formaram os contornos da concepção dessa sistematização que busca na multissetorialidade, na multidisciplinaridade e na interface com as experiências acumuladas, realimentar o projeto JFO. Em que consiste a experiência de jovens educadoras/es em direitos sexuais e reprodutivos para a prevenção às DST/HIV/AIDS? Em que medida essa iniciativa fortalece o protagonismo juvenil e a experiência de educação autogerida entre pares? De que forma essa experiência estimula a reflexão e a vivência sobre a sexualidade, na sua igualdade entre homens e mulheres jovens? São estas perguntas que este trabalho buscará responder.

Para a consecução desse abrangente objetivo, foram definidos três eixos intercomplementares: I) Relato histórico do processo de formação do grupo de jovens educadoras/es, desvelando suas motivações, desejos, forças e desafios, que determinaram o pertencimento ao projeto, a autogestão da aprendizagem e das ações, na imprevisibilidade do vivido; II) Análise, no contexto da formação recebida, das formas de atuação de crianças, adolescentes e jovens em cenários diferenciados, buscando a expressão e a valorização da sua opinião. Nesta perspectiva, o campo de análise se amplia para as relações desses grupos com gestores institucionais e organizações dos movimentos sociais, espaços nos quais

foram delineados os contornos da experiência de arte-educação e do uso de Técnicas de Dinâmicas de Grupo – TDG; III) Percepção do papel e da função de jovens na construção e desconstrução de valores, princípios e crenças, através do tratamento dado aos temas, focalizando as noções de cidadania, gênero, direitos sexuais e reprodutivos, na luta contra DST/HIV/AIDS.

Para perceber a prática dos jovens na realização desse projeto, no período de dois anos de trabalho, foram realizadas as seguintes atividades: A) Análise da documentação disponível; B) Entrevistas com os sujeitos protagonistas; C) Oficinas pedagógicas tomando como objeto de estudo a vivência na dinâmica de funcionamento e as relações estabelecidas entre jovens, crianças e adolescentes.

Para a análise dos documentos, as principais fontes de informações foram os relatórios da prática e o colóquio com a coordenação do projeto. Com o grupo de jovens, a facilitação de vivências na pedagogia da escuta e do diálogo oportunizou maior apropriação do vivido. Todo o processo de sistematização desenvolvido no período de julho a dezembro de 2003 foi registrado pela coordenação e compartilhado por duplas de jovens que tinham acesso, na ocasião, aos resultados parciais.

A metodologia também proporcionou a realização de uma *feira de conhecimentos* com os/as educadores/as da GESTOS, dando a conhecer, no meio do processo metodológico de sistematização, seu objeto, objetivos e eixos orientadores articulados que orientaram a argumentação das/os jovens com os/as educadores/as. Todos os textos produzidos pelos jovens e as principais TDG que facilitaram os processos integrativos e de arte-educação, bem como toda a proposta orientadora da sistematização se constituíram em materiais relevantes durante a *feira de conhecimentos*.

Foi realizado, também, um debate, no qual foram discutidos as crenças, valores e princípios institucionais. No decorrer do processo, as/os educadores/as se comprometeram a partilhar dessa sistematização, construindo também textos que retratassem a dinâmica da formação e sua opinião e impressões diante dos resultados alcançados até então.

Tendo em vista o sentido estratégico dessa metodologia de pares, da natureza do trabalho e do método criado para a construção

coletiva do conhecimento, os resultados finais serão apresentados em três partes. Os textos construídos no processo pelos educadores e pelo grupo de jovens guardam coerência com a revisão da versão preliminar da sistematização, quanto à ênfase dada à proposta metodológica, tanto do processo educativo de monitoramento do grupo de jovens com seus pares, o qual aborda a sexualidade como direito, quanto da gestão administrativa e financeira do projeto realizadas pela entidade. Foi agregada, ainda, à proposta teórico-metodológica da sistematização, a construção de atitudes e o processo de produção de saberes.

São enfoques fundamentais nesse processo a auto-estima e a curiosidade dos jovens, combustíveis da atitude dialógica, criativa e crítica, a participação ampliada e o fortalecimento da visão político-pedagógica.

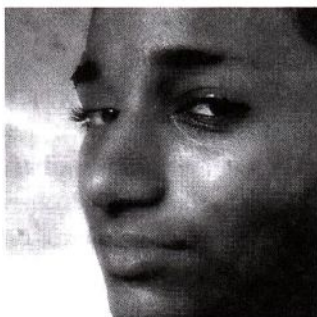
Os caminhos apontados por essa experiência sugerem a visão estratégica da dimensão metodológica no trato da sexualidade como direito, além dos métodos de formação, monitoramento e sistematização no trabalho educativo entre pares.

Maria Herlinda Borges

ASSESSORA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO

I

Democratizando uma Experiência



meu poema é você

Adriana Maria de Lima

*Porque é em você que me encontro, acredito e vivo,
Em você que descubro as maravilhas desse mundo,
Junto de você quero desfrutá-las e construir
Uma história que jamais terá fim, ou...
Porque saberei que eu faço parte da sua vida e você da minha.
Vida que quero que se transforme e onde eu encontro inspiração
E é você que eu busco.
Vocês dão significado ao meu existir porque é em vocês
Que descobri a razão da minha existência, sei que vim construir.*

Os Marcos Teóricos da Práxis Institucional

SÍLVIA MARQUES DANTAS

A GESTOS INICIOU O TRABALHO de prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST – e à AIDS com adolescentes e jovens, procurando identificar algumas matrizes teóricas que nortegassem a sua práxis. Compreendendo práxis, aqui, como um elemento fundamental de transformação da sociedade que se realiza em conexão com a atividade teórica. Ela possibilita a crítica, a interpretação e a elaboração de projetos de transformação significativos. Assim, este processo foi sendo construído à medida que nos aproximávamos dos/as jovens, avaliávamos as atividades que desenvolvíamos, refletíamos sobre as matrizes teóricas que norteiam os trabalhos na área de HIV/AIDS e acompanhávamos a expansão da epidemia no Brasil.

Inicialmente questionamos duas matrizes teóricas que nortearam trabalhos nesta área, a noção de “grupo de risco” e a de “comportamento de risco”. Segundo Dantas & Rocha:

A AIDS apareceu no início dos anos 80 como epidemia associada aos homossexuais. Mais de um jornal estampou a manchete do câncer ou peste gay. Logo depois, a síndrome foi também ligada aos usuários de drogas injetáveis, pessoas com várias parcerias sexuais e hemofílicos que passavam por transfusões sanguíneas, criando assim a idéia de “grupo de risco”.

Posteriormente – com a redução da transmissão do HIV entre os hemofílicos, entre alguns grupos de homossexuais e com o início da expansão da epidemia entre a população heterossexual – surgiu o conceito de ‘comportamento de risco.’ Eram os indivíduos com comportamento sexual ‘promíscuo’, sem uso de preservativos ou usuário de drogas injetáveis.

Os conceitos de ‘grupo de risco’ e de ‘comportamento de risco’, utilizados para a compreensão da propagação do HIV, influenciaram a construção de políticas e programas de prevenção à AIDS e retardaram a construção de estratégias de prevenção e de educação mais expandidas. Outro problema da idéia de grupo de risco foi o de depositar no indivíduo ou em um determinado grupo a ‘culpa’ pela infecção. [DANTAS & ROCHA, 2003:7]

Os conceitos acima eram inadequados, pois dificultavam o conhecimento da razão pela qual a contaminação pelo HIV aumentava entre os/as adolescentes e jovens e, conseqüentemente, dificultavam a construção de estratégias adequadas de prevenção que garantissem resultado efetivo. Mais ainda, tais conceitos tendiam a favorecer uma cruzada moralista e repressiva em torno da vida sexual dos/as adolescentes e jovens, ignorando o seu engajamento criativo na luta contra a AIDS.

Assim, uma das matrizes teóricas que fundamentou nossa práxis foi o conceito de vulnerabilidade, que surgiu no início da década de 90. Tal definição pressupunha que todas as pessoas são vulneráveis ao

HIV, dependendo do nível de exclusão social, político, cultural e econômico a que estariam submetidas. Neste sentido a vulnerabilidade está relacionada aos indicadores de desenvolvimento humano, à inexistência ou ineficiência dos programas de governo, à fragilidade dos movimentos sociais e ao grau de consciência que o indivíduo tem sobre os comportamentos de risco e as condições objetivas para transformá-los. O paradigma da vulnerabilidade introduz também as relações de gênero, os direitos sexuais e os direitos reprodutivos como elementos fundamentais para o estudo e a intervenção no campo da AIDS.

Algumas questões surgiram nos nossos debates internos:

- ∞ A noção de adolescência é influenciada pela categoria de gênero?
- ∞ Que visão de adolescência deve nortear nosso trabalho?
- ∞ É possível desenvolver uma práxis educativa que reconheça os/as adolescentes como sujeitos de direito, inclusive sobre seu próprio corpo, sua sexualidade e sua vida reprodutiva?
- ∞ No campo da pedagogia, que práxis educativa possibilitaria dialogar com adolescentes e jovens, estimulando a reflexão sobre aquelas categorias teórico-políticas?

Gênero

Uma categoria útil que orienta nosso trabalho com jovens.

A categoria de Gênero é uma das noções que orientaram nosso trabalho. Segundo Scott, o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar relações de poder”. Scott comenta que a categoria de Gênero contempla quatro elementos: “os símbolos culturais que evocam representações múltiplas de homem e de mulher”, os “conceitos normativos”, “a noção do político como referência às instituições e organizações sociais” e a “identidade subjetiva” (SCOTT, 1995:32). Neste sentido, as representações sociais de gênero interferem nos significados que atribuímos à adolescência. Da mesma maneira, as leis, as normas, as regras sobre os direitos e deveres na adolescência elaboram e reelaboram

representações e relações de poder entre homens e mulheres.

Içami Tiba, Aberastury e Knobel enfatizam que as mudanças biológicas da puberdade permitem que a espécie humana possa se reproduzir e, em consequência, determinam o papel de cada um dos sexos na procriação. Para isso a pessoa necessita de uma moratória até que possa construir uma nova identidade em que o seu lugar na procriação define o seu papel social.

Aberastury e Knobel consideram que o luto pela perda do corpo infantil representa a elaboração da aceitação do “papel genital da procriação e a definição sexual correspondente” (KNOBEL e ABERASTURY, 1986:45). A construção da identidade individual está relacionada, entre outras coisas, à afirmação da heterossexualidade e esta, por sua vez, é condição necessária para a sobrevivência da espécie humana.

Içami Tiba considera também que os papéis sexuais masculinos e femininos são complementares e tal complementaridade tem justificativas sócio-psico-biológicas. Para ele, “o papel sexual masculino existe em função do contra-papel feminino e vice-versa. E o relacionamento sexual resulta da complementação do papel e do contra-papel sexuais” (TIBA, 1992:23).

É consenso entre esses pensadores que a crise normal da adolescência é universal – ou seja, existe em todas as formações sociais e em todos os momentos da história humana – porque diz respeito às transformações biológicas que obrigam os indivíduos a se readaptarem aos papéis correspondentes ao seu esquema biológico sexual. Esses autores constroem uma referência de gênero cuja característica marcante é a heterossexualidade compulsória e onde o par amoroso é complementar e apto para a procriação.

Mesmo afirmando a importância sócio-cultural e subjetiva da constituição da adolescência, esses autores consideram que as mudanças biológicas orientam as relações sociais da masculinidade e da feminilidade.

Uma importante crítica a essa orientação conceitual vem de Tayupanta, para quem “a biologia tem uma série de potencialidades que se transformam e adquirem significado só nas relações sociais” (TAYUPANTA, 2003:57).

Neste sentido, as transformações biológicas não são suficientes para indagar sobre a adolescência. O desenvolvimento corporal masculino e feminino, com suas genitálias, não leva, necessariamente, à heterossexualidade, nem os papéis sexuais bipolares são determinados pela natureza dos sexos. Assim, a adolescência, com sua subjetividade, somente pode ser entendida e analisada de forma adequada, se considerarmos os significados que cada sociedade atribui a ela.

Os contextos social, cultural, temporal e de gênero influenciam os comportamentos, as culturas e as subjetividades juvenis. A adolescência, por sua vez, reelabora aqueles contextos. Os estudos de antropólogos e historiadores revelam a maneira como as relações de poder de gênero interferem na construção da adolescência.

O historiador Frascchetti indica que na antiga sociedade romana a classificação das idades variou de acordo com o ordenamento social de cada conjuntura histórica. Ele observou que – como as mulheres não se emancipavam – sua classificação por idade era irrelevante (FRASCCHETTI, 1996:71).

Gennep, por sua vez, distingue a puberdade física da puberdade social e considera que raramente uma depende da outra. Ele cita o exemplo da cultura romana, em que a puberdade social da menina era anterior à sua puberdade física; ela estava legalmente disponível para o casamento a partir dos doze anos, ao passo que menos de 10% delas teriam sua menarca nessa idade (GENNEP, s.d.).

Segundo Ariès, na Europa Medieval, não existia o sentimento de infância ou a consciência da particularidade infantil, ou seja, a infância não era investida de significados. Já o surgimento da adolescência na sociedade ocidental, com seus significados, aconteceu depois que foi dado significado à infância (ARIÈS, 1978:125).

Rousseau foi um dos primeiros filósofos da modernidade que descreveu com grande minúcia as características dos indivíduos em suas diferentes faixas de idade e a educação apropriada para cada uma delas. A adolescência masculina foi a primeira a ser investida de significados. No seu livro, Rousseau anuncia: “nascemos, por assim dizer, duas vezes: uma para existir, outra para viver; uma para a espécie, outra para o sexo” (ROUSSEAU, 1995:27).

Com esta frase o filósofo aponta as mudanças que Emílio (personagem que dá título a sua obra) vai passar. Ele refere-se a uma “tempestuosa revolução”, de “paixões nascentes”, “do perigo”, das “mudanças de humor”, “das agitações” e do fato de “não querer mais ser governado”. Estes significados poucas vezes foram verificados em épocas anteriores.

O adolescente surge na sociedade ocidental como um ser em conflito, em desordem. Em contrapartida, a necessidade de medicar, vigiar e punir compunha o discurso de médicos e políticos daquela época (ARIËS, 1978).

E quando a mulher é identificada como adolescente? É curioso observar que só no livro quinto, da obra *O Emílio*, Rousseau introduz a mulher – a jovem Sofia – que surge para determinar que a idade adulta de Emílio está chegando. Rousseau descreve com detalhes o perfil da mulher ideal para casar com o homem da sociedade moderna:

A mulher e o homem foram feitos um para o outro, mas sua mútua dependência não é igual; os homens dependem das mulheres por seus desejos, enquanto as mulheres dependem dos homens tanto por seus desejos quanto pelas suas necessidades. (...) Pela própria lei da natureza, as mulheres, não lhes basta serem bonitas, é preciso que agradem; não lhes basta ter bom comportamento, é preciso que seu comportamento seja reconhecido como tal; sua honra não está somente em sua conduta mas também na sua reputação.

[ROUSSEAU, 1995:502]

E mais adiante continua:

(...) toda educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes úteis, fazerem-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres da mulher em todos os tempos e o que deve ser ensinado desde a

infância. [ROUSSEAU, 1995:502]

Esse discurso estava relacionado com a grande reforma social e política que a Europa aprontava naquela época, que desembocou numa nova construção das relações de gênero e em que a adolescência seria um momento fundamental para preparar o indivíduo – homem e mulher – a se constituir como par heterossexual, voltado para o casamento e para a procriação.

Esta ressignificação do masculino e feminino durante o Iluminismo repercute até hoje sobre o significado da adolescência. Só para dar um exemplo, recentemente assistimos a um debate entre dois pastores numa rádio evangélica, cujo tema era: “uma adolescente-mãe deve participar dos grupos de jovens ou dos grupos de casais existentes na igreja?” Orientando-se pela concepção de que a adolescência é um fenômeno biológico, preso a uma faixa etária, um dos pastores afirmou que a adolescente deveria continuar participando dos grupos de jovens da igreja. O outro pastor, orientado na idéia dos papéis sexuais femininos, argumentava que a adolescente deveria freqüentar os grupos de casais, uma vez que, ao tornar-se mãe, ela já não correspondia às expectativas atribuídas a essa faixa etária. Este é só um exemplo de como as relações de gênero repercutem na construção da subjetividade do/a adolescente, orienta condutas, atitudes e comportamentos, e “regula” sua sexualidade e vida reprodutiva.

Então, para desenvolver uma ação de prevenção na área de DST/HIV/AIDS neste segmento social, promovemos um diálogo com os grupos de jovens sobre as relações de gênero e seus reflexos na construção da noção de adolescência. Temas como: as características de homem e de mulher que enobrecem um/a e depreciam outra/o (mulheres são frágeis, sentimentais, mas também bobas, ao passo que os homens são fortes, decididos, racionais, mas também grosseiros); a liberdade de tempo dos meninos em contrapartida ao acúmulo de tarefas domésticas das meninas; a diversidade de lazer dentro e fora de casa, entre os meninos, em oposição ao reduzido tempo e diversidade de lazer entre as meninas; o significado cultural da virgindade feminina e masculina e as relações de poder daí advindas; as representações em torno de

uma atitude “passiva” ou “ativa” na vida sexual e afetiva; as responsabilidades do homem e da mulher em torno da vida reprodutiva: o uso da camisinha, o aborto e a gravidez na adolescência.

A categoria de gênero nos orientou a problematizar um conjunto muito maior de questões sobre a relação entre vulnerabilidade às DST/HIV/AIDS e adolescência. Esse conjunto de temas se refere às noções de direitos sexuais e de direitos reprodutivos, que são determinados pelas questões de gênero e, ao mesmo tempo, orientam a cultura sexual dirigida à juventude.

Direitos Reprodutivos e Adolescência

Os direitos reprodutivos originam-se do novo feminismo dos anos de 1960 e têm por objetivo romper com a visão naturalizada de como homens e mulheres se inserem no mundo, desconstruindo a idéia tradicional de que as mulheres estão ligadas ao biológico, à procriação e à sensibilidade, portanto, ao mundo privado e à maternidade; ao passo que os homens vinculam-se à racionalidade e à vida pública, portanto, desincumbidos de suas responsabilidades na esfera da reprodução. Estes direitos identificam homens e mulheres como sujeitos, desnaturalizando as relações hierárquicas entre os sexos e problematizando caminhos para a sua superação.

Segundo Ávila, os direitos reprodutivos colocam novos conflitos para a democracia e traz uma nova definição das relações sociais no âmbito da vida privada, configurando-se num projeto revolucionário de transformação da intimidade. A concepção e a anticoncepção formam o núcleo desses direitos e têm estreita conexão com as questões da sexualidade (ÁVILA, 2003). Como sujeitos de sua elaboração, as feministas enfatizam:

*A concepção e a anticoncepção se constituem em fontes inesgotáveis de problemas na vida cotidiana das mulheres em relação com as quais os homens, de maneira geral, permanecem omissos.*¹ [ÁVILA, 2003:75]

1 Tradução livre.

Os direitos reprodutivos implicam duas questões-chave: poder e recursos.

Poder para tomar decisões informadas a respeito da própria fecundidade, criação dos filhos, saúde ginecológica e sexualidade. Recursos para pôr em prática essas decisões em condições seguras e efetivas. Estes conceitos remetem, além disso, à legitimação social de uma sexualidade desprovida de fins (conscientes) reprodutivos.

[PIMENTEL, 2003:157]

Os direitos reprodutivos relacionam-se com o direito ao aborto seguro e legal e à anticoncepção, enfocando tais direitos como direitos humanos das mulheres à autodeterminação sobre sua fertilidade, maternidade e sobre os usos de seus corpos. Tudo isso implica a necessidade de recursos que garantam serviços de saúde acessíveis, com pessoal capacitado e com infra-estrutura adequada.

Segundo a *IV Conferência Mundial de Mulheres*, promovida pela ONU:

A saúde reprodutiva implica, assim, a capacidade de desfrutar uma vida sexual satisfatória e sem risco, e que se tem a capacidade de procriar e a liberdade para decidir fazê-lo ou não fazê-lo, quando e com que frequência. Esta última condição implica o direito para o homem e a mulher de obter informação e ter acesso a métodos seguros, eficientes e exequíveis de planejamento familiar de sua escolha, assim como a outros métodos por eles escolhidos para regularização da fertilidade, que não estejam legalmente proibidos, e o direito de acesso a serviços apropriados de atendimento à saúde que permitam às mulheres o acompanhamento seguro durante a gravidez, e partos sem risco, e dêem aos casais as melhores possibilidades de terem filhosãos. [ONU, 1995:77]

No parágrafo 96, a *IV Conferência Mundial sobre a Mulher* também afirma que:

O aborto em condições perigosas põe em perigo a vida de um grande número de mulheres e representa um grave problema de saúde pública, porquanto são as mulheres mais pobres e jovens as que correm os maiores riscos. [ONU, 1995:97]

Segundo o MINISTÉRIO DA SAÚDE, em 2003 ocorreram 236.365 interações no SUS motivadas por complicações decorrentes de curetagens pós-aborto (Jornal O Globo, 23/02/2005). O aborto é a quinta causa de internação hospitalar de mulheres no SUS, respondendo por 9% dos óbitos maternos e por 25% dos casos de esterilidade por problemas tubários (SOARES, 2004:5). A lei brasileira só permite que o aborto seja realizado em duas situações: por risco de vida da gestante ou por gestação em decorrência de estupro. Mesmo assim, milhares de mulheres praticam o aborto por razões econômicas, por falha no método contraceptivo, porque já têm muitos filhos, para não perder o emprego, porque a família não aceita a gravidez, porque para elas não é o momento de se tornarem mães ou porque foram forçadas a fazer sexo com seu parceiro.

Qual é a relação entre os direitos reprodutivos e a prevenção contra as DST/HIV/AIDS?

Observamos que informar sobre as DST/HIV/AIDS não seria suficiente, pois a tomada de decisão do/a adolescente sobre a prevenção necessita não só da aquisição de informações, mas da compreensão e do posicionamento pessoal e político sobre os direitos reprodutivos. Assim, além das oficinas sobre concepção, contracepção e DST/HIV/AIDS, estimulamos o questionamento sobre os direitos reprodutivos dos/as adolescentes e jovens, promovemos visitas às unidades de saúde, e os/as incentivamos a refletir de que forma os direitos reprodutivos poderiam se aplicar a suas próprias vidas.

Realçamos em nossas oficinas a necessidade de observar a dinâmica de socialização das pessoas, homens e mulheres, e refletir como essa dinâmica se apresentava em suas vidas. Nas primeiras oficinas de

sensibilização com os/as jovens, eram perceptíveis as responsabilidades atribuídas às meninas. Nos temas sobre concepção e contracepção, paternidade, maternidade e aborto, os argumentos vinham carregados de estigmas de gênero – “se são elas que engravidam, elas devem se preocupar com a contracepção e todas as responsabilidades advindas de sua natureza”. Foi necessário atribuir uma história à vida reprodutiva, politizar esta história, realçar as relações de poder existentes e as suas consequências para a prevenção do HIV.

Da mesma maneira, os primeiros debates sobre o aborto nos grupos sempre levavam à condenação da mulher. Foi necessário refletir também que a punição ou não do aborto varia de sociedade para sociedade; existindo sociedades (especialmente os países considerados desenvolvidos) em que o aborto é legalmente aceito. Assim, condenar a mulher que aborta não resolve o problema. A proibição legal não tem efeitos sobre as taxas de aborto. Portanto, antes de punir uma mulher porque fez aborto, devemos considerar as razões de sua decisão e reconhecer na mulher a capacidade de tomar decisões éticas. Elas não são loucas, irresponsáveis ou desumanas. Ao contrário, as mulheres que optam pelo aborto também estão fazendo escolhas éticas, também defendem a vida: a sua, a de seus outros filhos e a de sua família.

Direitos Sexuais e Adolescência

Embora menos elaborado que os direitos reprodutivos, os direitos sexuais foram problematizados pelo movimento feminista e por outros sujeitos sociais (tais como lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros, bissexuais etc). A discussão acerca dos direitos sexuais surge como um questionamento à noção tradicional de sexualidade, orientada na heterossexualidade, na procriação e na complementaridade de papéis entre homens e mulheres. Esse padrão universal de sexualidade relaciona-se com as desigualdades de gênero – na medida em que estabelece noções como homem/ativo x mulher/passiva – e com a repressão às diversas orientações sexuais que não correspondem à conformação biológica do seu sexo.

Nesta direção Tayupanta argumenta que:

A sexualidade é uma construção social – resultado da interação de múltiplos fatores políticos, sociais, econômicos, culturais e subjetivos, como consequência de processos históricos e dinâmicos, imersos em relações sociais – na qual se expressam sistemas simbólicos, saberes, imaginários, discursos e práticas, a partir dos quais se estabelecem relações de poder, dominação, resistência e contestação. Consequentemente, a sexualidade não é uma dimensão da natureza humana imutável e/ou estática.

[TAYUPANTA, 2003:55]

Tambiah, por sua vez, indica que a sexualidade pode ser experimentada entre pessoas do mesmo sexo biológico ou de sexo biológico diferente e não está relacionada, necessariamente, à procriação. Entretanto, nossa sociedade exclui os direitos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros, transexuais e bissexuais/GLTB expressarem sua identidade sexual publicamente, excluindo também o direito à união civil, à adoção de filhos/as, etc. Neste sentido, Tambiah comenta que:

Os direitos sexuais incluem o direito da pessoa ter controle e decidir livremente sobre os assuntos relacionados a sua sexualidade, sem sofrer coação, discriminação nem violência. Incluem o direito à informação, para poder tomar decisões responsáveis sobre a sexualidade; o direito à dignidade, à privacidade e à integridade física, mental e moral ao realizar uma eleição sexual; e o direito ao mais alto nível de saúde sexual.

[TAMBIAH, 2003:45]

Nas resoluções da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, de 1995, a ONU afirmou que os direitos humanos das mulheres incluem:

As relações igualitárias entre a mulher e o homem a respeito das relações sexuais e à reprodução, incluindo o

pleno respeito à integridade pessoal, exigem o respeito e o consentimento recíproco e a vontade de assumir conjuntamente a responsabilidade e as conseqüências do comportamento sexual. [ONU, 1995:78]

Mais adiante comenta que inclui o direito das meninas ao acesso à educação e serviços de saúde e afirma que os governos devem:

fortalecer e reformar a educação sanitária e os serviços de saúde, sobretudo os programas de atenção primária de saúde, incluídas a saúde sexual e reprodutiva, e desenvolver programas de melhor qualidade que satisfaçam as necessidades da saúde física e mental das meninas... [ONU, 1995:194]

Em suas resoluções, a ONU enfatiza ainda que:

O HIV/AIDS e outras enfermidades transmissíveis por contato sexual têm efeitos devastadores na saúde da mulher, em particular das adolescentes e jovens. As mulheres nem sempre têm o poder necessário para insistir em que se adotem práticas sexuais livres de riscos...

[ONU, 1995:79]

E afirma que os governos devem adotar medidas para:

assegurar a educação e a divulgação de informações às meninas, especialmente as adolescentes, sobre a fisiologia da reprodução, a saúde reprodutiva e sexual (...), assim como em matéria de práticas responsáveis de planejamento familiar, saúde reprodutiva, enfermidades sexualmente transmissíveis, transmissão e prevenção do HIV/AIDS... [ONU, 1995:194]

Esse conceito tem relevantes implicações: A) indica que mu-

lheres e meninas são pessoas autônomas e têm a liberdade de exercer sua sexualidade; b) imputa obrigações positivas, ou seja, responsabilidades e ações diretas do Estado; c) coíbe práticas discriminatórias que restringem o exercício da sexualidade das meninas.

Um outro avanço no campo dos direitos sexuais trata da retirada do “homossexualismo” do catálogo de doenças da ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, OMS. Portanto, gays, lésbicas, travestis, transgêneros, transexuais e bissexuais, GLTB, têm o direito também de decidir livremente sobre sua orientação sexual, sem coerção ou violência.

A introdução dos direitos sexuais nas estratégias de prevenção contra as DST/HIV/AIDS é fundamental para desmistificar a relação entre epidemia do HIV e diversidade sexual. Não são os homossexuais os vetores das DST/HIV/AIDS, mas as condições sócio-econômico-políticas que determinam o perfil da epidemia. Neste sentido, estimular a prevenção contra as DST/HIV/AIDS exige desconstruir relações de gênero, repensar o papel da reprodução e conceber a sexualidade como um direito, ampliando o poder das meninas no campo privado, na intimidade das relações afetivas, questionando imagens, atitudes e comportamento sobre a noção de homem e mulher, introduzindo as diferenças sexuais como uma questão de cidadania.

Assim, a vulnerabilidade dos/as jovens ao HIV, está longe de ser um fenômeno que diz respeito unicamente a eles/as. Ao contrário, está associado também à maneira como as relações de sexo e gênero se estruturam em nossa sociedade. Avaliamos que desconstruir as noções tradicionais da adolescência e, dentro delas, as noções bipolares de masculinidade e feminilidade, opostos e complementares, tornou-se uma das premissas do trabalho da GESTOS.

As noções de “grupo de risco” e de “comportamento de risco” dos/as adolescentes, além de estigmatizar esta faixa etária, pressupõem uma noção universalista e naturalizada do sexual, dificultando intercambrar a categoria adolescente com as categorias de gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Já o paradigma da vulnerabilidade não se concentra na incidência de determinadas atitudes e práticas sociais de risco, mas nos contextos sociais e culturais nos quais a atividade sexual é moldada e

construída. Ele revela as relações de poder e as desigualdades sociais, desnaturalizando comportamentos e práticas sociais.

Assim, as oficinas de formação da GESTOS estimularam entre os/as jovens a curiosidade por desvelar o caráter social e histórico das normas sociais de gênero, instigando-os/as a estar mais atentos aos padrões tradicionais de gênero, de reprodução, de sexualidade e a protagonizar novas atitudes e práticas que desestabilizem tais padrões.

Adolescentes e Jovens como Sujeitos

Compreendemos adolescentes e jovens como sujeitos capazes de introduzir mudanças reais na sociedade e a obra de Abramo, *Cenas Juvenis*, nos auxiliou a compreender a juventude como produtora de novas falas:

(...) levantando questões e buscando provocar respostas, simultaneamente, sobre sua condição juvenil, sobre a ordem social e sobre o mundo contemporâneo.

[ABRAMO, 1994: XIV]

Esse papel vincula-se, por um lado, à ambigüidade na definição desta etapa da vida – “período de transição”, “preparação para a vida adulta” – e, por outro, à negatividade com que ela é definida – “o que não se é mais e o que ainda não se chegou a ser”. No cotidiano, a ambigüidade e negatividade se revelam nas contradições dos “comandos” dos adultos: “você é muito jovem para fazer isso” ou “você já está muito grandinho/a para continuar fazendo isso”. Essa mesma ambigüidade e negatividade predispõem a/o jovem à experimentação e à aventura. Além disso, como diz Abramo:

A juventude entra ‘de fora’ na sociedade, por não ter ainda interesses adquiridos na ordem existente, quer no sentido econômico, quer em função de hábitos adquiridos; o jovem, por não estar ainda completamente enredado no status quo da ordem social, não aceita com

passividade os valores e hábitos da vida adulta.

[ABRAMO, 1994:19]

Em torno disso, Abramo comenta que:

É por isso que os jovens podem desenvolver uma relação de descompromisso com seu grupo de origem. Os jovens podem questionar seus valores e buscar novas referências, experimentar novas pautas de comportamento e novos estilos de vida inspirados em grupos diferentes daqueles aos quais pertencem. [ABRAMO, 1994:19]

A/o jovem emerge no nosso trabalho educativo da GESTOS como um sujeito, capaz de produzir uma intervenção crítica no espaço público. Costa afirma que:

A proposta de protagonismo juvenil é justamente a de capitalização, pelos educadores, dessa tendência dos adolescentes à grupalidade em favor do seu desenvolvimento pessoal e social. [COSTA, 2000:140]

O processo educativo desenvolvido na GESTOS sempre teve como perspectiva uma postura de mudança social, assimilando, dos/as adolescentes e jovens, este momento de procura e de experimentação.

Mas que proposta pedagógica possibilitaria tratar os/as jovens como sujeitos?

Projeto de Trabalho: uma Proposta Pedagógica

Compreendemos que nossa função não seria apenas transmitir conteúdos sobre a etiologia das DST/HIV/AIDS, as formas de prevenção e a sensibilização para o uso da camisinha. Mais do que isso, temos o objetivo de facilitar aos adolescentes e jovens o desenvolvimento de estratégias e recursos para interpretar a epidemia do HIV e as DST, inserindo-as no contexto mais amplo da realidade social que envolve as desigualdades de

gênero, de classe social, os direitos sexuais e os direitos reprodutivos, o acesso às políticas públicas de saúde e a importância dos movimentos sociais na luta contra a AIDS.

Essa concepção educativa vem acompanhada do questionamento à idéia de verdade universal, fixa, sagrada e estável, proporcionando aos adolescentes e jovens o estímulo à reflexão para encontrar o que há por trás das relações sociais que parecem, a priori, naturais. Um exemplo importante desta concepção foi o tratamento que demos ao tema Relações de Gênero. Aquilo que parecia uma verdade universal e estável foi sendo transformado pelos/as jovens. O diálogo do grupo e a pesquisa sobre a realidade apontaram várias situações em que homens e mulheres, em seus cotidianos, não se apresentavam nos papéis fixos e pré-estabelecidos por nossa cultura. Do ponto de vista dos direitos sexuais, os/as jovens também observaram que homens e mulheres amam não apenas o sexo oposto. Portanto, em nossa sociedade, apesar de sua organização sexual heterossexual, existem diversas pessoas com orientações sexuais diferentes, que se amam, que querem ter filhos com parceiros/as do mesmo sexo, que querem ter o direito de expressar seu afeto sem ter que se esconder entre quatro paredes e que, por isso mesmo, a sociedade deve respeitar e o Estado deve garantir o respeito às diversas formas de viver e amar. Da mesma forma, o ato de ter e criar filhos é uma questão da cultura, portanto, influenciado pelos valores sociais e pelas lutas por direitos e acesso a serviços de saúde.

Se a verdade não é universal e fixa, por que razão ela se apresenta assim para nós? Esta foi uma outra forma de abordar os temas: as idéias não são inocentes; elas têm interesse e estão comprometidas com a hegemonia de certos grupos sociais e de certa ordem social, assim, estimulamos os/as jovens a perguntarem-se a quem beneficia e a quem marginaliza uma determinada visão dos fatos. Esta abordagem possibilitava ao grupo comprometer-se com o seu próprio aprendizado e exercitar a investigação.

Mas como construir uma postura pró-ativa dos/as jovens no processo de aprendizado? Tanto no projeto *Fazendo Arte Contra o HIV*, como nos projetos *Agentes Sociais em Saúde Reprodutiva e Sexual* e *Jovens formadores de Opinião*, eles/as tinham responsabilidades no

processo, pois iriam construir uma “intervenção social”, que era elaborada à medida que também iam construindo seus conhecimentos.² Neste sentido, a proposta pedagógica de Hernández nos auxiliou a construir nossa metodologia de trabalho. O autor propõe que o aluno participe da construção do seu próprio processo de formação através da elaboração, execução e avaliação de um *Projeto de Trabalho* (HERNÁNDEZ, 1998).

Esta proposta pedagógica parte das experiências anteriores dos/as jovens, das informações que eles/as têm sobre o tema. Em seguida, a turma define um projeto de trabalho.

Nossas atividades eram:

- ☞ Realizar um primeiro levantamento dos conteúdos e das atividades, e tratar de encontrar algumas fontes de informações que permitissem iniciar e desenvolver o projeto. Nossa pergunta, então seria: o que pretendo que os diferentes componentes do grupo aprendam com o projeto?
- ☞ Estudar e atualizar as informações sobre os temas ou problemas que abordaríamos, com o critério de que elas apresentassem novidades, propusessem perguntas, sugerissem idéias contrárias ao senso comum, de forma a permitir ao jovem ir criando novos conhecimentos.
- ☞ Planejar a metodologia mais adequada para a abordagem dos temas, com auxílio de técnicas de dinâmicas de grupo.
- ☞ Criar no grupo um clima de envolvimento e de interesse sobre o que se está trabalhando. Ou seja, reforçar a consciência de aprender do grupo.
- ☞ Acompanhar os/as jovens na elaboração de um projeto de trabalho, na execução e avaliação, apoiando-os/as na construção do produto que serviria como instrumento para a multiplicação de informações junto a outros/as jovens.

2. O processo será descrito nos capítulos seguintes.

Já as atividades dos/as jovens consistiam em:

- ☞ Elaborar um projeto de trabalho que contemplasse justificativas, objetivos, atividades necessárias para o cumprimento dos objetivos, cronograma de trabalho, sistema de avaliação, incluindo a construção de um produto que auxiliasse no seu papel de multiplicação de informações junto a outros/as jovens, que poderia ser uma peça de teatro, uma cartilha, uma exposição de artes plásticas, um livro, etc.³
- ☞ Identificar as principais dúvidas e curiosidades sobre o assunto.
- ☞ Pesquisar.
- ☞ Multiplicar informações junto a outros/as jovens, com o auxílio de um instrumento pedagógico construído por eles/as próprios/as (teatro, cartilha, livro, etc).

Nos próximos capítulos, aprofundaremos esse processo pedagógico.

Finalmente, percebemos também que aprendemos muito com os/as jovens, nos modificamos como educadores; reelaboramos nossos trabalhos e desconstruímos idéias pré-estabelecidas sobre eles/as.

3. Os capítulos seguintes apresentam, passo a passo, como os/as jovens construíram esses produtos.



meu poema é você

Elaine Cristina Rodrigues de Carvalho

Pela sua necessidade

Pela sua vontade

Pelos seus desejos

Pelos seus tantos direitos negados

Pelo seu carinho que por outros lhe é tantas vezes negado

Pela vida tão sofrida, injusta e querida.

Pelas dificuldades que se fazem tão presentes.

Mas, pela quase crença, na certeza de que podemos querer mais, e que isso não é pecado, é que repito: jovem, você é meu poema, porque também esse poema é meu, faço parte dessa dura realidade.

Difícil realidade, essa que tentam insistentemente,

Roubar de nós a esperança que nos resta,

E fazendo isso, nos desarmam para que não tenhamos como encará-la...

Ação Político-pedagógica da Sexualidade como Direito

ANA LUÍZA FUNGHETTI

NA GESTOS, AS AÇÕES INSTITUCIONAIS de prevenção visando a população jovem tiveram início em 1994, com aproximadamente 13 jovens da comunidade Ilha de Santa Teresinha, em Recife, com financiamento do Ministério da Saúde. Nessa primeira experiência, realizamos um processo de formação que refletia as relações de gênero na família e na comunidade, a sexualidade e os direitos sexuais e reprodutivos, para que posteriormente essa experiência pudesse ser utilizada nas atividades desenvolvidas pelo *Grupo Jovem de Agentes Multiplicadores/as de Informações*, na atuação junto aos seus pares.

Na construção de caminhos para o enfrentamento do HIV, consideramos que os jovens necessitam de mais informações sobre sexualidade para melhor entender seus mitos e tabus, podendo com isso ressignificar pensamentos, posturas e práticas sexuais e adotar medidas preventivas. Acreditamos ainda que o entorno de quem vivencia orientações seguras e claras nesta área se beneficiaria e que o exercício das

informações, do diálogo e da discussão ampliaria a possibilidade de melhor vivenciar o exercício da própria sexualidade, ampliando as manifestações e as possibilidades do direito a diferentes expressões.

Construímos nossa ação político-pedagógica definindo temáticas consideradas prioritárias ao bom desenvolvimento de um/a jovem na área da sexualidade, como corpo subjetivo e anatômico, concepção, contracepção, DST/AIDS, sexo seguro, o papel do agente multiplicador. Todo o desenvolvimento da proposta foi cuidadosamente discutido entre as componentes da equipe técnica: uma psicóloga, uma assistente social e uma antropóloga. Os conteúdos foram trabalhados com os jovens através de uma didática lúdica e criativa que envolveu também a expressão inventiva dos sujeitos, através de colagens, trabalhos com sucata, desenhos, músicas, como forma de dinamizar o trabalho, tornando-o mais prazeroso. Todo o trabalho com informações sempre esteve envolto em reflexões sobre as normas e representações sociais em torno da sexualidade.

Em 1997, teve início o projeto *Fazendo Arte Contra o HIV* que mantinha a proposta de formação de agentes multiplicadores, através do conhecimento dos temas citados acima, mas intensificando, como meio, a arte-educação e as Técnicas de Dinâmica de Grupo.

Antes de iniciar as oficinas, fazíamos uma sondagem dos conhecimentos pré-existentes, para, valendo-se desses conhecimentos, esclarecer e aprofundar idéias e informações. Deste modo, o grupo iniciava sua participação no projeto vivenciando as *Oficinas de Sensibilização*. Nestas, a reflexão incluía diferentes abordagens: as representações do masculino e do feminino; as responsabilidades atribuídas às meninas na casa; os lazeres diferenciados (em que os meninos estão mais na rua e as meninas mais em casa); a desigualdade de direitos no exercício da sexualidade e as pesadas responsabilidades das meninas com a vida reprodutiva; os estigmas e os preconceitos frente às diversas orientações sexuais; o namoro, os diversos comportamento e práticas sexuais na adolescência; os métodos contraceptivos, o aborto, as DST/HIV/AIDS, a camisinha.

Em cada oficina, valorizávamos o saber existente e a cultura local, criando um espaço lúdico e de troca de experiências em que a

aprendizagem e o saber eram reforçados. A constatação de que tinham se apropriado de um novo saber levava os/as jovens a se verem de forma mais positiva.

Paralelamente às *Oficinas de Sensibilização*, os/as jovens vivenciavam as *Oficinas de Artes*, com dança, música, teatro, artes plásticas. Através dessas diferentes linguagens, foi possível desenvolver uma postura de conhecimento e autocuidado, facilitando a expressão de gestos, pensamentos, sentimentos, com vistas a uma maior aceitação e elevação da auto-estima.

Após essas etapas, os/as jovens passaram para o momento da criação de um produto artístico, com o qual iriam visitar as escolas públicas, divulgando a criação coletiva e discutindo sexualidade.

Destacamos que esse projeto foi desenvolvido durante seis anos, de 1997 a 2002, com quatro grupos, perfazendo um total de 100 jovens participantes. Essa experiência levou informações, material didático, arte e diversão às escolas públicas do Recife, Camaragibe e Olinda, atingindo nesse período, aproximadamente, 10 mil jovens. O projeto construiu como produtos uma cartilha: *Conhecendo a AIDS*; um livro: *E aí Tá Ligado*; três peças teatrais: *Fora de Risco: a Missão*, *A Caixa Mágica* e *Corações e Mentes*; além de uma exposição de artes plásticas intitulada *Segundas Intenções*.

Outra experiência significativa, desenvolvida nesses nove anos, foi a formação de agentes sociais para atuar nas comunidades, através do *Projeto de Formação de Agentes Sociais em Saúde Sexual e Reprodutiva*, financiado pelo *Programa Comunidade Solidária*, no período de 1998 a 2000. O projeto foi inicialmente pensado nos moldes do *Programa dos Agentes Comunitários em Saúde* para que pudesse integrar-se às equipes de saúde já existentes na comunidade. O diferencial é que a atuação seria para a área dos direitos sexuais e reprodutivos e a ação seria realizada por jovens. Participaram dessa experiência 50 jovens.

O trabalho mostrou que a disseminação de informações entre os pares através de outras estratégias metodológicas pode ser funcional. Alguns jovens desse grupo e outros projetos da instituição que integraram as duas experiências se tornaram referências nesses temas em suas comunidades, continuando a desenvolver pequenas ações educati-

vas mesmo depois do projeto finalizado, quer por desejo individual, quer por necessidades percebidas pela comunidade.

Diante da experiência desenvolvida e do fato de alguns jovens constantemente buscarem o apoio da GESTOS, mesmo após o término do projeto, a equipe técnica desenvolveu a idéia de constituir um grupo de lideranças jovens que se tornassem educadores/as e construísem experiências mais amplas de prevenção às DST/HIV/AIDS em comunidades e organizações sociais.

Assim, em 2001, foi iniciado o projeto *Jovens Formadores/as de Opinião* que, financiado pelo USAID/POMMAR-PARTNERS no período 2001 a 2004, idealizou o trabalho, com o planejamento, monitoramento, avaliação e sistematização, considerando as práticas anteriores e redefinindo suas metodologias e estratégias.

A experiência já vivenciada e a identificação de novas necessidades consideradas importantes para a atuação de um/a jovem numa ação socioeducativa levaram-nos a planejar a formação em três eixos:

SEXUALIDADE – Com base no conceito de sexualidade, foram retomadas temáticas como corpo subjetivo e anatômico, DST, AIDS, direitos sexuais e reprodutivos, cidadania sexual e saúde reprodutiva. Tais temas foram desenvolvidos de maneira a aprofundar o conhecimento numa perspectiva metodológica de utilização de textos complementares e discussão, em que a leitura se constituiu a parte mais relevante dessa abordagem metodológica.

FORMAÇÃO POLÍTICA – Valendo-se da consciência da identidade social do indivíduo, foram incluídos neste módulo a formação e os movimentos sociais, que se propunham a analisar os movimentos juvenis, a importância da participação e atuação social e política das/os jovens. A partir disso, houve o estímulo ao engajamento em movimentos e grupos locais. Quase todos os jovens passaram a atuar num grupo articulado ao movimento social, como exercício de cidadania. Tal resultado fez o diferencial desse projeto.

METODOLOGIAS PARA O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL – Foram retomadas várias estratégias metodológicas como teatro, teatro do oprimido, teatro-fórum, técnicas de dinâmica de grupo, narração de histórias, arte-educação, a fim de instrumentalizar a ação educativa com

mais criatividade.

Concluídos os três eixos da formação, desenvolvemos com o grupo a construção de *Projetos Sociais, Planejamento de Estágio e Planos de Aulas*, como forma de organizar e dimensionar o início das ações de “formação de opinião” nas diferentes instituições. Todo o conteúdo foi trabalhado com o objetivo de visualizar um outro lugar para esse jovem, o lugar do educador social que discute, reflete, orienta outras/os jovens no campo dos direitos sexuais e reprodutivos.

Depois desse segundo momento da formação, iniciou-se o processo de articulação com ONG e instituições sociais, com visitas para definir as instituições a serem beneficiadas com o estágio desses/as jovens. Mais de cinquenta organizações foram visitadas, segundo critérios construídos pelo grupo de jovens nos dois anos de desenvolvimento do projeto.

Durante a continuidade do projeto, ampliamos o programa de estágio, que inicialmente envolvia oito organizações, para um total de 24 instituições. Outras metas puderam ser incorporadas, como a sistematização da experiência, que consiste num processo de formação de atitudes na troca de saberes e construção de conhecimento. A inserção deste grupo no mercado de trabalho se constituiu a meta inovadora e mais desafiadora de todas. Algumas estratégias foram montadas para tal, como um curso em articulação com o programa *Meu Primeiro Emprego*, da AGÊNCIA ESTADUAL DO TRABALHO, que orientou o grupo para o mundo do trabalho. Essa experiência apresentou resultados, pois realmente conseguimos que eles/as atuassem na prevenção às DST/HIV, incentivando e mobilizando outros/as jovens para a necessidade de prevenção.

O Monitoramento na Formação Continuada

Além dos três eixos da formação do grupo, durante todo o seu processo de atuação, os temas e assuntos, trabalhados anteriormente, eram revisitados, numa perspectiva de formação continuada. Consideramos a educação-formação continuada como um dos diferenciais neste projeto.

Outra ação fundamental foi a implementação de uma oficina

que permitiu que conhecêssemos e nos aproximássemos de instituições que pudessem contribuir para a construção de *Projetos Sociais*, *Plano de Estágio* e *Plano de Aula*. Destacamos ainda o monitoramento na dinâmica de supervisão do estágio. Esses conteúdos tinham como objetivo instrumentalizar a equipe para o maior domínio do exercício do ensinar-aprender, favorecendo o bom andamento e desempenho do estágio.

Conhecendo as Instituições

O conhecimento das instituições de estágio foi uma experiência que envolveu a equipe de jovens completamente. O grupo construiu um roteiro de perguntas para as visitas que seriam realizadas e definiu quais instituições iriam visitar, com base na relação das instituições cadastradas no CONSELHO MUNICIPAL DE DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – COMDICA.

O próprio grupo selecionou as instituições a serem visitadas com base em critérios de interesse pela ação da instituição ou curiosidade para conhecer seu trabalho.

Os resultados das visitas foram apresentados através de relatório oral e escrito que oportunizou a construção e formação de opiniões. O exercício levou o grupo a definir os critérios de eleição das instituições beneficiadas com o estágio. Foram definidos os seguintes critérios: interesse da instituição pelo estágio, estrutura física que possibilitasse o desenvolvimento das oficinas, público-alvo, horário de trabalho compatível com o do grupo, localização e disponibilidade para a programação do estágio.

Elaboração de Projetos Sociais

Com o objetivo de orientar o grupo para a elaboração de projetos, propusemos um modelo simples, dentro da metodologia de *Projetos de Trabalho Educativo*, que consistia na seguinte estrutura: nome, sumário, apresentação, justificativa, objetivos geral e específicos, resultados esperados, público-alvo, metodologia, cronograma de atividades e orçamento.

O *Planejamento do Estágio* ofereceu noções para elaboração do *Plano de Estágio* e do *Plano de Aula*, seguindo referenciais das disciplinas de *Prática de Ensino* na área da educação. O *Plano de Estágio* deveria responder aos seguintes itens: dados de identificação da instituição, características do grupo a ser trabalhado, conteúdos a serem desenvolvidos, recursos necessários, distribuição do tempo em cada conteúdo e objetivo dos mesmos, procedimentos a serem adotados em cada tema, avaliação e bibliografia.

O *Plano de Aula* compreendeu a seguinte estrutura: dados da instituição e turma, conteúdos desenvolvidos, objetivo, detalhamento da oficina, recursos, bibliografia.

Com essa estruturação, os/as jovens tiveram oportunidade de aprofundar seus conhecimentos nas Técnicas de Dinâmica de Grupo, as quais constituem ferramentas para a ação educativa cotidiana. Além disso, foram elaborados instrumentos de trabalho que possibilitassem, no menor período de tempo, o conhecimento do grupo de crianças e adolescentes que seria trabalhado pelas/os jovens educadoras/es, utilizando um roteiro de entrevista que levantava informações sobre a vida familiar, escolar e pessoal de cada criança e adolescente. Foi, também, organizado um *kit* contendo textos, folders, livros e material didático que, quando necessário, era levado e usado em estudos e pesquisas.

Essas experiências subsidiaram os/as jovens educadoras/es no primeiro confronto com o fazer. Exigiram muito do grupo, pois eram tarefas nunca exercidas anteriormente. Todavia, apesar das dificuldades, eles/as avaliaram, posteriormente, que todas foram necessárias não só para a organização do trabalho, como também para as tarefas do estágio e o trabalho com os diferentes grupos de crianças e adolescentes. A avaliação processual se deu na continuidade do monitoramento.

Outros recursos utilizados ao longo do projeto foram: textos de apoio, filmes (vídeo e cinema), peças de teatro, além de todos os eventos de formação e articulação social e política, estimulados no módulo de formação política. Os textos promoviam reflexões sobre política, juventude, filosofia e assim contribuíam para formar um pensamento crítico. Muitos foram extraídos do jornal *Mundo Jovem*⁴, da revista *Nova Escola* e de livros sobre juventude e sexualidade.

4. Organizado pela PUC-RS.

Os filmes se relacionavam às temáticas desenvolvidas no projeto e aos interesses do grupo. Podemos citar: *Amistad*, *A Excêntrica Família de Antônio*, *Hair*, *O Pescador de Ilusões*, *A Vida é Bela*, *Shakespeare Apaixonado*, *Em Nome de Deus*, *Domésticas*, entre outros. Alguns espetáculos teatrais assistidos foram: *O Auto da Compadecida*, *De Uma Noite de Festa*, *A Emparedada*, entre outros.

Tivemos a convicção de que todas essas ações refletem o anseio e a necessidade da juventude, contribuindo para formar consciência crítica, fortalecer a integração do grupo e promover a convivência social, conectando o jovem com o mundo e a sociedade em toda a sua complexidade.

Monitoramento Via Supervisão de Estágio

Foi adotada uma rotina semanal de encontros de supervisão ou monitoramento dos trabalhos em desenvolvimento nos estágios, em que os principais acontecimentos vividos em cada instituição eram revisitados.

Definido o caso a ser comentado, a dupla responsável pelo estágio se encarregava de fazer a narrativa das principais situações do dia-a-dia naquela instituição. As narrativas pouco se relacionavam às dúvidas sobre os temas trabalhados nas oficinas de formação, o que nos dava a segurança de que o grupo estava preparado para o desenvolvimento dessas atividades; entretanto, mantivemos o hábito de reciclar e realimentar, no diálogo com o grupo, os fundamentos teórico-metodológicos orientadores das ações dos/as jovens. Por outro lado, algumas vezes as crianças e adolescentes beneficiados/as solicitavam novas temáticas ou percebiam outras necessidades, o que de pronto era preparado pela dupla responsável pelo estágio.

Um segundo aspecto abordado nos encontros de supervisão dizia respeito à dinâmica das relações no espaço institucional em que os/as jovens estagiavam. A relação dos estagiários com os técnicos da instituição e com a gestão, os fatos que tinham relação com a ação do grupo ou com a vida dos/as jovens naquela instituição, mereciam atenção de todo o grupo. Vale salientar que em algumas instituições esse aspecto entrou no processo de trabalho dos/as jovens. Em outras,

desvendou contradições e ambigüidades que mereceram, na sistematização, uma reflexão temática por parte dos/as jovens, visando construir conhecimento a respeito.

Porém, a maior necessidade vivida em nossos encontros de supervisão dizia respeito às relações interpessoais dos diferentes grupos atendidos. Grupos de algumas entidades foram organizados para participar exclusivamente das oficinas de orientação sexual, o que exigiu maior empenho dos/as estagiárias, pois eles/as tiveram que perceber todo o movimento na formação do grupo, seus conflitos, para então promover a integração, o que nem sempre é fácil. Outros grupos apresentaram problemas de relacionamento, que passaram a ser cuidados logo que foram percebidos. Alguns grupos desafiaram os/as estagiário/as na solução de certos conflitos existentes entre eles/as, o que exigiu que, além do conteúdo a ser trabalhado, eles contribuíssem na organização e fortalecimento do grupo.

Um longo capítulo iniciou-se em relação à teoria de dinâmica de grupos nos encontros de monitoramento. Novas questões e decisões eram tomadas a partir desses encontros. O trabalho foi permanentemente supervisionado. O estímulo à escuta possibilitava o envolvimento com o saber e com a aprendizagem do outro. Tudo acontecia em grupo, numa relação de troca e diálogo constante.

O processo de planejamento, monitoramento e avaliação do estágio ofereceu aos jovens a possibilidade de assumir a construção do trabalho que iria se desenvolver. Em contato com os grupos e as instituições, definiram conteúdos e estruturaram a ação político-pedagógica a ser empreendida. À medida que os estágios aconteciam, existiam dois grupos de questões que influenciavam permanentemente o desenrolar das ações: a realidade das crianças e adolescentes beneficiados e a dos/as próprios/as jovens que integram o projeto na GESTOS. A ação de monitoramento e supervisão incidia sobre cada instituição, que vivia os desafios, acertos e desacertos trazidos pelo grupo na descoberta de sugestões para novos procedimentos.

Essa prática facilitou a relação entre todos/as e fortaleceu a idéia de educadores/as e de educar como um ato de criação constante do conhecimento e da aprendizagem.



II

Os Conteúdos e os Métodos de Educação entre Pares



meu poema é você

Flávia Vasconcelos de Assis

Você foi, é e sempre será minha fonte de inspiração, fonte esta que, antes de qualquer coisa, eu procuro buscar para conhecer melhor. E a cada dia que eu passar junto a você, recordar intensamente os nossos momentos juntos.

Você é pra mim como a água é pro mar.

Você é que me dá forças para continuar buscando, e busco quando tenho que ir ao seu encontro. Mais do que qualquer coisa que eu já encontrei na vida, você foi quem me ensinou a construir e a ter tudo que tenho.

Ensinou-me a ter paciência, a ter domínio sobre aquilo que transmiti, me ensinou muito mais que tudo, fez que me encontrasse naquilo que gosto de fazer e ver a importância de tudo que aprendi e quero aprender.

É por isso e muito mais que eu luto e acredito que, juntos, eu e você, podemos distribuir aquilo que tivemos a oportunidade de aprender.

E nestas simples frases quero lhe dizer: meu poema é você!

O Módulo de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos

ANA LUÍZA FUNGHETTI

NO PRIMEIRO MOMENTO, ESTE MÓDULO de formação foi nomeado *Saúde Sexual e Reprodutiva*. A avaliação preliminar que fazemos é que, passados dois anos do início da experiência, a consciência desse tema foi ampliada e hoje se desenvolve na perspectiva dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos. O módulo incorporou dois processos/disciplinas: relações de gênero; direitos sexuais e direitos reprodutivos; sexualidade e saúde sexual e reprodutiva.

Relações de Gênero Direitos Sexuais e Reprodutivos

Essa disciplina foi ministrada inicialmente para sensibilizar o grupo quanto ao tema. Iniciado com um diagnóstico para conhecimento prévio do grupo, o trabalho partiu da conceituação de gênero, buscando identificá-la nas narrativas do dia-a-dia e discutia as possibilidades e dificuldades para implantar relações de gênero igualitárias na sociedade. Traçava um panorama da luta das mulheres através dos tempos, chegan-

do ao feminismo e sua base política, para a conceituação de gênero.

Em relação ao tema dos direitos sexuais e reprodutivos, foi traçado um panorama da realidade brasileira e das iniciativas do governo, nas esferas legislativa e executiva, impulsionadas pela *Conferência Internacional da Mulher, Pequim, 1995*. Nessa oportunidade, foram discutidos os obstáculos à implantação dos direitos sexuais e direitos reprodutivos.

Sexualidade, Saúde Sexual e Reprodutiva

Esta disciplina objetivou discutir a sexualidade pela visão histórica, cultural e conceitual, ampliando a compreensão e a possibilidade de análise dessa temática. A sexualidade foi estudada como uma categoria de alienação ou libertação do sujeito homem e mulher. Nesse processo, tentamos reconstituir a história da sexualidade desde os primórdios da humanidade.

Ao discorrer sobre as fases do desenvolvimento psicosssexual, no intuito de ampliar o entendimento sobre a sexualidade do indivíduo, desde a infância, essa disciplina favoreceu a compreensão de todos/as a respeito do seu próprio desenvolvimento. Como atividade paralela, foi proposta a leitura do livro *Corpos, Prazeres e Paixões* do antropólogo americano, radicado no Brasil, Richard Parker, que resgata a construção do imaginário sexual do povo brasileiro através de sua história.

A partir daí iniciou-se o trabalho sobre o “corpo” em seus aspectos anatômico, fisiológico e simbólico. Trabalhamos a concepção do nascer, com todos os seus segredos; os métodos contraceptivos, desde os naturais até a intervenção cirúrgica. O aborto e a gravidez na adolescência foram temas muito debatidos, devido à complexidade do assunto em um trabalho de orientação sexual. As DST, o HIV e a AIDS, com todos os seus aspectos, constituíram conteúdos finais deste módulo.

Esses temas foram desenvolvidos numa perspectiva de possibilitar ao jovem o movimento de olhar para si, trabalhando o corpo, mexendo com a identidade, reconhecendo o ser humano na sua integralidade. Ao mesmo tempo estimulamos o olhar para fora, para o social e oferecemos condições para que esta aprendizagem fosse repetida com

outros pares.

Em relação aos aspectos metodológicos, trabalhamos com estudo de textos, músicas, filmes, técnicas de dinâmica de grupo, discussões, trabalhos em grupo e avaliação processual.

O Processo e a Dinâmica na Vivência

Sempre acreditamos que a disciplina com enfoque na sexualidade seria ministrada sem muitas dificuldades, pois os/as integrantes do projeto vinham de dois projetos anteriores na instituição, já tendo vivenciado essas temáticas em formações anteriores. A proposta era trabalhá-las neste momento de modo aprofundado, estimulando o papel de protagonista na disseminação das informações.

De certa maneira, o conhecimento adquirido ficou evidente desde o início do desenvolvimento do tema. Na oportunidade, o grupo construiu um conceito amplo de sexualidade, abrangendo todas as formas de manifestação de carinho, afeto, eroticidade, descobertas, e relativizando aspectos da ordem da cultura e da natureza, o que trouxe à tona questões impostas pela sociedade, como *a menina tem que manter o respeito*; a consciência dos mitos e tabus, os riscos atuais com as drogas e a AIDS, as diversas formas de manifestação de prazer e a possibilidade de realizar grandes descobertas na área da sexualidade.

Poucas dúvidas foram evidenciadas em relação aos aspectos anatômicos e fisiológicos do corpo do homem e da mulher. Porém, foram solicitadas maiores explicações sobre a parte interna do aparelho genital masculino, pois segundo eles/as “é difícil de lembrar”.

Em relação à mulher, as principais dúvidas foram sobre os alimentos mais indicados para o período da menstruação, o cheiro provocado por ela, o tamanho da vagina e a posição do absorvente interno. Observamos neste grupo, assim como em outros, a tendência de excluir as mamas nos desenhos do corpo feminino. Averiguamos a curiosidade sobre os tipos de parto e o relacionamento sexual durante a gestação, se o pênis grande incomodava na relação sexual e ainda havia curiosidade quanto à clonagem e *Síndrome de Turner*.

Existe, de certo modo, em muitos grupos de jovens, um encan-

tamento em relação ao ato da concepção e ao desenvolvimento embrionário. Neste não foi diferente. Em relação aos métodos contraceptivos, existia a consciência da valorização do preservativo masculino, ligavam o DIU à infertilidade e o anticoncepcional hormonal oral ao mito de provocar a “massinha no útero”. Tiveram curiosidade em saber ainda sobre as injeções hormonais.

Aborto foi um tema bem trabalhado, respeitando todas as diversas posições existentes dentro do grupo em relação a ele. Por sinal isso chamava atenção, pois entre os 15 participantes existiam os que eram radicalmente contra o aborto, inclusive, nas situações de estupro e risco de vida para a mãe – se diziam defensores da vida das crianças; os que eram favoráveis somente nas situações legais; e os/as que defendiam a discriminação do aborto.

Algumas meninas com pensamento e formação feminista ficaram muito incomodadas com a postura dos mais radicais, assim como estes em relação às feministas, mas o debate foi muito interessante, pois ressaltava a importância de se admitir a diferença de opiniões e posturas, principalmente por terem que em breve lidar com situações educativas nas quais o aborto seria um dos temas desafiadores. A orientação metodológica era de que nenhuma posição poderia ser imposta aos seus pares.

A gravidez durante a adolescência foi trabalhada numa tentativa de refletir sobre os vários motivos relacionados a este fenômeno mundial.

Entre as Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST –, os/as jovens buscaram saber mais sobre a sífilis, bem como sobre os exames a serem indicados, que tipo de agente era o causador, se existe tratamento e o tempo de duração de uma fase para outra. Esse é um tema pouco abordado pela maioria dos grupos de jovens. Desejavam também saber mais sobre os exames indicados para confirmar o vírus do Herpes, sobre o HTLV e os sinônimos do HPV. Sobre a AIDS, somente quiseram saber a respeito das vacinas.

Nas situações educativas, vivenciadas pelos jovens posteriormente, ouvir o educando sem preconceito e discriminação foi a primeira orientação. Ser a referência de todas as informações possíveis, esclarece-

dora de dúvidas e inquietações, permitia levantar o debate, construindo, desconstruindo, reconstruindo idéias, pensamentos, sentimentos, conceitos, propiciando a cada um a construção de sua opinião.

A constatação de que o grupo possuía conhecimentos em relação aos temas desenvolvidos, tornou a experiência boa e prazerosa. A facilitadora e o grupo construíram um diálogo sobre sexualidade de maneira aberta e sem preconceito: talvez este tenha sido o grupo de maior maturidade e abertura para o diálogo. O grupo foi estimulado a fazer novas buscas, leituras e reciclagens no modo de ensinar. Não podemos deixar de valorizar como este encontro gerou novas aprendizagens.

Por que Protagonismo e Educação entre Pares?

Estimular o protagonismo coloca o/a jovem em outro lugar e posição dentro do contexto social. Estimula-o a se tornar co-autor/a de idéias e oportunidades que possibilitam a expressão de suas habilidades e capacidades. Este/a jovem pode tornar-se referência de outros valores e atitudes diante de seus pares, condição que favorece a mobilização de outros jovens para ocuparem novas posições e espaços. Este exercício e seu resultado asseguraram ao jovem a possibilidade de se ver de modo mais confiante, favorecendo a auto-estima e o alcance de mudanças. Situações adversas podem colocá-lo à prova, mas representam uma condição favorecedora da consciência de si e da situação em que se encontram. O estágio foi orientado para ser realizado em duplas para oportunizar a troca de saberes, o diálogo em torno do sentimento da construção coletiva e a segurança pessoal diante da desafiadora tarefa de fomentar condições para que opiniões floresçam, com base nas informações a serem disseminadas. A supervisão semanal oferecia ao grupo a oportunidade da formação continuada. Através dela, como processo de monitoramento, o/a jovem pode se perceber no crescimento e na coragem de ir mais além das soluções e desafios encontrados.

Percebemos esses /as jovens com mais capacidade e facilidade de planejar suas vidas, preocupados e engajados em atuar na melhoria de questões e problemas que envolvem outros jovens. Hoje, ao finalizarmos

esta tarefa, encontramos boa parte deste grupo envolvido com crianças, adolescentes e jovens, ou construindo novos projetos para atuação social.

Enfim, os/as jovens mudaram e descobriram, conforme demonstram na terceira parte deste livro. Vale salientar o quanto significativo pode ser a expressão dos seus sentimentos, ao tomar consciência das situações que lhes foram adversas.

meu poema é você

Ana Luiza Funghetti

*Que encontro todo dia e vejo crescer
Que está aqui e se revela
Mas ao mesmo tempo me mostra que existem segredos
De uma vida, de uma história que é só sua
Mas que clama em se mostrar,
Sem muitas vezes saber como ou de que jeito,
Pois não sabe se irá agradar
Outras vezes se mostra inteira, revelando gestos e maneiras
Que marcam sua presença, sutil, mas no fundo forte
De quem precisa acreditar, pensar, gostar e continuar.*

meu poema é você

Taís Maria da Silva

*Como é bom nascer e viver e saber que existe pessoa tão companheira
Que sabe ouvir as nossas necessidades
E que nos ensina a buscar nossos ideais.
E tem um significado tão marcante em minha vida.
Obrigada Ana.*

Metodologias para o Trabalho de Orientação Sexual

BETO VIEIRA

A POSSIBILIDADE DE FAZER ESTA VIAGEM – escrever sobre metodologias de trabalho em gênero, direitos sexuais e reprodutivos como estratégia de prevenção a DST/HIV/AIDS com jovens – é realmente uma grande aventura. Não só pelo desafio que é cruzar caminhos tão diversos e afins, com suas paisagens, encantos e segredos: arte e relações de gênero, arte e direitos sexuais e reprodutivos, arte e sexualidade, mas porque transversalizar esses temas implica envolver atores/personagens tão especiais: educadores e jovens da GESTOS.

EDUCADOR-EDUCANDO – é a relação educador-educando que traz os significados para a construção de uma proposta pedagógica. Se esta proposta contextualiza a educação sexual com jovens, vários são os olhares e tudo está por fazer.

O educador, por si mesmo, nunca será um educador. Será sempre, isto sim, um educador-educando. Alguém disposto a agir sempre como um “aluno incansável” e como um

“professor incansável” dos seus educandos, os quais, por sua vez, como nos ensina Paulo Freire, tornam-se, no interior desse mesmo processo, educandos-educadores. (...) As duas significações contidas neste hífen correspondem, respectivamente, ao conteúdo e ao método.

[COSTA, 1999:14]

O conteúdo é a relação educador-educando na inteira verdade de sua face contraditória e diversa, bem como das suas múltiplas determinações. O método é a disposição permanente e sistemática de aprender com a própria prática.

Sistematizar a prática não é constante, nem no exercício das experiências alternativas em educação, nem nas práticas tidas como “oficiais”, por dificuldades históricas e culturais. Seja pela ausência de tempo, de recurso, de hábito ou solidão do educador, ou pelo simples fato de preferirmos desprezar o óbvio – refletir sobre nós mesmos e sobre nossas relações.

Nos últimos anos, a utilização de histórias de vida como metodologia de pesquisa e metodologia de ensino-aprendizagem na formação de professores tem tido grande importância na reumanização da educação no Brasil. Peter Abbs, destacado professor da UNIVERSIDADE DE WALES, estabelece as bases filosóficas do lugar da autobiografia na educação, mostrando a profunda necessidade de a educação de educadores incorporar o estudo reflexivo de identidade e valores pessoais. Nesse sentido, afirma Abbs, “a autobiografia é o esforço de busca para responder as questões: Quem sou? E como me tornei o que sou?”.*

Lembramos os nossos primeiros passos na GESTOS (1999). Era a segunda etapa do projeto *Fazendo Arte contra o HIV*, um grupo muito forte, iniciado pela arte-educadora Mônica Jácome, que nos ensinou muito. Esses jovens tinham traços comportamentais marcantes: a arte-cultura, a constante desconstrução de tabus e preconceitos e a participação política.

Em 2000, com a ampliação da equipe de arte-educadores (Lau Veríssimo, Orlando Nascimento, Virgínia Marques e Beto Vieira)

* Ano de publicação da obra de Abbs apud BARBOSA, ano de publicação de *Por uma arte-educação multicultural*, p. 7. Barbosa não consta da bibliografia.

traçamos as primeiras reflexões sobre o sentido do projeto *Fazendo Arte Contra o HIV*, para a equipe de técnicos, educadores, artistas e jovens. Sílvia Dantas (na época coordenadora do *Programa de Prevenção da GESTOS*) sempre insistia em provocar a equipe com a discussão, através de grupo de estudo, sobre qual o eixo político-pedagógico do *Programa de Prevenção*.

Na construção dessa questão, levantamos pontos em comum da nossa trajetória formativa e três pontos referenciais foram mais tarde estabelecidos:

- ∞ a arte-educação;
- ∞ a desconstrução dos valores sobre as relações de gênero, os direitos sexuais e reprodutivos;
- ∞ a participação política.

Antes de retomar essa trajetória autobiográfica, faremos considerações na tentativa de contribuir para a construção dos fundamentos teóricos e metodológicos da educação em gênero e direitos sexuais e reprodutivos com jovens, desenvolvidos na GESTOS, ressaltando três eixos referenciais:

- ∞ A arte-cultura não apenas como rico instrumento para construção e aplicação de conteúdos, mas um rico alimento para o desenvolvimento humano e social.
- ∞ A revisão de valores relacionados à sexualidade, em consonância com os direitos de cidadania em uma sociedade democrática e plural: classe social, gênero, orientação sexual, raça/etnia, credos, geração, etc.
- ∞ Só através da participação político-social consciente, construiremos identidades e procedimentos de forma crítica e seletiva.

Voltando para 1999, o chamado *Movimento Mangue** estava no auge, os/as jovens redescobrimo os ritmos pernambucanos, o projeto

* Movimento baseado na valorização das tradições locais em confluência com musicalidades e comportamentos do mundo ocidental desenvolvido, cujo lema principal era “caranguejos com cérebro”.

Nascedouro de Peixinhos, o festival de música *Abril Pro Rock*, novas identidades, contatos com outras ONG, fóruns juvenis, redes, crises, drogas e AIDS.

Nesse contexto, montamos a peça teatral *Fora de Risco: Missão*, uma construção coletiva que levava o debate sobre sexualidade para outros jovens das escolas públicas do Recife, incluindo temas como masturbação, homossexualidade, gênero, preconceito, HIV e solidariedade.

Não havia fórmulas, tudo caminhava e estava por acontecer. Mas tínhamos uma certeza: aquela ação educativa precisava dos artistas jovens para a construção da proposta político-pedagógica.

Chegou o ano 2000

Nesse período, a GESTOS formou uma equipe de artistas que incluía artistas plásticos, dançarina performática, ator e diretor de teatro, músico e sonoplasta, todos/as envolvidos/as também com educação. A partir desse encontro, dessa mistura de linguagens, dessa pluralidade de jeitos e formas, fomos colocando no caldeirão as experiências da GESTOS e as bagagens acumuladas nos nossos itinerários formativos, nossas fontes, sonhos e desejos. Vale destacar a sensibilidade de Ana Luíza Funghetti para coordenar uma equipe tão diversa. Experiências acadêmicas, populares, alternativas e experimentais da produção artística local, junto a um novo grupo de jovens, igualmente plural e criativo, fez fermentar transgressões deliciosamente transformadoras.

Podemos sistematizar três orientações educacionais referentes ao trabalho com os artistas:

A ARTE PELA ARTE – a arte é relevante em si mesma e não são necessárias outras justificativas.

RELEVÂNCIA PESSOAL – o conteúdo deve emergir da relação do artista com os alunos em direção à expressão pessoal.

RECONSTRUTIVISMO SOCIAL – o conteúdo da arte deve incluir uma análise da sociedade. A arte deve desen-

volver a consciência crítica entre os alunos.

Segundo Ana Mae Barbosa, o artista mais estimulante é aquele que tem como conceito a variável um (1), isto é, Arte pela Arte; como metodologia, a variável dois (2), Relevância Pessoal; e como ideologia, a terceira variável (3), o Reconstrutivismo Social.

Educadores, arte-educadores e jovens comprometidos na realização de uma ação pedagógica de promoção do ser humano para o bem viver nas idades – constituiriam exemplo do que poderia ser a definição de ser cidadão.

Assim, a ação pedagógica *orientação sexual e arte-educação* visa favorecer o bem-estar sexual dos indivíduos, pela identificação e expressão de sentimentos através da arte.

Para o *Programa de Prevenção* da GESTOS, esses objetivos estão diretamente ligados ao desafio de diminuir e combater novas infecções pelo HIV, principalmente entre sujeitos socialmente vulneráveis, jovens de camadas sociais menos privilegiadas e outros segmentos sociais envolvidos. Assim, o projeto *Fazendo Arte Contra o HIV* buscava a construção de produtos artísticos que mobilizassem uma discussão envolvendo seus principais autores/atores: jovens. Fomos ensaiando as primeiras fundamentações metodológicas desse trabalho, considerando os seguintes aspectos:

- ∞ Assegurar a capacitação continuada da equipe, para um trabalho pedagógico sistemático.
- ∞ Não resumir a AIDS a uma epidemia que deve ser combatida, mas a uma questão relacionada às desigualdades de gênero, aos direitos sexuais e reprodutivos e à cidadania, possibilitando a discussão acerca da vulnerabilidade social.
- ∞ Respeitar o patrimônio cultural dos sujeitos envolvidos na Ação e, conseqüentemente, estimular a convivência com outras culturas, sem perder o senso crítico e seletivo.
- ∞ Desenvolver e utilizar as diferentes linguagens – verbal,

plástica, gráfica, corporal – como meio de produzir e expressar suas idéias, percebendo-se capaz e criativo,
 ∞ Produzir e socializar saberes.

Em relação à construção do conhecimento, o projeto *Fazendo Arte Contra o HIV*, tem o seguinte formato metodológico básico:

SELEÇÃO DOS JOVENS – Processo rico em que a comunidade e outras organizações participam. Identificam-se parceiros, mobilizam-se expectativas; conhecemos pessoas, iniciamos vínculos, sofremos com as demandas, nem sempre acertamos, mas fazemos bons amigos.

OFICINAS DE ARTE-EDUCAÇÃO – Dos conteúdos trabalhados fazem parte iniciação à história da arte e conteúdos específicos de dança, artes-plásticas e teatro, numa filosofia distante do modelo tradicional adotado por algumas escolas públicas ou particulares que trabalham com arte. Assim, não trabalhamos com uma representação meramente instrumentalizadora da arte, mas com uma valorização do potencial criativo voltado para o prazer de perceber-se autor, capaz, amado e fortalecido.

OFICINAS DE SENSIBILIZAÇÃO – Conteúdos temáticos referentes às relações de gênero, à sexualidade, à orientação sexual, aos direitos sexuais e reprodutivos com ênfase na prevenção às DST/HIV/AIDS. Aqui a sexualidade não é trabalhada só como uma questão pessoal, mas social e política, desmistificando e construindo valores em torno do tema.

EDUCAÇÃO PARA CIDADANIA E ARTICULAÇÃO POLÍTICA – Alguns temas eram introduzidos dentro do Módulo de Sensibilização, mas com um enfoque mais específico de organização dos jovens, sem o caráter corporativista, mas de construção de identidades: redes, fóruns, movimentos, intercâmbios com ONG, eventos, passeatas e outras mobilizações.

CRIAÇÃO DO PRODUTO ARTÍSTICO – Um período de efervescência, de criação, de tensão, geração, ensaios extras, revisão, avaliação, reta final, um verdadeiro laboratório de conhecimentos; o acúmulo do saber e elaboração de um outro saber que todos assinam e celebram. Foram criados dois produtos, a exposição itinerante de artes plásticas *Segundas Intenções* e a peça de teatro *A Caixa Mágica*.

DEBATES NAS ESCOLAS - Os debates eram travados de jovens para jovens, os educadores apenas acompanhavam. Fase de socialização dos saberes, de perceber-se mais concretamente educador-educando, protagonista e responsável pela intervenção direta de uma ação político-pedagógica.

Claro que esse formato geral era flexível, porque fomos construindo especificamente nossos modos, jeitos e gestos – metodologias – as formas do trabalho pedagógico cotidiano foram delineadas pelo vigor do comportamento atitudinal dos jovens. Entre sintonias e contradições, fomos estreitando discurso e prática.

Apresentamos, a seguir, alguns procedimentos:

- ☞ Gênero, direitos sexuais e reprodutivos não devem ser trabalhados pontualmente, mas como um canal de debate permanente entre todos os envolvidos (incluindo os pais).
- ☞ Projeto – interdisciplinando as áreas do conhecimento.
- ☞ Fortalecendo parcerias e/ou envolvimento com outras ONG e com instâncias de controle social, incluindo e comprometendo a escola pública.
- ☞ Respeito à liberdade de expressão dos/as jovens, garantindo participação no planejamento das ações e sugestão de temas em que o educador seja mais mediador que professor.
- ☞ Ausência de notas ou conceitos, mas uma participação efetiva em todo processo avaliativo.
- ☞ Valorização da autoria e do patrimônio cultural dos sujeitos.
- ☞ Desenvolvimento da criatividade, da comunicação e expressão através da utilização das linguagens artísticas.
- ☞ Desenvolvimento da autonomia, da crítica e autocrítica, na perspectiva do trabalho coletivo e solidário com respeito às diversidades (culturais, gênero, raça, etnia, classe social etc.).

Paralelamente a essa experiência com o formato do *Fazendo Arte*, que era financiado pelo MINISTÉRIO DA SAÚDE, nos aventuramos a desenvolver um outro projeto com adolescentes – *Agentes de Saúde Sexual e Reprodutiva*, na ocasião, apoiado pelo programa *Capacitação Solidária*.

Esse Programa, apesar de ter um formato um tanto rígido, não nos impediu de imprimir um modo, um jeito GESTOS de trabalhar os procedimentos. Esse grupo ocupa boa parte do atual projeto *Jovens Formadores/as de Opinião*, e com bons frutos.

O companheiro Nielson Bezerra, com sua trajetória de trabalho no *Grupo de Trabalho em Orientação Sexual*, GTOS, da SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RECIFE, também se agregou a esta experiência. A proposta era formar jovens com um conhecimento mais aprofundado sobre os direitos sexuais e reprodutivos. Montamos um programa denso, com uma equipe de profissionais especializados em cada tema. O espaço para a arte-educação neste projeto era menor, mas isso não diminuiu a sua importância, e ficamos com a responsabilidade de ministrar essa disciplina e de coordenar o projeto.

Os participantes eram jovens das comunidades da periferia da Região Metropolitana de Recife, alunos/as de escolas públicas, mas com um bom nível de escolaridade, o que possibilitou um aprofundamento em alguns temas até então não tão bem trabalhados nos projetos com jovens.

A questão da leitura foi um grande desafio para a maioria dos jovens. As limitações com o hábito de ler refletiam-se na rejeição ao texto científico, no questionamento à quantidade de páginas, nas dificuldades de interpretação e, conseqüentemente, de construção de textos. Este grupo, porém, apesar dos reclamos, foi o que mais trabalhou a questão da leitura e da criação do texto. Esta foi considerada uma exigência metodológica que aos poucos foi sendo vencida.

Importante destacar que não descartamos os jogos, as brincadeiras, as dinâmicas e dramatizações, porém introduzimos sínteses, resenhas, pesquisas e laboratórios de produção do texto.

Projetos de Trabalho – Novas Inquietações

Passamos por várias etapas: seleção dos jovens; estudo sobre projetos de

trabalho; montagem do projeto; monitoramento e avaliação; articulação com a *Escola Municipal Pedro Augusto*; apresentação teatral para outras escolas.

As nossas ousadias e inquietações não ficaram restritas apenas a essas experiências. Com a chegada de Nielson, que desenvolvera, com Sílvia, uma experiência rica com formação de professores da educação fundamental de jovens e adultos sobre Orientação Sexual, no município de Camaragibe, introduzimos a orientação pedagógica dos Projetos de Trabalho. Ficamos tocados e começamos a ler e discutir.

Onde existiam coincidências com a nossa prática? Onde era o novo? Onde podemos ir? Chegou a oportunidade com o novo projeto *Fazendo Arte Contra o HIV-2002*. E por que não incorporar *Projetos de Trabalho* em nossas atividades?

Afinal, o que são *Projetos de Trabalho*? Hernandez parte da realidade. Não adianta pensar educação sem o reconhecimento e envolvimento dos cidadãos menos favorecidos. Em tempos de globalização, consolidação neoliberal e avanços tecnológicos, os projetos não serão fórmulas, mas possibilidades de respostas concretas para melhores condições de vida.

Paulo Freire e Vygotsky compartilham essa idéia do contexto, da realidade e não acreditam no método enquanto uma fórmula acabada, mas na disposição permanente e sistemática de aprender com a própria prática – numa ação verdadeiramente transformadora.

[...] tanto em Educação quanto em qualquer campo do conhecimento, não se parte do zero, e é necessário considerar “o lugar” de onde viemos, as idéias e as experiências que reconhecemos que nos influenciam. Mas não para copiá-las, mas sim para interpretá-las. Não para produzir um amálgama eclético (e com frequência contraditório), mas uma reinterpretação substantiva, pois nada pode continuar sendo como foi em seus dias.

[HERNANDEZ, 1998:23]

Iniciamos o projeto *Fazendo Arte/2002*, montando oficinas

para seleção de jovens. Depois de selecionados, montamos o *Projeto de Trabalho* com o grupo, que planejava a disseminação de informações através de um espetáculo teatral.

O grupo entendeu que os procedimentos e estratégias construídos precisariam ser revistos, sempre que necessário, e que todo o processo se daria através de pesquisa em que o educador/mediador não teria todas as respostas, mas provocaria essa elaboração.

O grupo construiu os objetivos, determinou metas, estabeleceu instrumentos e processos avaliativos, ordenou atividades e recursos.

Foram elencados temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva, prevenção na adolescência, participação e organização política de jovens. Também foram organizadas oficinas de teatro para construção de um produto artístico, além da intervenção em uma escola pública como projeto-piloto.

Em parceria com o Centro de Trabalho e Cultura – CTC –, com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua – MNMMR –, o Grupo Semente do Amanhã e a SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO RECIFE, foi levantada a idéia de que se fizesse uma intervenção política na *Escola Municipal Pedro Augusto*. Essa estratégia teve que ser revisada.

O *Fazendo Arte Contra o HIV* acontecia com outro formato, em um outro contexto institucional. Era um grupo diverso, alguns inquietos, outros indiferentes. A GESTOS estava passando por uma fase de mudanças em sua estrutura político-administrativa e isso refletiu diretamente no trabalho com os jovens. Ocorreram várias crises de referência. Os jovens responderam honestamente às demandas e transformações.

O modelo de gestão da GESTOS, apesar de contar com uma coordenação geral, não praticava uma coordenação centralizada e sim compartilhada, tanto nos programas como na parte executiva. Os programas mudaram e o *Programa de Prevenção* se diluiu: passou a ter outros objetivos e outra coordenação, o que de certa forma refletiu-se na identidade do grupo que tinha um público primordialmente jovem.

Ficou muito claro para nós que os objetivos tinham que ser revisitados e as estratégias reorientadas. Apesar da boa vontade da direção da *Escola Pedro Augusto*, o conjunto da escola não absorveu as primeiras experiências de intervenção. Os jovens não tiveram tempo

nem espaço. Aquele era “o lugar”, mas talvez não fosse o momento.

Por outro lado, foi construído um belíssimo produto artístico, com a cara deles, com uma incrível identidade do adolescente em seu tempo e suas contradições. A peça de teatro *Corações e Mentes* era verdadeiramente adolescente: a fidelidade da linguagem e sua capacidade de se comunicar bem com a platéia das escolas públicas era incrível. Desta vez a peça foi apresentada no TEATRO BARRETO JÚNIOR e o público juvenil se divertiu com aquela aula-espetáculo. A peça não só enfocava a prevenção, mas discutia as relações afetivas: namorar ou *ficar*, lesbianidade, gênero, aborto, vulnerabilidade juvenil, preconceito e AIDS.

Outros procedimentos foram verificados em uma avaliação qualitativa. Alguns adolescentes se envolveram nas representações juvenis, articularam ações em suas comunidades e em outras organizações. Dois foram selecionados para fazer parte do novo projeto. Por uma questão de gênero, um garoto e uma garota integraram a equipe do *Jovens Formadores de Opinião*. Este capítulo é uma estratégia dessa ação pedagógica com jovens na GESTOS.

Jovens Formadoras/es de Opinião

Condensar a experiência educativa da GESTOS com jovens é um grande desafio, é se debruçar sobre o fazer, sobre a prática.

Com o objetivo de formar jovens educadores/as, o conteúdo e o método que permeiam a relação educador-educando neste projeto ficam dimensionados como ação político-pedagógica. Temos as referências orientadoras, mas estamos constantemente revisitando os conceitos. Afinal, o que é formar opinião? É provocar o debate sobre e entre jovens, é estimular a construção de um pensamento crítico sobre a realidade. Foi nesta perspectiva que construímos este novo projeto.

Muitos/as jovens vieram de outros grupos e ONG: Centro de Trabalho e Cultura (CTC), Movimento Nacional de Meninos/as de Rua (MNMMR), Grupo Semente do Amanhã, etc. A educação popular de Paulo Freire é uma base para essas experiências/referências.

A instituição dispõe de uma equipe que, na sua maioria, veio do projeto *Agentes em Saúde Sexual e Reprodutiva* e ainda de jovens do

projeto *Fazendo Arte Contra o HIV*. Pressupostos afins, formatos diferentes; novos pressupostos, novos formatos. Foram criadas então novas identidades dentro da ação da GESTOS, em sua nova estrutura político-administrativa.

A equipe tinha experiência na GESTOS. A motivação e mobilização dos/das jovens foram construídas com fortes laços afetivos com a instituição e entre os membros do próprio grupo. A disponibilidade, o compromisso com a questão da prevenção à AIDS e a atuação fora do eixo institucional, conhecendo melhor outros espaços, outros exercícios culturais e políticos, eram também marcas dessa equipe.

Se analisarmos os eixos referenciais do Programa de Prevenção da GESTOS, que destacamos no início do capítulo, a arte/cultura no trabalho educativo com jovens – a reconstrução de conceitos no estudo da sexualidade à luz dos direitos humanos e a identidade/participação político-social consciente, crítica e seletiva – perceberemos melhor o processo.

Estávamos diante de um grande material humano. Que recursos definir para essa tarefa de capacitar jovens educadores-educandos? Valorizamos o potencial que tínhamos e fomos construindo nossos jeitos. A parte que nos coube trabalhar foi Técnicas de Ensino e todas as discussões ideológicas ou técnicas que o tema provoca.

No começo alguns retrucavam — *Aprender a aprender?* E fomos tecendo: repensar o aprender e refletir como se aprende. Educar para a sexualidade crianças e jovens — *Como ensinar?* E um programa foi construído:

- ☞ Qual o papel do Educador Social?
- ☞ Planejar para quê?
- ☞ Formas de planejamento
- ☞ Síntese e Resenha do Texto Científico
- ☞ Técnicas de Ensino
- ☞ Aula expositiva
- ☞ O estudo do texto como técnica de ensino
- ☞ O estudo dirigido
- ☞ Discussão e debate

- ☞ O seminário como técnica de ensino
- ☞ Pesquisa
- ☞ Teatro humano e de bonecos
- ☞ Jogos, brincadeiras e outros recursos didáticos.

O grupo começou a perceber a importância do planejamento, da definição de objetivos, das diversas formas de trabalhar os conteúdos e, sobretudo, de avaliar cada etapa e os resultados do processo.

Construímos coletivamente o conceito de planejamento. Por que e para que planejar? Qual o sujeito da minha ação? O domínio da técnica, sem perder de vista a condição de humanidade, o respeito pela história do público com que vamos trabalhar, considerando suas limitações. O patrimônio cultural daqueles com quem estamos construindo conhecimento era o reconhecimento de que ninguém é dono único do saber. Partimos do princípio de que o conhecimento é um bem comum.

Perder o medo do texto e começar a imprimir tecnicidade ao trabalho pedagógico, sem perder de vista os aspectos humanos dessa aventura é descobrir o prazer da produção do conhecimento.

Conhecer a técnica pela técnica de nada adiantaria, se determinadas preocupações e pressupostos das relações humanas e de seu contexto social não estivessem evidenciados:

- ☞ Quem é o sujeito da minha ação?
- ☞ O que eu quero com minha ação – para que e a quem serve?
- ☞ Os interesses estão compartilhados numa relação horizontal?
- ☞ Como chegarei até os objetivos construídos, sem prejudicar os interesses e o desenvolvimento dos envolvidos?

O jogo lúdico não era problema para aquele grupo, nem as técnicas, dinâmicas, dramatizações etc. O desafio maior era planejar e aplicar determinadas técnicas em trabalho de Orientação Sexual com crianças e jovens, conseguindo trabalhar com segurança temas transver-

sais e às vezes transgressores.

Afinal, tínhamos compreendido a sexualidade como fruto de uma construção social. Uma categoria contraditória por conviver, historicamente, com práticas de repressão sexual (poder de dominação/controle social) e emancipação (o direito a exercer a sexualidade) na diversidade, respeitando as identidades e a autodeterminação. [CHAUÍ, 1998:25]

Mas, no formar opiniões, tínhamos que criar novos significados, ir além da dimensão pessoal, ir até a dimensão social e política.

Compreensão da sexualidade

Desenvolver uma produção de conhecimento tomando-se por base o trabalho com adolescentes e jovens de populações de baixa-renda.

Reconstruir conceitos e valores que dignifiquem e considerem a diversidade humana em várias dimensões.

Atuar criativa, crítica e conscientemente na construção de um mundo melhor.

Foram esses os princípios metodológicos da ONG/AIDS GESTOS, que os/as jovens ajudaram a construir e que ainda estão construindo, com base na ética, no direito e no desenvolvimento humano. Nessa troca e acúmulo de saberes propiciados pelo trabalho realizado por jovens, educadores e arte-educadores.

educar a dor

A minha *escola* não tem personagem,
A minha *escola* tem gente de verdade...

Gente como eu, gente como você, gente.
Ultrapassar os limites de classe, idade, bairro, cidade, país
É perceber que a matéria-prima é o ser humano.

O cotidiano no atual contexto de relações nos conduz a
Esta aventura:

- Ai que medo!
- Ai que coragem!

O desafio do *Ser* e do *Estar*.
Estar aqui. Estar lá – pleno!
Pé no chão, cabeça no mundo e o coração na mão.

Nesses dias tão estranhos, assumo meus fantasmas.
Quando canto de alegria posso até mandar flores.

Eu digo sim!
Digo NÃO
Tenho ódio!
Morro de amores!

Afinal quem é o inimigo?
Quem sou eu?
Quem é você?

No limite da minha *verdade* não descarto sua *mentira*
Crio cumplicidades.

Reinvento uma valsa – Funk – Rap – Coco – Rock
MaracaTU – para chegar até você!
Me sentir tocado pelo outro.

Num jogo de ensaio e erro é falar de
Liberdade e respeito.
É supor saltos e mergulhos.

Fugir para Caruaru e encontrar
Uns tantos outros como eu e não.
É buscar você.

Me encontrei
Impaciente, indeciso, confuso
Mas tão tranquilo
Tão contente!!!

Saber que somos completamente diferentes
Iguais a tanta gente.



meu poema é você

*Vocês são o meu encontro,
O meu despertar, a minha salvação.*

*Só vocês que me ajudam, me alegram.
E é aqui que me sinto segura,
Amada e protegida.*

*Aqui me torno gigante,
Posso e vou em frente!
São vocês que choram e riem com a minha caminhada.*

*É aqui onde eu me encontro, onde me descubro.
Vocês são a minha fonte, o meu espelho!*

*E no reflexo vejo um pouco de cada um,
Porque me tornei um pouco de cada um,
Descobri quem sou.*

Amo vocês!

Adriana Maria de Lima



meu poema é você

Fabiano José de Oliveira

*Você que ri e que chora, que se revolta com o mundo
Que foge de casa
Que pensa que é nada
Que pensa que é tudo
Que quer fazer tudo ao mesmo tempo
Como se não tivesse tempo para nada.
Meu poema é você
Que quer ser diferente de alguns e iguais a outros
Que ainda não percebe a força que tem
Que virou moda, mas não se engana por ela,
Que quer ser ouvido, mas na maioria das vezes só escuta.
Meu poema é você
Que ao subir numa escada,
Tropeça no quarto degrau, mas já segura no quinto.
Meu poema é você
Que tem a força
Que tem a cara
Que tem a coragem
Que é você, jovem.*

A Formação Política no Processo Educativo de Jovens

SÍLVIA MARQUES DANTAS

AS OFICINAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA FORAM as últimas a serem introduzidas no nosso processo pedagógico. O conceito de vulnerabilidade pelo qual nos orientamos nos fez perceber que, para além de uma mudança de comportamento dos/as jovens em relação à prevenção a DST/HIV/AIDS, era necessário engajá-las/os nos movimentos de luta contra a AIDS, nos movimentos juvenis e no movimento feminista, pois discutir DST/HIV/AIDS implicava enfrentar as discriminações sexuais e as desigualdades de gênero, de raça/etnia, de classe social e de orientação sexual.

A evolução da epidemia confirmou nossas hipóteses de trabalho. O perfil da epidemia no Brasil e no mundo revela a importância de refletir sobre as desigualdades sociais de gênero, classe, raça/etnia e orientação sexual, mas não apenas isso, seria fundamental “agitar” os/as jovens, incomodá-las/os, desenvolver uma oficina que possibilitasse uma

reflexão que valorizasse a “transgressão”.

Uma das primeiras coisas que fizemos foi introduzir uma nova maneira de compreender a história. Ela não foi construída só pelas oligarquias, pelos fazendeiros, pelos reis e pela burguesia, ao contrário: nossa história é fruto de um conjunto de conflitos de classe, raça/etnia, gênero em que os movimentos sociais foram fundamentais.

Interessante é que os/as jovens diziam que, quando acabavam as *Oficinas de Formação Política*, saíam da sala mexidos, o corpo formigava, com vontade de contribuir com a história. Estavam se sentindo mais sujeitos, mais comprometidos com a luta contra as DST/HIV/AIDS, como também mais ligados nas contradições sociais gerais de nossa sociedade.

O objetivo desta oficina era, portanto, estimular a formação de lideranças, incentivando a reflexão e a especulação sobre os conceitos, sobre a democracia que temos e a democracia que queremos, sobre os movimentos sociais – seus ideais de democracia e justiça social, engajando os/as jovens nos movimentos sociais locais.

As oficinas discutiam três questões-chave: movimentos sociais, ciência e democracia.

Movimentos Sociais: Transgressão e Mudança

Nas oficinas de formação, referimos os movimentos sociais como produtores de reivindicações e demandas, construtores de novas identidades sociais, propositores de novos sistemas de igualdade e questionadores dos saberes hegemônicos.

Os/as jovens estudaram quatro movimentos sociais: o movimento operário, o feminista, o juvenil e o de luta contra a AIDS. Analisaram suas pautas de reivindicações e quais os sistemas de representação hegemônicos que tais movimentos questionavam. Estimulamos também a sua participação no FÓRUM DE MULHERES DE PERNAMBUCO, na ARTICULAÇÃO AIDS PERNAMBUCO e no MOVIMENTO JUVENIL. Experimentaram tais movimentos como algo a fazer, um processo histórico em construção, que coloca muito mais questões do que respostas. Além disso, compreenderam que os movimentos são for-

mas de ação coletiva que invocam um certo sentido de justiça social e demandam a construção de novas formas de organização da sociedade. Quando participaram de uma ação coletiva, passaram a perceber melhor os problemas gerados pelas condições de exclusão social e foram impulsionadas a construir soluções, planejadas e executadas em comunidade.

A participação dos/as jovens nos movimentos sociais constituiu importante atividade de formação. Por um lado, articularam os “conhecimentos adquiridos” com o exercício da ação coletiva. Por outro lado, reelaboraram saberes e viram a complexidade e a contemporaneidade das questões colocadas.

Conhecimento Científico: um Processo em Transformação

Os/as jovens foram convidados a perceber que o conhecimento científico é histórico, está suscetível às influências de sua época, da cultura em que foi produzido e das relações sociais que organizam a sociedade. Portanto, não existe uma verdade eterna e absoluta.

Um exemplo que facilitou a compreensão dos/as jovens sobre este assunto foi a construção das noções de sexualidade masculina e feminina pela ciência ocidental.

Segundo Costa,

Dominado pelo neoplatonismo, o pensamento ocidental até o século XVIII não pode representar a sexualidade humana como bipolar e originalmente dividida entre sexualidade masculina e feminina. [...] Até meados do século XVIII, aproximadamente, a concepção científica dominante da sexualidade era a do one-sex-model.

[COSTA, 1993:98]

Havia um modelo metafísico ideal do corpo humano, cujo grau de perfeição era alcançado pelo homem. A mulher era um sexo invertido e inferior. [COSTA, 1993:100]

Ele continua mais adiante:

A mudança do parâmetro científico só pôde ocorrer porque foi antecedida pela polêmica cultural em torno da natureza e da função da mulher na sociedade.

[COSTA, 1993:105]

Costa comenta que só no final do século XVIII e início do século XIX, a ciência cria um novo padrão de sexualidade – *two-sex-model*. Esse novo padrão só foi possível existir porque a sociedade atravessou uma grande reforma social, cultural e política.

Durante as oficinas de formação política, os/as jovens perceberam que as lutas democráticas travadas pela sociedade burguesa naquela época eram responsáveis pelas mudanças dos padrões científicos sobre a sexualidade. Tais reformas apontavam para a igualdade entre seres humanos. Neste sentido, homens e mulheres deveriam ter o mesmo *status* na sociedade. Esta formulação gerava grande conflito nas relações sociais, pois seria admitir uma nova condição para a mulher na qual tanto a autonomia quanto a liberdade, princípios do Iluminismo, fossem acessíveis a ela.

Em consequência, o pensamento científico ocidental estabeleceu um novo sistema hierárquico de poder entre homens e mulheres fundando a diferença sexual. Costa afirma que

o corpo das mulheres, em sua concretude corpórea cientificamente acessível, na natureza dos ossos, nervos, e o mais importante, dos órgãos reprodutores vieram a ter um enorme novo peso de significação cultural no iluminismo. [COSTA, 1993:113]

A biologia feminina vai ser usada como marca da incapacidade da mulher para desempenhos sociais na vida pública e como marca na vocação natural para os cuidados da casa". [COSTA, 1993:114]

Do mesmo modo, a heterossexualidade como identidade universal e, portanto, normal foi questionada. Recolhemos dados da história de outras culturas em que a noção de parceria heterossexual não estava configurada como em nossa sociedade atual.

Esta discussão, por um lado, possibilitou aos jovens perceber que o conhecimento científico é influenciado pelos conflitos sociais que estão em jogo num determinado momento da história e constrói relações de poder entre as pessoas. Por outro lado, a compreensão de que a ciência participa e é influenciada pelos contextos históricos ampliou o compromisso dos/as jovens com os estudos.

Assim, os/as jovens se preocupavam mais em ler e especular sobre o texto lido. O conhecimento científico não seria mais algo dado, acabado e apenas assimilável, como a escola em que estudavam deixava parecer.

Democracia: uma Palavra em Disputa

O terceiro pressuposto das oficinas de formação política refere-se à democracia. Observamos que ela é um campo de disputa política. Fizemos uma retrospectiva histórica sobre a construção da democracia no Brasil. Analisamos que, em seu surgimento, a democracia brasileira deixou a maioria das pessoas sem direito de escolher seus representantes e de se eleger. As mulheres, que representavam em torno de 50% da população, não tiveram acesso ao voto. As pessoas analfabetas, que representavam mais da metade da população e que, em sua maioria, eram negras, também ficaram sem o direito de decidir sobre a vida pública.

Compreenderam que no Brasil a luta política pela ampliação dos espaços de participação popular ganhou nova força política no final da década de setenta – no processo de redemocratização do Brasil. Ela se acentuou na década de oitenta durante a formulação da CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, quando os movimentos sociais reivindicavam maior controle popular das políticas públicas.

As/os jovens perceberam que a democracia hegemônica ocidental valoriza a apatia política, pois afasta os cidadãos dos campos decisórios, restringindo sua participação à escolha dos representantes

nas diversas esferas de poder. O debate com os/as jovens apontou a importância da participação dos movimentos sociais na construção das políticas públicas, possibilitando a defesa de interesses dos indivíduos e grupos sociais excluídos de direitos.

Durante as oficinas, os/as jovens passaram a ter um novo olhar sobre a política e os movimentos sociais. A noção de política como algo centrado no indivíduo, no eleitor e na eleição foi substituída por um processo de disputa entre grupos sociais, concepção de sociedade e ingresso de novos sujeitos sociais na cena política.

Algumas Considerações

Essa oficina estimulou o engajamento dos/as jovens na luta contra a AIDS, mas também os/as comprometeu com o autocuidado. Eles/as perceberam que a AIDS está imersa num contexto social. A AIDS não é só um vírus, uma epidemia, que exige apenas mudanças de comportamento. Cuidar-se, tomar decisões sobre o autocuidado é um posicionamento que o indivíduo deve ter frente a si mesmo, ao seu parceiro ou parceira e frente ao mundo.



III

A Aventura Pedagógica das/os Jovens



meu poema é você

Gisele Nunes de Oliveira

*Você que sempre está do meu lado
Quando preciso, me confortando
E falando uma palavra certa no momento certo.
Você que me aconselha, me orienta, me esclarece.
Quando tenho dúvidas, mostra-me onde está a luz
Quando penso que para mim está tudo escuro
Você, que é minha amiga, minha irmã
E muitas vezes até minha jovem mãe
Sabe puxar a orelha quando é preciso
Mas, também sabe o momento de afagar, pois me conhece bem.
Você a quem eu devo muita coisa
E para mim já se tornou inesquecível
Pois é tão linda como o poema
Posso, depois de tudo, querer lhe dizer com orgulho
Meu poema é você.*



Como Jovens Teceram a Rede Centrada na Vida

ALCIONE CRISTINA DA COSTA, ANA PATRÍCIA DA SILVA,
DAYANE ROUSE DO NASCIMENTO & FLÁVIA VASCONCELOS DE ASSIS

O SENTIDO QUE DEMOS A ESSA PRÁTICA e sua importância nos trouxeram necessidade e motivação de termos um produto tipicamente jovem, no qual pudéssemos organizar a experiência vivida dentro do projeto *Jovens Formadoras/es de Opinião*, mostrando seu significado em nossas vidas. Assim, nossa proposta é oferecer nossa experiência como instrumento para motivar outros/as jovens a levar informações a seus pares, que não têm acesso, bem como difundir metodologias em que o novo é o nosso jeito de fazer. Acreditamos que é possível lançar um diferencial entre o vasto mundo das técnicas de ensino, através da socialização de experiências, partindo destas, buscando a transformação, a qual acreditamos que só se dará através da incansável luta entre o crescer e o aprender, fortalecendo assim nosso objetivo de vida e convivência. Nesse segmento, buscamos eternizar essa experiência, vivida em nossa dura, cruel,

esmagadora realidade, porém, assegurando nossa criativa e otimista juventude.

O trabalho desenvolvido surge como mais uma resposta no âmbito dos direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes e jovens. É na ânsia de saciar a sede de mudanças, viva na nossa juventude, que educamos para a rebeldia. Pretendemos transformar os/as jovens para que também sejam transformadores de suas vidas, e contribuam para a redução da vulnerabilidade.

Nosso Roteiro de Idéias

- ∞ A importância deste trabalho
- ∞ Sede de mudanças
- ∞ Educar para a rebeldia
- ∞ Contribuir para a redução da vulnerabilidade

O sentido verdadeiro desse trabalho só foi notado quando chegamos às comunidades e nos deparamos com os vários tipos de comportamentos, ocasionados por problemas diversos vividos por nossa juventude. Certificamo-nos de que entre os grupos comunitários por onde passamos havia uma necessidade geral, uma sede de mudanças. Essa mesma necessidade também estava viva nos jovens que se dispuseram a encarar esse desafio, que é trabalhar a sexualidade com outras crianças, jovens e adolescentes.

Com base nessa sede de mudanças, nos sentimos motivados a educar para a rebeldia. Rebeldia essa que sentimos como um veículo de empoderamento para que os/as jovens se “armem” e tenham condições de enfrentar a dura e cruel realidade e transformá-la, acreditando que a rebeldia os transforme em verdadeiros cidadãos, que não só conhecem os seus deveres, mas que também estão conscientes dos seus direitos e das formas de lutar por eles.

O aumento do nível de infecção pelo HIV entre adolescentes e jovens torna ainda mais importante este trabalho, pois visa à redução da vulnerabilidade. A partir do momento em que estamos incentivando os/as jovens com quem trabalhamos a recriar informações que apren-

deram nas vivências, estamos contribuindo também nessa luta pela ampliação dos direitos sexuais e reprodutivos.

0 Grupo Vivenciando a Formação Permanente

Para desenvolvermos este trabalho, passamos por um árduo período de formação que, entretanto, foi muito bom. Recebemos capacitação em três módulos: formação política, arte-educação e direitos sexuais e reprodutivos. Como já vínhamos de projetos anteriores na própria instituição, trabalhamos com uma certa bagagem; mas neste grupo a formação foi mais aprofundada, mais intensa, norteadora, preparatória. Foi diferente do vivido até então por todos nós. E a maneira como trabalhamos foi inovadora, tudo sendo construído no processo, coletivamente.

O módulo de *Formação Política* tinha conteúdos mais complexos, tivemos mais dificuldades, mas estávamos gostando tanto “da parada” que fomos “devorando” tudo. Os textos eram difíceis e isso fez que procurássemos saber mais sobre palavras e autores. Sempre estamos indo atrás de alguma coisa, procurando sempre. A formação política foi muito importante para nosso crescimento, pois nela trabalhamos a nossa identidade e esse resgate foi muito importante para o grupo. Trabalhamos também a cidadania, as políticas públicas e os direitos; alguns desses direitos antes desconhecidos, agora, que os reconhecemos como tais, decidimos lutar por eles.

No módulo de arte-educação, os textos eram longos e difíceis, mas a formação política facilitou o entendimento de outros textos também longos e difíceis. Aprendemos formas de trabalhar os temas. Construímos uma bagagem teórica.

Para desenvolvermos o módulo do *Direito à Saúde Sexual e Reprodutiva*, nos apropriamos da experiência vivenciada nos projetos anteriores da GESTOS, cuja compreensão dos termos e do modo de trabalhar já nos era familiar. Ressaltar a questão do direito só veio ampliar o entendimento a respeito da saúde sexual. Novas leituras para aprofundamento de temas como, por exemplo, as questões referentes ao aborto, tiveram sua compreensão construída na perspectiva do direito.

No momento da preparação para o estágio, tínhamos

ansiedades e medos, pois no começo tudo era vago. Quando percebemos o compromisso e a responsabilidade que estávamos assumindo, conflitos relativos às nossas crenças, valores e princípios provocavam um confronto com o saber dos autores estudados, possibilitando a desconstrução de idéias anteriores num movimento de reinvenção permanente de nós mesmos e daquela realidade. Reconhecemo-nos como jovens diante de outros jovens para formar a opinião – aí é que estava a história e com isso “caiu a ficha”: a responsabilidade é grande.

Quando estávamos em estágio, diante do monitoramento do processo, vimos que muito do que aprendemos para facilitar nosso trabalho dava certo, mas também tinha muita coisa que não dava. Isso fez com que cada um desenvolvesse seu estilo próprio de trabalho, construísse adaptações, tornando-se um/a educador/a singular. Somos todos diferentes, fazendo a mesma coisa. As metodologias não se adaptavam totalmente a todos os cenários e grupos, pois tínhamos que buscar como as coisas teriam que ser feitas em cada lugar.

Nisso tudo eu me encontrei e encontrei o eixo da minha vida. [Adriana Maria de Lima]

Não ter opinião formada sobre tudo faz que sejamos uma metamorfose, podendo mudar e construir nossas opiniões com base no aprendizado e no convívio com outras pessoas.

O saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro. [Fabiano José de Oliveira]

A troca de saberes é a nossa fonte de aprendizados. Aprendemos muito com nossos/as formadores/as, nossa experiência e com os grupos com que estagiamos.

Perfil de Entrada destes Educadores/as Jovens

SETEMBRO DE 2001

O grupo foi composto por 15 jovens, 10 meninas e 5 meninos, com

idades que variavam de 17 a 22 anos, a maioria com 18 anos. São jovens de diferentes localidades: Recife, Jaboatão, Olinda e Camaragibe.

A maioria do grupo freqüenta o ensino médio, alguns o ensino fundamental. Duas jovens já finalizaram os estudos e dois (um jovem e uma jovem) retornaram à escola no ano seguinte ao início do projeto.

A maioria do grupo é solteiro/a e não tem filhos. Apenas um casal está noivo, ambos freqüentam o grupo e uma jovem tem uma filha.

Foram selecionados/as por terem participado de dois projetos na GESTOS: *Fazendo Arte Contra o HIV e Formação em Agentes Sociais em Saúde Reprodutiva*. Foi requerido como perfil: ter interesse pela leitura; escrever; saber se expressar; ser criativo; ter responsabilidade; envolver-se com o projeto; acreditar nesta luta; ser afetivo.

Identidades: Tecendo a Rede de Comunicação na Vida

Quando pensamos em identidade, a percebemos como uma construção que se dá através do desenvolvimento enlaçado pelo meio e suas influências. É na percepção do meio que surge a vontade de mudar.

Hoje somos jovens com plena consciência da nossa identidade e do nosso papel social, jovens que se vêem... Saindo de casa, seguindo uma estrada cheia de obstáculos, pedregulhos, mas confiantes e se preparando para enfrentar este mundo onde a cada dia cresce o desrespeito pelo ser humano, a violência, a falta de informação e de oportunidade para o jovem, entre tantas outras coisas. Jovens que persistiram com bastante maturidade, imaginação e humildade, tendo medos, mas com capacidade para concluir esse percurso.

Seguimos sempre juntos com uma intenção final, de enfrentar as situações com senso crítico, observando que nossas dificuldades familiares podem ser superadas ao percebermos a dificuldade do outro, momento que paramos e pensamos o quanto a vida das pessoas é diferente.

É gratificante que nos vejamos contribuindo nesse espaço educativo e comunicativo, construindo outras opiniões para a transformação dessa sociedade de consumo.

Mesmo que nos sintamos como uma gotinha no oceano, mas sabemos o quanto esta gotinha pode contribuir, ajudar. Queremos mudar a história dos jovens das comunidades vulneráveis, de baixa renda, como nós somos. Por isso, aceitamos a idéia de dialogar com nossos pares.

Trazemos em nossas bagagens coisas surpreendentes, o que nos leva a ter capacidade de nos relacionarmos com grupos heterogêneos, que nos fazem perceber e oferecer a outros/as crianças, adolescentes e jovens, algo que os faça sentirem-se mobilizados para a mudança.

As situações que vivenciamos nos fizeram ver que não somos apenas integrantes dessa humanidade, mas somos jovens guerreiros tentando mudar esta sociedade, atuando como um educador jovem, que aos poucos sabe conquistar e marcar com uma fórmula que mistura amor, carinho, compreensão, amizade, dor e sofrimento e que acima de tudo valoriza o ato de escutar.

Esses, sim, são jovens formadores de opinião, que riem, choram e socializam momentos e experiências vividas. É como se estivéssemos sempre subindo uma montanha. Cada escalada possui muitos desafios e mostram os lugares às vezes escuros, às vezes claros, assim, passamos por cima sem desistir jamais, superando a caminhada. O importante é a experiência que adquirimos a cada escalada e, ao cair da chuva e ao raiar do sol, amamos intensamente tudo aquilo que fazemos.

Conseguimos e vamos continuar conseguindo, pois tudo aquilo que é feito com vontade, faz-se bem feito. Sabemos que nossos caminhos são muitos, mas o objetivo é único.

O que queremos e fizemos neste projeto foram as redes de comunicação. Elas podem produzir um bem maior, fazer fluir um trabalho educativo e trazer diferentes contribuições, que no todo fazem uma diferença que é muito maior do que o que cada um sozinho poderia realizar. É uma contribuição para a mudança tanto no nível individual quanto coletivo.

Nosso Adolescer

O que é adolescer? É descobrir propósito, é se perceber enquanto pessoa

que pode transformar. Um indivíduo que faz parte de um todo. É tomar consciência de que existe algo em nós que clama sem cessar; é uma busca constante, descoberta de nossas identidades; é ter oportunidade de viver este momento de transformação, sentir o diferente e se perceber nele.

Não basta sermos inteligentes, temos que ser sensíveis. E isto é ponto fundamental para um ser humano. Quando somos questionados sobre nossa adolescência, encontramos um leque cheio de vieses, dúvidas e medos de voltarmos a um tempo que nos fez chorar, sentir raiva, inquietações, revoltas, dentre outros sentimentos.

Quando olhamos para trás, vemos uma família que não nos ouvia e ainda não nos ouve, pensamos nesse isolamento, nossos porquês não obtêm respostas; o pior é ter ouvido do pai: “você jamais será a moça direita que sonhei”. Para uma jovem, o sofrimento vivido fez pensar até em suicídio. Para outras, o assédio (considerado uma escuridão na vida), o abuso sexual, o estupro, as carícias maldosas que pessoas conhecidas faziam, fizeram que desacreditássemos de tudo. Em alguns momentos, para chamar a atenção da família diante de tal situação, dormir na rua foi a solução. No convívio diário com outros/as adolescentes nas ruas, descobrimos o uso de drogas, a prática de desordens e pichações.

A descoberta da dança, do teatro, da arte fez que este sofrimento fosse amenizado. Quando percebemos, estávamos completamente envolvidos e não tínhamos mais tempo para pichar e outras coisas mais. Com o teatro, descobrimos a leitura. Junto com a leitura fomos descobrindo e tomando outras posições políticas.

A busca por autonomia familiar e a fome sentida fizeram que a adolescência desse espaço ao adulto, que necessitava ir em busca do pão.

Para outros/as, a adolescência só foi percebida quando a metamorfose corporal explodiu. O meu despertar foi em busca de mim, procurando entender porque não era moça “direita”. O preconceito racial na escola e dentro da família revelou o sentimento de pequenez.

A figura materna em alguns momentos foi exemplo de coragem, perseverança, motivo de orgulho.

O sofrimento nos fez ir além, buscar novos caminhos e dentre eles encontramos a GESTOS. Aqui a raiva sentida serviu para conhecer, reconhecer-se, descobrir e construir novos caminhos, uma arma

humana que, sem destruir, consegue mudar alguma coisa neste mundo. Agora ela nos move para a transformação.

Começamos a encontrar pessoas que tinham a mesma sede de mudança, tomamos distância de nossas comunidades para nos encontrarmos em outras. Aprendemos a ser pé-no-chão, maduras/os, sábias/os, solidários/as. No exercício de não sermos individualistas, amadurecemos nossa personalidade, encontramos sintonia; descobrir a minha negritude foi interessante; me abrir, e encontrar pessoas que me ajudaram a ver o outro lado, ver que existia outro lado em mim. A GESTOS nos deu forças para continuar a viver.

Nesse momento da experiência, nos identificamos com o outro jovem, parceiro de caminhada, e com aqueles que elegemos para atuarmos juntos nesse processo de educação entre pares, revelando nossos sentimentos através de expressões poéticas.

Que Lição Estamos Levando para Nossa Juventude

Que a vida é uma só e que temos que viver, buscando novos/as adeptos/as para esta luta, sabendo escutar, ser flexíveis, amigas/os. Hoje sabemos o que queremos, que o caminho é longo e temos muito chão pela frente, mas estamos mais seguros/as.

Mostrar que a importância de estar em grupo e a força que vem do grupo trazem as coisas mais profundas do ser, e isso nos faz sentir confiança. Tudo que acontece e não acontece está dentro da gente; ampliando o olhar para dentro, obteremos as respostas.

A força, a perseverança e a resistência nos fizeram levantar a cada queda. Somos um grupo de guerreiros/as, com capacidade de descobrir e chegar onde queremos.

Aqui esquecemos as diferenças. Diante da coragem do que vimos, sentimos e realizamos, levamos um pedaço de cada um/a em nossas memórias. Com este perfil, nos reconhecemos autores deste livro!

Tecendo a Rede Centrada na Vivência

A rede é uma conjunção de diversidades, ou seja, seres diversos, entidades diversas, centradas na vida. As articulações realizadas pelos jovens ao longo dessa experiência os aproximam da perspectiva do trabalho em rede no campo das organizações sociais.

Fontes do Aprendizado do Viver

Parece complicado explicar porque utilizamos textos em nossas vivências e muito mais complicado ainda dizer porque nos inspiraram tanto. Partimos do princípio de que pouco sabemos, percebemos que a busca pelo conhecimento era uma fonte inesgotável e eterna. Em alguns momentos, encontramos textos complicados, longos, cansativos, que nos desanimavam. Mas tínhamos do lado alguém responsável pela nossa formação inicial, sempre nos falando que a vida é cheia de obstáculos e das nossas possibilidades para vencê-los. Começamos a assimilar informações. Ficamos com a mala cheia. Aí vem a voz e diz que chegou o momento de compartilhar tudo aquilo que adquirimos. Bateu um frio-zinho na barriga. “E... se eu errar?” Lembramos então dos textos lidos, muitos já arquivados, e percebemos que esses textos iriam nos ajudar, pois os temas eram variados. A cada dia que se passava, tínhamos que nos reciclar, a demanda era grande.

Encontramos muitos porquês que nos fizeram ir além. Correr atrás da internet, filmes, revistas e outras fontes literárias, tudo para ampliar ainda mais nossa imaginação, confiança, humildade, paciência e sabedoria. Só que apenas isso não bastava para saciar a *fome* desses educandos, eles nos pediam muito mais. A obra de Ênio Pinto (1999) nos orientou sobre o tema da sexualidade nas várias fases da vida, possibilitando conhecer nossos educandos a partir da fase que passavam.

Percebemos que teríamos que inovar ainda mais, trazendo nossas compreensões sobre as relações dialógicas, os princípios da arte-educação que orientam e indicam que métodos e técnicas favorecem a dinâmica do grupo.

Vimos a importância de trabalhar com o movimento do corpo

e que ele é a base da identidade. O aprendizado foi muito mais gostoso e prazeroso, possibilitando aos nossos educandos entender a plenitude de sua sexualidade com orientação para vivenciá-la, nos mostrando que valeu a pena a nossa formação e todo o período de gestação que nos levou a uma nova forma de construir ação educativa.

No processo da sistematização, refletimos sobre o sentido da vivência (ANDRADE; 2003). Entendida como a percepção do momento em sua completude, o que significa entrar no espaço vazio e preencher-se do que há nele, ela surge com espontaneidade, possui a qualidade do originário, e tem uma força de realidade. A vivência nos leva de volta ao passado que muitas vezes esquecemos e aos poucos a ele retornamos.

E assim vai-nos voltando à mente fatos sucedidos há um tempo, como quando estávamos entrando em contato com as instituições nas quais íamos estagiar. Esse processo foi bastante complicado, pois nos deparamos com muitos obstáculos. Logo em seguida começamos os estágios. Achamos melhor trabalhar em duplas, pois assim nos sentíamos mais seguros/as no trabalho educativo entre pares.

Algumas instituições nos receberam de braços abertos. Com outras foi um pouco mais complicado. Vivenciamos assim situações diversas. Defrontamo-nos com as primeiras dificuldades para o início do nosso trabalho: encontrar grupos fixos com maior número de pessoas; o choque de horários com outras atividades das instituições; falta de espaço para as oficinas, além de temas que nos impactaram, como o aborto e o preconceito de raça. Porém não perdemos a força de vontade que nos fazia seguir em frente.

Havia, por exemplo, instituições com preconceito em relação ao potencial do jovem para realizar o trabalho; por outro lado, existiam instituições que, diante dos resultados do trabalho realizado, reconheciam e nos convidavam para prestação de serviços, ou demonstravam o reconhecimento afetivo enviando cartas para a GESTOS, elogiando a nossa atuação; além de outras que reconheciam e valorizavam o fato da instituição trabalhar com esses temas.

Na nossa vivência, pudemos observar alguns aspectos que nos chamavam a atenção: as dificuldades e habilidades no que diz respeito às várias visões que os grupos por onde passávamos possuíam.

Começamos a notar que dentre outras dificuldades estava a escrita, a leitura, a timidez de muitos e a falta de concentração do grupo. Além de dificuldades com movimentos corporais, conflitos entre os participantes do grupo, existência de subgrupos, baixa auto-estima e vários preconceitos.

Um dos elementos complicadores era a idade, porque os participantes, de várias faixas etárias, às vezes, formavam grupos de idades diversificadas. Isso dificultava a elaboração do plano de aula, pois deveríamos utilizar metodologia adequada a cada uma dessas faixas de idade. Então, percebemos que devíamos criar novas formas de trabalho adequadas a grupos mistos. O cuidado se renovava em relação à definição das Técnicas de Dinâmicas de Grupos – TDG –, pois havia resistência por não conhecerem essas técnicas e também muito preconceito com o tema CORPO, com dificuldade em se tocar e tocar o outro.

Trabalhar com a diversidade etária, com a diferença de raça e com a questão de gênero é se confrontar com os desafios históricos e constantes nas relações educativas. O monitoramento e avaliação se constituíam no espaço de identificação, compreensão e amadurecimento de atitude a serem tomadas.

Sempre que íamos começar uma oficina, sugeríamos técnicas de dinâmicas de grupo que serviam para centrá-los no tema que trabalharíamos. Explicávamos o porquê daquela técnica e começávamos a tratar o conteúdo para que todos entendessem o que estávamos trazendo para eles. Criamos diálogos abertos e um caminho para construir, reconhecendo opiniões diversas.

Após a conversa, avaliávamos a TDG utilizada e reconhecíamos seu valor na relação com as diversas temáticas. Um dos temas que despertou maior curiosidade foi quando trabalhamos o tema corpo, pois os jovens tinham a possibilidade de conhecerem o seu próprio corpo e o corpo do outro, trazendo à tona as dúvidas, os tabus. Em uma cartolina, os homens desenhavam o corpo da mulher e elas o corpo do homem, uma forma de trabalhar as questões que levam a preconceitos. Era surpreendente descobrir o quanto essa técnica facilitava o aprendizado, o interesse pelos temas, a atenção, a criatividade. A grande descoberta, para eles próprios também, foi perceber o quanto são inteligentes, edu-

cados, curiosos e alguns já tinham o prévio conhecimento em relação ao que estava sendo abordado.

Sempre estávamos buscando o novo para socializarmos com o maior número de pessoas possível, principalmente quando percebemos a necessidade dos adolescentes e jovens em relação a vários temas do cotidiano. Pesquisamos em várias fontes de conhecimento para que fossem esclarecidas todas as dúvidas que tínhamos e pudéssemos sair com o sentimento de missão cumprida, trabalhando temas do cotidiano, como: corpo, métodos contraceptivos, sexualidade, dentre outros.

As experiências nos estágios foram marcantes em nossas vidas, houve casos que tocaram e emocionaram as duplas. Tudo o que passamos ficará marcado para sempre e com certeza lembraremos com saudade, certos/as de que nós, *Jovens Formadoras/es de Opinião*, conseguimos mudar de uma forma ou de outra a vida das pessoas com quem convivemos. Embora a convivência tenha ocorrido durante um período curto, ela foi muito importante para o nosso futuro e o de cada um deles.





Reconhecendo-se na Construção da Cidadania: seu Potencial e Diferenciação

FABIANO JOSÉ DE OLIVEIRA, GISELE NUNES DE OLIVEIRA,
LUCILENE SILVA DE FREITAS & VALÉRIA FELIX DA ROCHA

NA AMPLITUDE DA CAPACIDADE PARA RENASCER de gestos despedaçados, foram-nos dadas nesse processo possibilidades para exercitar diferentes dimensões do poder:

- ∞ Poder sobre – ao nos tornarmos cientes do desenvolvimento de habilidades e capacidades para controle de recursos e oportunidades, no movimento da vida;
- ∞ Poder para criar novas possibilidades e ações;
- ∞ Poder interior no respeito próprio e respeito pelo outro, enquanto educador/a social que discute, reflete, orienta, na certeza de que a intensidade do viver é o grande momento de todos nós.

Por isso mesmo, a gestão da comunicação, no espaço educativo formal e informal vivido por nós, requereu discussões e aprendizados para chegarmos onde chegamos sem debandar no caminho.

Como a linguagem influencia o comportamento e o próprio comportamento é uma forma de comunicação, em alguns lugares, demonstramos medo e noutros até desistimos, simplesmente descrentes de que seríamos capazes de despertar o interesse de crianças, adolescentes e jovens em relação à necessidade da construção de direitos à saúde sexual e reprodutiva.

Todavia, o nosso sonho é revelar o alcance teórico e prático da nossa experiência:

NÍVEL PRÁTICO – Ensinaamentos que se desprendem da experiência, que deverão ser levados em conta para enriquecer futuras práticas, tanto próprias como alheias. Por exemplo, o trato da ociosidade de jovens e adolescentes;

Aprendizados no plano da organização e formação de jovens para trabalhar com outros jovens. Por exemplo, com os que se sentem desmotivados para viver;

Possibilidades de ampliação no alcance de novos horizontes com essa oportunidade.

NÍVEL TEÓRICO – Formulações em torno do fortalecimento da auto-estima, da autoconfiança e autonomia, habilidade e capacidade propositiva que desenvolveram, construídas na mediação entre a prática educativa e a vivência facilitadora de atrair mudanças, fazendo conceber o novo neste modo de conhecer.

Descobertas realizadas na relação entre a força dos sentimentos e a frieza da técnica que com as TDG adequadas à vivência, não só aquecem, como também transformam e aglutinam no imprevisível.

Clareza no protagonismo que se relaciona ao respeito pela diversidade e desdobramentos práticos no exercício da cidadania que envolve empenho e entusiasmo.

Enfim, a grande lição é a de que devemos atuar em favor do/a jovem que queremos e não contra o/a jovem que não queremos. E que a

ação de conhecer se manifesta na vivência, portanto significa envolver para criar junto um verdadeiro método de conhecer-se no processo.

Frente aos nossos desejos ficam novas inquietações:

- ☞ Como é que o grupo se vê hoje nas suas relações com outros grupos?
- ☞ Como é que está sendo a construção de si mesmo?
- ☞ Os conflitos vividos foram transformados em positividade?
- ☞ É possível descobrir novas oportunidades para prosseguirem nessa competência?

Constatamos, frente ao reconhecimento da comunicação que constrói a cidadania, que se torna necessário retornar aos espaços educativos visitados, levando nossos produtos de conhecimento de forma imaginativa e criativa, num processo educomunicativo de reencontro para nova construção com crianças, adolescentes e jovens, que são a razão desse fazer educativo político. Para viabilizar essa perspectiva de retorno, algumas sugestões podem ser projetadas e montadas, tais como: pequena história; novela; teatro; fábula; gráficos; catálogos de fotos, dentre outras.

Um Alerta

Não necessitamos incluir tudo que fizemos, mas, no material a ser dirigido, precisamos incluir todo o afeto e criação que fomos capazes de fazer nascer das nossas vivências.

Repetindo esta experiência, acrescentaríamos:

- ☞ mais escuta;
- ☞ mais dança;
- ☞ mais tempo tanto para a experiência quanto para a sistematização;
- ☞ mais temas para além da sexualidade, que poderiam ser abordados.

Assim, a GESTOS aponta uma educação para a cidadania que desabrocha pela comunicação nesta articulação argumentativa de modos de ser, sentir e viver. Cidadania que acolhe a participação de jovens e que irriga sua atividade social e política, um exercício de efetivação de utopias, que se constrói pela participação, liberdade, responsabilidade e esperança, tem tudo a ver com o que acreditamos.

Uma necessidade maior palpita em cada um de nós e pode ser objeto de atenção na continuidade de trabalhos dessa natureza: dar um jeito no estilo de vida que vulnerabiliza alguns jovens que se sentem desvalorizados na sua linguagem, no seu comportamento, nas inquietações que trazem.

Nossa Diferenciação

A diferenciação nessa vivência se deu no despertar do nosso eu no desejo de mudança, mudança essa que não era só nossa, mas de todos os jovens por onde nós passamos. Alcançamos alguns avanços facilitando vivências que possibilitaram a crianças, adolescentes e jovens reconhecerem suas capacidades, fazendo-os pensar e se questionar. Nesse nosso trabalho, argumentamos com os grupos, buscando neles o que sabem sobre os temas abordados e dessa forma descobríamos suas inquietações e dúvidas, esclarecendo-as na medida do possível. Com isso, aumentamos nossa sabedoria ao discutirmos opiniões, dando mais informação.

Esse era um momento muito bom, porque eles falavam e expressavam o que sentiam e o que queriam. A cada oficina isso se repetia: ficavam curiosos e isso despertava o interesse e a participação. Também deixávamos sempre claro que tínhamos vivenciado as mesmas dúvidas e medos, mas sempre no caminho da superação. Mostramos também para eles que podiam se encontrar do mesmo jeito que nós nos encontramos, em torno da valorização do ser jovem e na busca constante da mudança.

A perspectiva deste projeto é de oferecer condições para crianças, adolescentes e jovens, fazendo com que tomassem pelas mãos a

própria educação, realizando mudanças sempre que quisessem, sempre que pudessem. Um trabalho de descobertas e de orientação educativa.

É educativa, porque nessa dinâmica foi gerada uma aprendizagem de como viver. E é de descobrimento, no sentido de que ajuda a viver, ensinando a convivência pela confiança e entrega ao outro, ao grupo.

A concepção de “opinião” evoluiu bastante. Desde o embate com o próprio nome dado ao projeto, às argumentações com os educadores, até à descoberta do próprio conceito no fazer operativo e narrativo, tecendo opiniões.

Partimos da compreensão de que opinião é algo que determina um espaço de poder. E que isso pode dar ao jovem a liberdade para pensar o que quiser, assumindo opiniões diferentes, sabendo que opinião é um processo em formação. Não se trata de opiniões que massificam, trata-se de opiniões diferentes que vão libertar as pessoas da massificação, da ideologia e favorecer a liberdade.

Tomando-se por Base o que Entendemos por Opinião de Jovens: que Aprendizagem é Essa?

O modo como nos apropriamos da experiência, criando espaço para que as interpretações fossem discutidas, valendo-se do imaginário de cada um, refletindo os objetivos que ganharam autonomia na experiência e capacidade propositiva, mostra o significado e o sentido dado à formação de opinião.

Destacamos a dimensão afetiva, que situava a experiência no seu plano maior, reveladora do essencial na formação e no processo criativo de formadores de opiniões. Nesta experiência favorecemos o intercâmbio e o respeito aos diferentes saberes, trabalhando modos de sentir, pensar, querer e agir, no amplo espaço das comunidades cujo exercício da cidadania pela comunicação educativa pôde chegar de forma inusitada – na visão de alguns professores – porque atenta à escuta e à fala através do uso da arte e da educação.

O processo educativo foi sempre um processo de construção, desconstrução e reconstrução de opiniões. Existem preconceitos tão

“obscuros”, que só foram desconstruídos/reconstruídos com um ano de trabalho. Na prática vimos preconceitos contra homossexuais, lésbicas, pessoas soropositivas e buscamos com a desconstrução a mudança de idéia, porém nem sempre conseguimos. Sabemos que não é “em um dia” que iremos mudar essas opiniões, por isso entendemos que palestras para jovens não levam muita coisa, e quase sempre angustia. Os resultados imediatos que obtivemos foi utilizando uma perspectiva de não darmos nada pronto; despertávamos a curiosidade desenvolvendo vivências para que eles corressem atrás, nesse processo de autoformação que é o elemento número um da aprendizagem.

O que nos alegra é saber que estamos no mundo e que os pensamentos das pessoas poderão ser modificados com tudo aquilo que discutimos e socializamos. Com essa experiência, nos foi possível aprender a ouvir, escutar, perceber o outro, respeitar a opinião, a fala, aprender que todos os dias existem coisas diferentes e que nada é igual. Aprendemos a construir vivências, utilizando técnicas de dinâmicas de grupo com aqueles/as crianças, adolescentes e jovens que não têm oportunidade de participar de uma reflexão sobre sua própria vida.

A valorização da Opinião dos Jovens na Linguagem Vivencial

Foi desafiador, questionador. Uma busca constante, um novo modo de ler e de fazer um processo educativo entre pares. Na verdade, o que fizemos foi dar para outros jovens tudo o que nos foi dado de maneira clara e objetiva. Construir opinião não é tão fácil; é como se fosse uma casa para ser construída; primeiro tem que conhecer o lugar, medir, calcular, depois vem um tijolo aqui, outro ali, tendo que ter o cuidado e a delicadeza de ver como está fazendo.

Não construímos opiniões, mas refletíamos com eles/as opiniões que já existiam dentro deles/as. Uns conseguiram construir algumas opiniões; outros persistiram nas dúvidas, pois trabalhamos com pessoas que muitas vezes nem falavam suas opiniões por conta de uma cultura que não estimula as pessoas a expressarem as próprias idéias.

Com base nas temáticas trabalhadas, dentro da área dos direitos sexuais e reprodutivos, fortalecemos algumas idéias existentes, ampliando a visão dos jovens, dando-lhes a oportunidade de lutar por seus direitos e poder de fala. Reconstruímos opiniões, mostrando a realidade em grande proporção, saindo do “eu sou” para o “nós somos”.

Aprendemos com os/as crianças, adolescentes e jovens a abrir mão de idéias antigas e perceber que também aprendemos e nos reconhecemos por sermos seres inacabados e em processo de construção de nossas próprias opiniões.

Vale ressaltar que as temáticas foram definidas no processo de formação, sendo acrescentados temas que emergiram ao longo do processo, como, por exemplo, abuso e exploração sexual, preconceito racial, dentre outros.

O jovem, em especial o adolescente entre 12 a 18 anos⁵, é tratado pela sociedade de forma ambígua, muitas vezes, como adulto que é capaz de tomar algumas decisões sobre o futuro, todavia, deve ser protegido da exploração e do abuso. Recebe também informações para saber tomar decisões corretas, agir com prudência em suas decisões com relação ao bem-estar e à carreira profissional. Logo, é contraditoriamente independente e dependente.

Percebe-se, até agora, que a transição da adolescência para a idade adulta é influenciada por etapas críticas como a saída da escola para o mercado de trabalho, da família de origem para outra situação doméstica, através da migração e de outras situações de vida que podem repercutir positiva ou negativamente sobre a saúde do jovem.

Compreendemos que a sexualidade é construída na mente e no coração, ao longo de toda vida, de muitos modos, por todos os sujeitos, sujeitos estes, segundo alguns autores, constituídos de múltiplas e distintas identidades sociais. O corpo se torna a referência central, é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou que podemos nos tornar.

A partir do momento que passamos a olhar os materiais produzidos, e tratar da temática corpo, explicando cada função dos órgãos dos aparelhos genitais, percebemos o quanto eles ficam interessados. O

5. Tomamos como referência o Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA.

tema mexe com a curiosidade de cada um e assim são ultrapassadas barreiras, já que, até então, o corpo era sinônimo de vergonha e coisa feia.

Nossas experiências durante o estágio revelam o imaginário: “se meu corpo fosse...”, “um corpo com poderes sobrenaturais, eu acabaria com a guerra, a fome e a seca”, “sexualidade para mim é uma ponte que só é segura de um lado e do outro lado não tem segurança, e se você não for para o lado certo, você cai e sofre forte consequência”. Pode até parecer estranho um jovem falando sobre direitos sexuais e reprodutivos para outro jovem; mas os jovens, com sua refinada sensibilidade, conseguem perceber as dimensões do seu corpo, que sente, deseja, sofre, fala e, muitas vezes, estranha a si mesmo.

Por que Esses Jovens Reconheceram seu Potencial na Comunicação?

As narrativas formuladas, neste processo de sistematização, dizem respeito às lições que iluminaram buscas e inquietações sob a perspectiva de um modo de atuar vinculado ao autocuidado e ao cuidado com o outro, além do compromisso com a teia de relações que sustenta e dá sentido à vida. Avaliando o processo, os jovens dizem que consideram como tema de maior encantamento o CORPO e o pior tema a ser tratado o ABORTO.

Resistência em trabalhar o tema aborto

O aborto foi o primeiro tema-desafio do nosso cronograma de atividades. Mesmo com todo nosso conhecimento sobre o assunto, tivemos que mobilizar grupos a fazer debate e expor suas opiniões. Após o término da oficina, notamos que o grupo foi bastante resistente ao tema, dificultando o desenrolar da oficina. Isso gerou um sentimento terrível de insegurança, e chegamos até a pensar em retirar o tema do nosso cronograma. Foi a partir da revisão de estágio, na avaliação semanal, junto a todas as outras dificuldades do grupo *Jovens Formadoras/es de Opinião*, que conseguimos superar nosso sentimento de insegurança e tivemos mais confiança em continuar desenvolvendo o tema em qualquer lugar.

Despertou-nos também o interesse em buscar mais sobre o aborto, alertando-nos para a necessidade de relacionar o conteúdo pedagógico com a realidade social em que nossos jovens educandos se encontram.

Aprendemos que o maior aprendizado do trabalho educativo é a construção de opinião própria no debate.

Por tudo isso, consideramos o grupo de educandos maravilhoso e extremamente inteligente. Aprendemos várias outras coisas com eles. O crescimento adquirido com as dificuldades é incalculável: foi muito bom! Além do carinho e afeto, foi excelente a troca de experiências entre nós.

A vivência da dúvida em relação ao aborto

Numa ONG, trabalhamos as oficinas de sexualidade com jovens. Entre os vários temas desenvolvidos, um deles foi o aborto. Discutimos sobre as leis, a diferença entre o espontâneo e o provocado e também as opiniões do grupo.

Em determinado momento, observamos que estávamos numa situação conflituosa. Não sabíamos o que fazer em relação a uma menina e pensamos imediatamente em ligar para a facilitadora que orientava o grupo na supervisão do estágio. Pensamos: “ela é psicóloga e sabe como agir melhor diante dessa situação”. Tentamos um contato, mas não conseguimos.

Achávamos que não estávamos preparados/as para a situação, mas diante da emergência, pensamos: “somos educadores/as e por sermos educadores/as, temos o dever de escutar”. Tomamos uma postura de escuta, na qual não podíamos dar opinião e sim fazer uma escuta afetiva diante dessa situação conflituosa, gerada pela dúvida em relação ao aborto.

Posteriormente vimos que fomos capazes e estávamos preparados para, diante de outras situações, utilizar a pedagogia da escuta, assegurando o ponto de vista da adolescente, que estava numa situação de insegurança e precisava de apoio para organizar suas idéias e sentimentos.

Os educandos acumularam forças, crescendo em conhecimentos, em organização, descobrindo que muito precisava ser feito, desde o

poder pessoal, enquanto formadores de opinião, ao mais profundo de suas sensações e emoções, seus corpos, suas marcas.

Eles destacaram como maiores acertos na experiência:

- ∞ a prevenção;
- ∞ o conhecer o estilo de trabalhar dos grupos;
- ∞ o incentivo à multiplicação;
- ∞ a escuta.

Perceberam que, neste nascer partilhado, há afeto na emoção, há criatividade na ciência, há sonhos nas possibilidades e que essa tomada de consciência atrai mudanças e clareia objetivos.

Assim, indicaram como seus maiores desacertos:

- ∞ medir forças com seus pares;
- ∞ mostrar fraqueza;
- ∞ não compartilhar o trabalho com a dupla;
- ∞ não ter sido mais proativo.

Rivalidade dentro da sala de aula

Trabalhamos com 33 jovens de comunidades diferentes: Ilha do Leite, Coque e Coelho – bairros do Recife. Notamos que entre eles havia rivalidades e subgrupos rivais, que se relacionavam com dificuldades, por isso vimos a necessidade de integrar o grupo. Foi então que realizamos a dinâmica do espelho⁶, tendo como objetivo valorizar a presença de cada aluno/a, desenvolver a auto-estima e estimular a unidade da turma.

Solicitamos aos alunos/as que se sentassem em círculo. Apresentamos uma caixa. Deixamos que eles/as observassem a caixa, estimulando-os/as a adivinhar seu conteúdo. Dissemos que a caixa tinha um ser maravilhoso, único, de grande importância para todos nós, sem o qual não poderíamos viver. Os/as alunos/as tentaram descobrir o conteúdo da caixa, sem sucesso. Passamos a caixa para cada um/a deles/as, pedindo que não comentassem sobre seu conteúdo aos colegas e sempre

6. Para realizar a dinâmica do espelho é necessário uma caixa de sapato com tampa, forrada com papel de presente, contendo um espelho fixado no fundo.

dizendo “a presença deste ser é um presente sendo de extrema importância para todos nós”. Cada um/a abriu a caixa e viu sua imagem refletida no espelho. Concluída a tarefa, conversamos sobre a importância de cada aluno/a para o grupo, com suas qualidades, habilidades, diferenças e defeitos. Daí a necessidade de união.

Depois desta oficina, o grupo passou a interagir melhor, as rivalidades diminuíram e conseguiram desenvolver tarefas conjuntamente. Só então conseguiu compor novos subgrupos misturando as comunidades rivais.

Diante de tais desafios, nós – *Jovens Formadoras/es de Opinião* – também nos frustrávamos. E isso gerou em nós sentimentos de angústia, vontade de desistir, muitas vezes, medo e insegurança de não saber contornar a situação e se sentir dominadas pelos desentendimentos do grupo. A vontade de chorar era grande, mas não na frente deles/as, é claro.

No final, ficamos felizes por ter desafiado essa dificuldade até o limite e ter percebido que a rivalidade foi atenuada e o grupo conseguiu realizar tarefas com muito menos conflitos.

A resistência do grupo ao trabalho

Quando chegou o momento de encarar a realidade de se iniciar as oficinas de sexualidade com um grupo de aproximadamente 18 adolescentes, admito que tremi na base, quase desisti de tudo. Mas como contava com o apoio e a ajuda de uma companheira no estágio, fiquei mais fortalecida e confiante.

Ainda no início das oficinas, a sensação de impotência tomava conta de mim, não conseguia entender o porquê de tanta agitação durante as oficinas. Por que não nos escutavam? Por que brigavam tanto entre si? Esses fenômenos me desestimularam, fazendo que não tivesse forças nem ânimo, para pensar e tentar perceber o que causava todo aquele mal-estar entre o grupo e os facilitadores.

Durante as oficinas existia uma constante: um dos alunos, que era visto pelo grupo como líder e pela instituição como um problema, “um caso perdido”, sempre estava fazendo coisas para chamar a minha

atenção; eu estava vivendo no grupo o que Schultz⁷ caracteriza de controle, em que o adolescente chegava a medir forças comigo, sempre usando o grupo como platéia, que, naquele momento, representava para ele a figura de educadora. No início, me deixei levar por seu “joguinho”.

Na tentativa de livrar a turma da dispersão e do controle promovido pelo adolescente “líder”, percebi que a solução para o problema estava nele próprio. Fui amadurecendo nos encontros de supervisão de estágio, segui colocando em prática sua própria liderança, que até então era considerada negativa do ponto de vista educacional e metodológico, usando-a como passaporte para podermos entrar no grupo e chegar junto de cada um deles.

No desenrolar das oficinas, passei a não corresponder às provocações, nem a medir forças diante das resistências. Os vínculos começavam a ser formados. O líder era, aos poucos, incumbido de tarefas, nas quais ele se via como parte integrante do todo e, assim, reconhecia o tamanho da sua importância.

As tarefas, que se transformaram em responsabilidades nas mãos do adolescente, facilitaram a mudança e a transformação da resistência do grupo.

No curto período que convivi com esse adolescente, pude perceber que o que o fazia agir dessa maneira desesperada era mais uma vez o meio e as pessoas que o rodeavam. Dessa mesma forma age grande parte da nossa juventude. Também percebi que um pouco de consideração e afeto faz um bem danado, pois na maioria das vezes é só o que eles querem, melhor dizendo, queremos.

Sabendo dessa realidade, tive que aprender a me segurar e não estourar por qualquer birra. Durante todo esse exercício, senti raiva e dor, mas junto com esse sentimento vivenciei também uma enorme vontade de descobrir formas de resolver, melhorar as difíceis histórias.

A partir dessa experiência, me percebo hoje mais sensível e aberta para o novo, assim como para as dificuldades, fator permanente no dia-a-dia.

E hoje, mais do que nunca, sei que para dar informações corretas e esclarecedoras, não é necessário querer mostrar-se superior. Para

7. W. Schultz – teórico em *Técnica de Dinâmica de Grupo* que apresenta o controle como uma das fases do desenvolvimento grupal.

que a educação aconteça, é preciso conhecer e entender o mundo em que nós, jovens e adolescentes, vivemos.

Preconceitos e Exclusões

Avaliamos que estamos amadurecendo a cada momento e motivados/as para a função que estamos a desempenhar. Algo novo, algo que jamais imaginávamos, surgiu no processo de construção da sexualidade de crianças, adolescentes e jovens, durante o período de orientação. Para nós também, que estamos iniciando tanto o estudo do tema como a nossa sexualidade, não foi tão fácil assim.

Nessa orientação nos deparamos com muitas barreiras. Encontramos grupos cheios de preconceitos raciais, sociais e de gênero, entre outros. Tais preconceitos atingiram a auto-estima de uma jovem educadora negra que pensou em desistir de seu estágio naquela instituição. O monitoramento e a avaliação possibilitaram os questionamentos necessários à mudança mediante ela mesma.

Destacamos aqui a fala de uma jovem em seu espaço educativo: *a professora é muito feia, muito preta, tu é muito feia, parece uma macaca.*

Para a jovem educadora, essa fala doeu muito. Fez que não estava escutando e continuou explicando o assunto, mas o preconceito contagiou outras crianças e elas não paravam de repetir. Foi quando a jovem educadora decidiu, então, pegar suas coisas e sair da sala – pois não estava agüentando – e foi chorar lá fora. Duas meninas também saíram da sala, a viram chorando e falaram, “não fique assim não, professora, eles não respeitam ninguém”. Aprendemos, refletindo sobre essa experiência que, para que possamos trabalhar o sentimento de outras pessoas, temos que trabalhar o nosso próprio sentimento, a nossa auto-estima, em busca da construção do próprio reconhecimento como pessoa negra. A própria jovem educadora fala: “o salto que dei no meu adolescer foi de ter consciência da minha negritude”.

Essa situação adversa e contraditória, dentre outras, ganhou destaque no processo de sistematização. Cada jovem, ao identificar a situação que lhe foi adversa, teve oportunidade de, utilizando um roteiro para reconstruir a situação na vivência, reconhecer-se nesse processo.

Demos destaque à situação de raça e cor.

Destacamos, ainda, que alguns dos espaços ocupacionais de trabalho não nos deram a oportunidade de mostrar nosso potencial como educadores/as. Demonstavam também preconceito por sermos jovens, não valorizando o nosso trabalho. Esta sistematização difunde a experiência, mostrando o que somos e quanto fomos capazes de desenvolver em um trabalho de sexualidade com crianças, adolescentes e jovens, despertando-os para esse direito.

O sentido da Construção de Opinião na Pedagogia da Brincadeira

O nosso trabalho acontecia, a partir do momento em que as crianças eram ouvidas, entendidas e respeitadas. As *Técnicas de Dinâmica de Grupo* foram um apoio ao nosso processo pedagógico e metodológico para que as oficinas com os grupos não se tornassem monótonas. Serviram para identificar e definir as características do grupo, delimitar o conteúdo do tema, potencializando os recursos e meios disponíveis no movimento de construção de opinião. O que não é fácil para uns, para outros, é um processo já despertado.

Há ainda os que vivem atrás de ilusões. Com esses é que se torna difícil ver acontecer uma mudança, pois não estão acostumados a pensar e questionam: “o que vale isso em nossa vida?” Sempre temos que provocá-los para fazê-los pensar em tudo o que já foi dito, questionando os porquês e procurando respostas.

Nosso relacionamento, construído com base nos temas, a cada momento, foi desvelando o papel do jovem na orientação sexual, com grupos de outros jovens, dando sentido à oficina. Podemos dizer, agora, que com o uso das brincadeiras pudemos promover mudanças, aprendizados e alegrias.

Meninas que viviam do lixão de Camaragibe resistiam à oficina para continuar brincando. Nossa compreensão inicial nessa experiência era de que o principal, em nosso trabalho, seria convencer o grupo a participar da oficina. Aprendemos a escutar melhor o grupo, olhando a história de cada um. As crianças queriam mesmo era brincar, o que só

descobrimos depois.

Levávamos sempre dinâmicas, planos de aula, textos, mas toda vez que íamos começar a oficina, aprendíamos a refazer o plano de aula, por causa do movimento do grupo, para atender a necessidade do momento.

Meu sentimento diante da necessidade da mudança era de medo, vontade de chorar, frio na barriga, mas sempre com confiança – vai dar certo! Descobrimos que o tema família interessava muito ao grupo, porque as meninas eram muito carentes, sobretudo de afeto. Percebemos que a fome as levava para o lixão.

Sentimo-nos como crianças, porque as meninas sempre nos chamavam para brincar de futebol, barra-bandeira, etc. Passamos a propor algumas técnicas adequadas à dinâmica desse grupo, associadas ao lúdico: piaba, pincel, cobra no mato.

Hoje somos pessoas mais atentas aos desafios. Não sabemos de tudo, queremos aprender mais e, o que sabemos, repassamos.



meu poema é você

Valéria Felix da Rocha

*Me dê mais um tempo
Que lhe mostrarei que você é tão surpreendente
Como eu ou qualquer outro.
Mais um tempo para fazer este momento ser inesquecível
Para o nosso viver,
Na verdade, vim buscar em você coragem para continuar minha luta.
Notando sempre que começo sempre e no mesmo lugar,
porém de formas diferentes.
Se eu não tiver esse tempo, lembre-se
Daquele instante quando tudo dependia de você,
E ainda depende, só basta querer fazer acontecer.*



Aprendizados da Experiência: Desvelando Perspectivas de Vida

ADRIANA MARIA DE LIMA, LUCIANA BARRETO DE MATOS,
TAÍS MARIA DA SILVA & ELAINE CRISTINA RODRIGUES DE CARVALHO

A MANEIRA DE TRABALHAR A FORMAÇÃO foi inovadora. O diferencial está na síntese da arte-educação com a formação política. Uma metodologia com duplo desafio: a educação entre pares de jovens e o tema da sexualidade como direito.

O processo educativo é sempre um processo de ressocialização, porque trabalhar a saúde sexual e reprodutiva é envolver a pessoa, o corpo, a identidade, o ser humano. Tivemos uma capacitação sobre políticas públicas que mostraram os direitos e as leis, as coisas não ficaram soltas. Resgatar a identidade foi importante, com essa apropriação, vimos o quanto as coisas iam caminhando.

O módulo de arte-educação, um aprendizado da forma de trabalhar os temas, forçou cada um/a a desenvolver o seu próprio estilo de trabalho, cada um/a foi se adaptando, tornando-se um/a educador/a sin-

gular. Os estilos são diferentes, contudo fazemos a mesma coisa.

Apropriando-nos do processo, podemos dizer que como jovens educadores fomos percebendo, na oficina de Gênero, o quanto a nossa vivência estava distante do que queríamos. Com base no entendimento de políticas públicas, descobrimos que o direito e a identidade são dois marcos significativos. De acordo com o depoimento de uma educadora jovem, o que mais a marcou foi quando ela percebeu que aquilo que vivia na vida não era o que queria; no tocante às políticas públicas, ela descobriu os seus direitos e descobriu a possibilidade de aprender acerca da própria sexualidade.

Concluimos citando a responsável pelo monitoramento do projeto que afirma: “na vida, para ser feliz, é preciso ter oportunidade, informação, confiança e apoio”. Conseguimos isso na formação que recebemos.

Os textos eram difíceis, mas essa dificuldade nos obrigou a conhecer mais palavras e autores; nos estimulou a ler. Foi quando percebemos que não estávamos sós nessa história. Líamos uma vez e às vezes não entendíamos e às vezes também achávamos que o problema era mesmo nosso. E de certa forma era, porque não corríamos atrás da leitura, não repetíamos a leitura e a responsável pelo módulo da *Formação Política* nos dizia que era interessante que lêssemos para que tivéssemos outros olhares, porque cada leitura faz-nos enxergar as coisas de modo diferente.

Ousamos recriar o nosso processo pedagógico. Não estamos trabalhando somente a DST/HIV/AIDS, estamos trabalhando um conjunto de temas para que as pessoas se tornem autônomas e possam decidir sobre o seu corpo, sua sexualidade e sua vida reprodutiva. Em relação às orientações, pensamos sobre como encontramos e em como deixamos alguns grupos. Muitos deles eram barulhentos, indecisos, curiosos, desconcentrados. Outro ponto diz respeito às diferentes formas de ensinar e às diferentes linguagens relacionadas ao público. Em síntese, a relação entre educador e educando era aberta, confiante, de amizade, escuta e de igual para igual.

A construção coletiva de temas era possível, pois dependia da realidade de cada grupo. As técnicas de dinâmicas de grupo facilitavam

a construção de opinião e possibilitavam mudanças por meio do trabalho desenvolvido, em relação ao seu modo de pensar e viver.

O que podemos dizer de nós hoje, como aprendizes desse viver? Aprendemos que temos que aprender mais. Descobrimos que ainda sabemos muito pouco. Temos que buscar idéias e amadurecer nossos pensamentos. As aprendizagens nos tornaram mais sensíveis à realidade do público jovem, à situação em que vive. Sentimo-nos amadurecidos e nutridos com essa experiência. Mesmo jovens, carregamos uma bagagem de experiência, que não está à margem do que acontece.

Cenário e Espaços Educativos

Vinte e quatro instituições nos beneficiaram com o estágio, cinco se localizavam na REGIÃO POLÍTICA ADMINISTRATIVA 01 de Recife – RPA 01 –, que compreende a região central da cidade. Somente a RPA 05 não foi contemplada com este trabalho. Cinco instituições se localizavam na RPA 02. Na RPA 03, duas instituições faziam parte dela e na RPA 04 somente uma. Na RPA 06, estivemos em três instituições. As instituições restantes pertenciam aos municípios vizinhos – Camaragibe, Cabo e Olinda.

LOCAL INSTITUIÇÕES

RPA 01 Pé no Chão – 2002 e 2003

Instituto de Assistência Social e Cidadania (IASC)

Organização de Auxílio Fraternal do Recife (OAF)

Novo Mundo

Centro Dom Helder Câmara (CENDHEC)

RPA 02 Trapeiros de Emaús

Daruê Malungo

Grupo Ressurreição

Arte Manha

Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças

RPA 03 Semente do Amanhã

Retome Sua Vida

RPA 04 Escola Municipal Engenho do Meio

RPA 06 SACOLARTE

Centro Popular Mailde de Araújo (CEPOMA)

Escola Municipal Júlio de Oliveira

CABO Centro das Mulheres do Cabo

CAMARAGIBE Criança Camará (2 turmas)

Agente Jovem Câmara

OLINDA Agente Jovem

Centro de Apoio Integral à Criança (CAIC)

Em nossa vivência com os grupos de adolescentes, desenvolvemos trabalhos bem práticos. Nesses trabalhos houve questionamentos de grande importância que foram fundamentais para o andamento do trabalho. Eles/as não sabiam se queriam ouvir ou ser ouvidos/as, em situações específicas até brincavam para esquecer a fome, o que deu outro sentido e andamento às oficinas. Os grupos tinham dificuldades de se relacionar, porque para eles já era muito difícil conviver com seus próprios problemas, pior ainda era ter que conviver com os problemas existentes no grupo.

A humildade era a base do nosso trabalho e foi com ela que conseguimos alcançar o sucesso, utilizando como ferramentas: o estudo, a dedicação, sempre confiantes no novo caminho da orientação sexual-sexualidade como direito.

Muitas pessoas ajudaram e acreditaram no nosso potencial, acompanharam nossas conquistas. Ouvíamos: “se quiser, você pode chegar lá”. Isso elevava nossa auto-estima. Continuamos, mesmo tendo várias dificuldades nos caminhos por onde seguíamos; mas, o inesquecível para nós foi o carinho que conquistamos em nossa experiência.

Entrando no território das dificuldades, sentimos uma grande insegurança por ter que cumprir a “obrigação” e notar que alguns grupos tinham muitas necessidades e precisavam de um trabalho de conscientização e sensibilização. Outros grupos se angustiavam por não serem como gostariam, por conta da opressão da sociedade. A pouca oportunidade causava desinteresse e tornava-os reprodutores da violência. Foram muitos os desafios que tivemos que enfrentar; eles não valo-

rizavam o corpo e, alguns, nem a vida. Concentrar o grupo e manter-se concentrado era uma tarefa muito difícil. A cada oficina aumentavam as nossas expectativas e ansiedade. A preocupação era constante, os participantes eram muito vulneráveis e isso nos emocionava, pois estávamos quase na mesma situação. A carência era visível, coisa que muitas vezes nos deixava frustrados/as. Existia uma grande descrença em nosso potencial, por parte de alguns. O grupo muitas vezes se desconcentrava e o barulho predominava, e as coisas pioravam quando não havia uma identificação do aluno com o educador. Para conseguir trabalhar, buscávamos despertar a curiosidade deles em relação ao tema abordado.

Tínhamos problemas para chegar em vários lugares. Ao chegarmos, precisávamos conquistar o espaço para as relações educativas. Sentimos saudades daqueles lugares onde pudemos ver grandes mudanças, que nos deixaram surpresos/as em saber da nossa capacidade de despertar em diferentes pessoas, de diferentes idades, melhores visões sobre a vida, e como poder enfrentá-la, sem ter que passar por cima de ninguém. A morte de um amigo componente do nosso grupo foi extremamente cruel para todos nós integrantes do *Jovens Formadoras/es de Opinião*. Outros nos deixaram no meio da caminhada, isso nos fez refletir como éramos vencedores por estarmos dando continuidade a essa luta.

Existiram muitos desafios, mas é importante ressaltar que em meio a tantas dificuldades, tivemos a possibilidade de encontrar grupos abertos e dispostos a dar suas contribuições para que as nossas oficinas fossem potencializadas.

A participação proativa e criativa dos grupos era significativa a ponto de até mudar as nossas sugestões de plano de aula. Os grupos institucionais onde tivemos o prazer de desenvolver as oficinas – e que ricamente contribuíram alavancando os nossos trabalhos – estão localizados em lugares distintos, mas partilham da mesma realidade social.

A cidade do Recife apresenta um quadro de problemas que se refletem na qualidade de vida da grande maioria de seus habitantes. A falta de acesso dessa população à infra-estrutura e serviços básicos põe em relevo a fragilidade ambiental da cidade, que se expressa pelo sistema de esgotamento sanitário. Isso tem um forte rebatimento na saúde da

população. A rede educacional, apesar de estar sendo ampliada nos últimos anos, ainda não agrega a grande maioria dos jovens.

Nosso Protagonismo

Fomos descobrindo nosso protagonismo graças à convivência na GESTOS. Alguns de nós não percebíamos isso, embora já tivéssemos esse lado protagonista de ser e de agir na sociedade. Essa descoberta veio no momento em que tomamos como objetivo transformar as coisas negativas em coisas positivas. Com isso, foi possível querer estar junto com outros jovens como uma forma de se preocupar com o ser humano.

A descoberta de nós mesmos faz que não toleremos que as pessoas fiquem sentadas escrevendo sobre a nossa vida, querendo entender melhor quem somos nós. Descobrimos que sabemos e podemos escrever sobre a nossa vida e nossas vivências em busca de um mundo melhor para as pessoas. Essa experiência de tomar pelas mãos a própria educação nos estimula sempre a oferecer condições para os/as jovens, com quem trabalhamos. E por este caminho, eles próprios podem realizar suas mudanças sempre que quiserem, sempre que puderem.

Apatia dos/as meninos/as em várias situações

A apatia de alguns adolescentes, em várias situações, nos causava insatisfação. Mas isso só nos fez perceber a necessidade de compreender as características do grupo e as nossas, para melhor trabalharmos as características adversas ao processo de aprendizagem. Com a esperança de encontrarmos uma saída, incluímos no cronograma de atividades o tema auto-estima.

Fazer um plano de aula com esse tema fez com que também refletíssemos sobre nossa auto-estima, elevando nosso conhecimento sobre nós mesmas/os. E para encontrar soluções para o problema dos/as alunos/as, utilizamos a técnica *eu sou alguém*. Pedimos que cada integrante colocasse numa folha de papel todas as suas qualidades. Em seguida, dividimos em subgrupos e solicitamos que apresentassem um ao outro o que haviam escrito. Finalmente, ao refazer o grande grupo,

eles/as perceberam que tinham muita dificuldade de falar sobre si. A maioria não sabia revelar suas qualidades, só si referiam aos seus defeitos. Aos poucos, foram se percebendo como alguém importante, com qualidades.

Uma outra atividade foi a leitura e discussão sobre o poema de Cecília Meireles *Ou Isso ou Aquilo*. Este poema permitiu que eles/as refletissem sobre o que queriam fazer ali.

E como aprendiz do meu viver, o pouco que dei foi muito para quem precisa elevar a auto-estima e poder se sentir vivo e amado, sentir o prazer de existir.

Comunicação como anúncio da vivência de abuso sexual

Hoje preparei a oficina de sexualidade para os pré-adolescentes de uma escola municipal e, durante o levantamento das dúvidas, uma pergunta me fez parar: *É normal um homem transar com uma menina?*

Olhei para minha colega de trabalho, buscamos dar resposta, mas essa pergunta de uma menina de nove anos ecoou em nossa mente por muito tempo.

No final da oficina, conversamos com a professora dela sobre o ocorrido, para cuidar da situação. Vimos que necessitávamos incluir no programa a problemática do abuso sexual.

Chegou o momento de irmos atrás de materiais educativos, recebidos na oficina de abuso e exploração sexual com crianças e adolescentes, no ano de 2000, no curso *Formação de Agentes Sociais em Saúde Sexual e Reprodutiva*, promovido pela GESTOS.

Para dar continuidade ao trabalho educativo, tivemos que levantar situações de violência que elas/es viveram, utilizando a técnica “detetives por um dia”. Cada um/a iria procurar em sua rua, em casa ou na escola situações de violência, tais como pais batendo nas/os filhas/os, abuso com crianças, brigas de casais ou entre colegas, etc. Este exercício facilitou a expressão de situações de violência, possibilitando descobrir porque isso acontecia. Em seguida, refletimos sobre as alternativas adequadas para evitar a violência.

A partir dos diálogos, foi possível informar para o grupo como

denunciar situações de violência contra criança e adolescente e estar atento ao que nos acontece. A questão dos direitos da criança e adolescente encontrava espaço para ser aprofundada nesta escola.

Aquele anúncio fez com que pudéssemos amadurecer e ficássemos preparadas para enfrentar em outros momentos esta situação, com perspicácia e escuta para perceber que essa pergunta não pode ser normal.

O meu sentimento neste desafio foi a confiança na mudança, sei que o resultado não surgiu no momento. Mas plantamos uma semente que colheremos a longo prazo.

Projeto e Plano de Estágio

Entre os processos de aprendizagem vividos neste trabalho, os métodos e a didática da ação nos oportunizou elaborar projetos, apesar das dificuldades, pois não tínhamos muita experiência com a idéia de projeto. Tivemos pouco tempo para entender os porquês, onde, como, e o quê, e sabemos que tudo tem que ter um sentido na construção de um projeto.

O processo foi chato e complicado. Requer muita calma e paciência para entender e desenvolver, criando conteúdos mais simples, porém ricos, que demonstrem com clareza aquilo que queremos e como iremos realizar o trabalho na instituição, na escola etc.

Apresentar o projeto elaborado na instituição representou credibilidade, mostrou que temos condições e capacidade de falar com nosso pares. Apesar de todas as dificuldades vividas, tivemos que adquirir todas as informações institucionais que nos possibilitassem atender o que fosse necessário para a realização de um trabalho na área da sexualidade. Foi então que fizemos nosso plano de estágio. É como se fosse uma bússola, que nos mostra o caminho a ser percorrido, em que se destacam as pessoas responsáveis pelo projeto, as características do grupo, os conteúdos temáticos, recursos necessários, distribuição do tempo, objetivo, metodologia e avaliação.

Tanto o projeto como o plano de estágio e o plano de aula têm sua importância. São elementos que orientam o educador no desenrolar de uma oficina. Essa é uma etapa em que se pode separar em momentos e distinguir o tempo de uma atividade para outra, organizando os traba-

lhos, adequando as aulas e principalmente facilitando a construção dos relatórios; isso deixa claro que o facilitador tem que conhecer bem o grupo e suas necessidades, porque nem sempre o plano de aula é concluído, dependendo do momento em que se encontra o grupo.

Então o grupo *Jovens Formadoras/es de Opinião* criou um instrumento próprio com o objetivo de colher em menor tempo informações pessoais do aluno. Dessa forma, fica mais fácil o educador conhecer as expectativas, as características e o envolvimento deles com a comunidade, além do relacionamento familiar e do desenvolvimento escolar. Com base nesse instrumento, outras informações nos possibilitaram observar se os participantes estão com baixa auto-estima, desmotivados ou se estão interessados nas oficinas.

Pelas características dos grupos beneficiados pelo projeto, verificamos que eles guardam muitas semelhanças. Deparamo-nos com uma realidade que, quando é vista bem de perto, é ainda mais triste. Eles/elas traziam um grande sentimento de exclusão e de revolta e, às vezes, sem perceberem, tentavam descarregar em nós a raiva que tinham do mundo que lhes fechou várias portas.

Encontramos grupos de crianças, adolescentes e jovens que dependiam financeiramente da bolsa oferecida pelos projetos; dependentes químicos e adolescentes em liberdade assistida, que por vários fatores não se concentravam nas aulas. Eles apresentavam dificuldades de aprender e de se relacionar. Havia grupos violentos, e que também haviam sofrido violência física, moral, psicológica e até sexual. Grupos que não foram preparados/as pelo mundo para perguntar, questionar, pois, além de não fazerem isso, simplesmente aceitavam tudo que lhes propunham, e foram um tanto inertes, não esboçando reação diante de alguns trabalhos que fazíamos na tentativa de provocá-los/as. Estivemos em grupos nos quais só as meninas gostavam de TDG. Existiam também grupos ligados a movimentos sociais. Eram conscientizados politicamente, tinham a facilidade de criar e aprender. Dentro de cada grupo, procuramos trabalhar com a diversidade, tanto de gênero quanto de raça, cor, idade, estilo e gosto.

Esse foi e é em geral o perfil dos nossos educandos, crianças, pré-adolescentes, adolescentes e jovens na faixa etária dos 8 aos 24 anos,

com quem gostaríamos de poder continuar trabalhando, porque nos identificamos, por termos realidades, esperanças e desafios parecidos.

Cada momento vivido merece da educador jovem uma atenção quanto aos resultados construídos em torno da opinião de jovens. Entre as opiniões avaliadas, o educador jovem deveria, por exemplo, saber como foi o trabalho do dia, o que eles gostaram, estimulando o jovem a opinar, dar sugestão, seja ela positiva ou negativa. Existe outro modo mais específico de avaliar, que é através de pré e pós-testes, realizados segundo critérios adequados aos grupos. Isso nos mostra o nível do conhecimento deles antes e depois das atividades, e avalia o que aprenderam, com quais dúvidas ficaram e o que seria necessário reavaliar.

Ao concluirmos as experiências em cada instituição, abrimos um canal de comunicação com os jovens e as instituições através de uma carta, de livre escrita, que traria também impressões sobre o trabalho. Os agradecimentos revelam o quanto eles entenderam o sentido dessa experiência.

Ensinar as pessoas a cuidar do seu corpo é um ato de amor fraterno. Vocês educadores fazem muito bem à humanidade com o seu trabalho.

[Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças]

Questionário de Visita à Instituição e Ficha do Aluno

Antes do início das oficinas, num primeiro contato com a instituição de estágio, levantamos dados de como ela funciona, de onde os educandos vêm, qual a sua idade, e qual o objetivo dentro da instituição – Anexo 1.

A *Ficha do Aluno* – Anexo 2 – foi mais um instrumento criado pelo grupo para uma melhor aproximação e conhecimento dos diferentes grupos com os quais iríamos desenvolver o estágio.

No decorrer da vivência, a ficha do aluno se mostrou muito importante porque nos deu oportunidade de conhecer nossos educandos, suas dificuldades dentro e fora do convívio familiar. Assim nos sensibilizamos com suas histórias de vida, já que quando líamos as fichas,

percebíamos que muitos deles viviam em conflito com a família e até mesmo com a comunidade onde moravam.

Quando realizamos as oficinas, já sabíamos das histórias das crianças, adolescentes e jovens. Criamos então um clima para que eles/as pudessem se expressar de maneira clara sobre o que sabiam, ou coisas que queriam falar, mas que nunca tinham tido oportunidade, ou pensavam que não sabiam.

Descobrimos também que eles gostavam de ler, brincar, dançar, estudar, cantar. Em relação à família, alguns falavam que tinham um bom relacionamento. E sobre a comunidade diziam que não participavam de grupos, pois não tinha nada de bom. A ficha continha 17 questões e permitia uma visão geral desse /a jovem.

Perguntas-chave Revisitadas com as Aprendizagens da Experiência Rumo à Vida

Um conjunto de questionamentos borbulhava nossos corações e mentes, ao trabalharmos com vários grupos de diversas localidades que nunca tínhamos visto e que também eram jovens como nós. No início o nosso único desejo era repassar saberes. Na vivência, descobrimos como educação é mais do que isso e o quanto a nossa presença era significativa e mexia com os sentimentos nossos e deles, ao trazermos, como fonte de questionamento, nossas dúvidas e as deles.

Passamos a nos doar, a viver, a nos envolver com cada jovem, a ouvir, valorizando suas opiniões e suas vidas, construindo, reconstruindo opiniões. Como jovens, estávamos na mesma condição de vulnerabilidade, falávamos das oportunidades que não poderíamos deixar passar, louvávamos a condição de ser jovem.

Na vivência encontramos grupos que nos confrontavam, querendo saber a respeito de nossa sexualidade. Esta situação foi polemizada pelo grupo, porque, enquanto uns reconheciam que falar sobre sua sexualidade fazia parte do processo educativo, outros não consideravam que a sua referência pessoal pudesse contribuir para o crescimento do outro. Encontramos ainda grupos que nos abordavam sobre o preconceito em relação a homossexuais, lésbicas e soropositivos. Com esses uti-

lizamos a estratégia de trazer pessoas soropositivas, negras, homossexuais; confrontando estas realidades com o imaginário para que eles/as pudessem refletir sobre seus preconceitos, elevar o respeito e considerar seus direitos.

No processo de sistematização, pudemos resgatar as vivências e ir muito além para compreender cada situação vivida. Passamos a nos conhecer, reconhecer e discordar de alguns escritores que defendiam que na condução de um programa de orientação sexual nada melhor do que o curso superior de Psicopedagogia e nenhuma outra ciência, porque o profissional tem bons conhecimentos acerca do desenvolvimento humano, psicogenético, psicologia, pedagogia, biologia humana, além de dar atenção aos aspectos políticos sociais e culturais. Ficou claro para todos nós que nos qualificamos nesse processo e enquanto jovens podemos atuar no trato de questão tão sublime, porque sentimos também o desejo de aprender e de fazer acontecer esse aprendizado na vida de outros jovens.

Afinal, o que se faz quando não existe psicopedagogo trabalhando em programas de orientação sexual com a população mais carente, que muitas vezes nunca ouviu falar nesse profissional e não sabe nem o que é orientação sexual?

A vida nos ofereceu uma oportunidade, nos identificamos com ela e fomos preparados, capacitados. Além disso, temos desejo de mudança, humildade, força de vontade e motivação. Será que temos que ficar de braços cruzados só porque não temos curso superior?

Com a nossa experiência aprendemos a dar movimento aos conteúdos de psicologia e pedagogia, adquiridos nesta formação, em diálogo com as condições encontradas em cada situação, que nos pedia para sermos educadores/as da vida, refletindo a nossa própria vivência.

No processo de aprendizagem, descobrimos que opinião é constituída no confronto de saberes e, a partir daí, o saber torna-se diferente, amplo, consistente e cada um recebe e reage de forma diferente, como diz João Francisco de Souza (2000:23). Também nos reconhecemos em uma das frases do educador Paulo Freire que diz: *educação é tarefa para os fortes, uma missão que aos fracos abate e aos fortes exalta* (FREIRE, Paulo. Apud SOUZA, 2000:38).

Constatamos que o processo de aprendizagem apenas se iniciou. Hoje nós, *Formadores/as de Opinião*, sabemos que isso é apenas o começo de uma série de transformações em nossas vidas e na vida de muitas outras crianças, adolescentes e jovens. A experiência nos proporcionou sonhos, desejos, vontade de buscar novos horizontes, resgatando a cidadania.

Perspectivas de Vida

Vivíamos no mundo à procura de respostas, sem sentido, não conseguíamos encontrar nada que nos motivasse e fomos chamados a viver em um grupo no qual passamos a viver a história de nossas vidas. Foi lá que nos encontramos, nos sentimos, aprendemos a nos amar, a sentir a vida pulsar, a olhar com intensidade o outro. Encontramos inspiração para dar continuidade ao caminhar.

Iniciamos como um casulo e hoje somos uma borboleta saindo para a liberdade. Sentimo-nos seguros/as, sabemos quem somos e do que somos capazes. Descobrimos que a resposta estava dentro de nós mesmos, temos mais coragem do que antes, olhamos para a vida de frente e o medo é mais um estímulo a ser passado, sabendo que não estamos sós, que temos alianças e temos a nós mesmos e a vida.

Ao olhar a vida, podemos sonhar com dias melhores, ampliando nossos objetivos, que não são apenas as nossas realizações, mas a de tantos outros jovens.



IV

Lições Aprendidas

A EXPERIÊNCIA DO PROJETO *Jovens Formadoras/es de Opinião* (pensada para jovens atuarem junto a seus pares na área da sexualidade) foi embasada nos seguintes princípios: a crença no poder do jovem como agente de transformação; a visão de que orientar um/a jovem para saber mais sobre sexualidade é colocar em suas mãos a responsabilidade pelo autocuidado, estimulando o direito e a consciência de que também são autores dessa história.

A definição dos temas e a perspectiva didática do processo tiveram por base o conhecimento acumulado em experiências anteriores. Esta filosofia e pedagogia a ser realizada por jovens – advindas da própria concepção de vida enquanto jovens – deu sentido e significado a esta ação.

Este projeto, desenvolvido dentro da ONG GESTOS, situa-se como uma experiência educativa complementar, não formal, mas que evidencia resultados animadores em se tratando do envolvimento, participação e atuação da juventude numa proposta de orientação e discussão de temáticas relacionadas com a sexualidade e com os direitos sexuais e reprodutivos.

Desenvolvemos o projeto *Jovens Formadoras/es de Opinião* observando e percebendo que o pouco conhecimento acerca da sexualidade entre a juventude com a qual atuamos é fruto de variáveis históricas, sociais e culturais que determinam e condicionam o saber e o agir, alienando, mitificando e massificando a sexualidade.

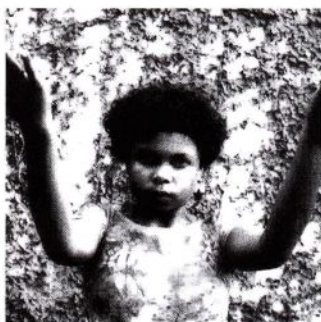
Ampliando a consciência do indivíduo acerca de seu “eu”; interferindo nas relações sociais; e redimensionando conceitos de gênero e das relações, estamos discutindo e viabilizando medidas para a construção de uma sociedade mais justa com relações igualitárias, além de fazer da educação um meio de transformação da sociedade.

O sentido do projeto foi dado em seu planejamento, estruturação e desenvolvimento para obtenção dos resultados. Um ponto que embasou esta ação foi crer que:

- ∞ O/a jovem que vivencia uma experiência de orientação sexual reformula seu pensamento, ampliando horizontes, sendo assim motivado/a a viver novas experiências.
- ∞ A informação sobre a sexualidade, os direitos sexuais e os direitos reprodutivos são realmente de direito à formação básica da personalidade da juventude.
- ∞ As noções claras acerca desses temas melhor situam o ser humano diante de si mesmo, no contexto social e das relações interpessoais.

Este projeto foi desenvolvido com a possibilidade de democratizar diferentes informações mediante os condicionantes históricos e culturais que levam ao desconhecimento acerca do corpo e da sexualidade. Ele foi planejado para trabalhar com informações que possibilitassem a pessoas e grupos a identificação do preconceito sexual, da discriminação, oportunizando processos de mudança.

Desenvolvemos o projeto dentro dos princípios da *Pedagogia Libertadora*, inspirada em Paulo Freire, que defende: o diálogo como ato político da ação de educar; a crítica questionadora e não autoritária; a valorização da experiência vivida como base da ação educativa, valorizando, além do conteúdo de ensino, a consciência da realidade e do processo de aprendizagem do grupo. Os conteúdos temáticos dos módulos e a metodologia adotada para ministrar cada um obedeceram a uma dinâmica que tomava forma com a ação dos jovens, no sentido de despertar a curiosidade e a criatividade para o seu pensar e agir.



meu poema é você

Ana Patrícia da Silva

*É triste perder quem amamos,
Mais triste é saber que não irá voltar, que no lugar ficou a saudade e o
vazio, além do desejo de reencontrar.
Você perdeu alguém especial
E o choro é a forma como demonstramos solidão.*

*As lembranças dos momentos que vivemos juntos são teu amigo agora.
Sei que não é o suficiente, mas um pedaço terno e fraterno dessa pessoa
amada, que a vida ingrata levou ao chão.
Agora, restou olhar para frente, cuidar dos que amamos,
Dizendo para a terra: cheguei a tua frente.*

*Sorria, não chore, pois tenho a certeza de que ele não quer
ver você tão triste.*

*Lembre-se, quem ama deixa partir
E hoje é a vez de você deixá-lo ir.*

APÊNDICE

Tendência Teórico-metodológica que Orientou a Aventura Pedagógica da Sistematização

MARIA HERLINDA BORGES

A DECISÃO DA GESTOS DE DAR prosseguimento ao projeto *Jovens Formadoras/es de Opinião* através dessa sistematização, veio reafirmar a tendência teórico-metodológica adotada também para a orientação desse processo pedagógico: a superação de uma visão ativista da ação político-social.

A sistematização, abordada valendo-se do lugar do qual se fala, que é a educação dialógica entre pares, tratando a temática da sexualidade como direito, se constituiu como mais um instrumento pedagógico na ampliação dessa discussão e formação de atitudes, agora nos caminhos da produção do conhecimento e resgate de saberes. A sistematização integra o JFO, tomando como objeto a recuperação da experiência por dentro do processo vivido/aprendido: como os jovens se percebem constituindo sua identidade individual coletiva, bem como as referências a respeito do processo formativo, revisitado pelo conjunto dos edu-

cadores e os resultados da educação-comunicação nessa prática.

A sistematização passou a integrar um dos parâmetros de gestão do Projeto juntamente com o planejamento, o monitoramento e a avaliação. Assessorar este processo é, em síntese, se definir pelo que sabe, pelo que faz e pelo que pode nessa aventura pedagógica⁸.

Fazendo assessoria no que cuida – a prática do JFO:

O QUE FAZ O QUE SABE O QUE PODE

Facilitar mediante o que ouve, sente, reflete, analisa – no grupo, com o grupo – buscando construir entendimentos e caminhos partilhados integrando-nos no nível afetivo em permanente reverência à vida.

Estimula e favorece a ação curiosa, criativa e crítica dos indivíduos e do grupo, valorizando ações e experiências refletidas com base na narrativa do cotidiano das pessoas e das culturas presentes.

Identifica, revela partilha, elabora vivências e conhecimentos na interação dos saberes em presença.

Cuida do processo educacional, revendo crenças, valores e princípios orientadores dos fazeres político-pedagógicos no trabalho social.

Facilitar o despertar, cultivar, desenvolver potenciais, capacidades, no continente afetivo do grupo, ativando vivências harmonizadoras e de ressocialização da pessoa, do seu fazer, enquanto sujeito coletivo de uma prática social.

Cuidar do humano, favorecendo vivências voltadas a qualificar as relações pessoais, grupais, institucionais.

Favorecer e propiciar a apreensão e elaboração de conhecimentos humanamente necessários, úteis e significativos, para melhoria de qualidade da vida e do trabalho.

Trabalhar a identidade cultural, desenvolvendo a estima pelos valores próprios (enraizamento) e a capacidade de integrar novos valores.

Contribuir significativamente para o desenvolvimento pessoal, grupal e coletivo, fortalecendo o sentido de identidade das pessoas e do grupo.

Apoiar e subsidiar as pessoas e o grupo nas relações com outros sujeitos sociais, ampliando a visão e o campo de ressonância, de orientação.

Favorecer e impulsionar o desenvolvimento humano das pessoas e do grupo, promovendo autonomia, ampliando a autoconfiança e a auto-estima, reduzindo o *stress*, ao refletir o cotidiano do trabalho social.

8. Essa síntese atualiza uma prática refletida juntamente com o educador Álvaro Pantoja quando assumimos a assessoria do Núcleo de Formação em Parceria, coordenado pelo CENAP – Centro

Numa aproximação às bases conceituais que fundamentam o JFO, percebemos que o termo *Formação de Opinião* foge aos marcos de uma pedagogia reprodutivista, no sentido de “dar forma a”, construir padrões e modelos, e assume o caráter social do conhecimento que oportunizou o diálogo na comunicação entre diferentes saberes.

A sistematização é posta, então, como construção pessoal e coletiva, possibilitando, no processo, a formulação e reorientação da ação, um movimento em que os/as jovens sujeitos da experiência apropriam-se dos sentidos e significados dos seus fazeres político-pedagógicos, podendo tornar-se ponte e fonte para outras experiências.

Nessa sincronia, que responde pela construção coletiva na revelação de saberes, produto do trabalho também coletivo dos educadores que partilharam a formação com o grupo de jovens nesta experiência, os princípios da educação popular e da arte-educação, já experimentados na execução do projeto, se somaram ao princípio biocêntrico, à sociologia do imaginário, às danças circulares e à literatura infantil, enquanto recursos didáticos complementares, facilitadores do cuidado com o grupo e seu fazer coletivo, no processo específico da assessoria à sistematização.

Trabalhando a expressão da identidade e o reforço da auto-estima na identificação de potenciais, enfatizamos a vida pela compreensão de um universo organizado em razão da mesma.

Privilegiamos a narrativa da experiência, para recuperar o desenrolar do processo, nas suas multifaces e diferentes esferas da vivência, realizada por meio do relato, especificamente com o grupo de jovens e a coordenação do projeto, adotando para aprofundamento, processos orientadores da leitura e da escrita; círculos de cultura e de pesquisa recorrendo aos registros diários dos participantes; releitura de relatórios da documentação e dos textos lidos no processo da intervenção.

Constituíram-se eixos orientadores os módulos da formação, resgatados nas vivências, através de um roteiro estruturado de questões orientadoras. Estas potencializaram os argumentos e as tensões contidas nas narrativas, reconstruídas como situações adversas, além de orientarem a construção de roteiros para entrevista coletiva com os próprios jovens.

Atendendo posteriormente à necessidade dos jovens de argumentarem esse processo com seus educadores, criamos um espaço – a *Feira de Conhecimentos* – que tornou-se o lugar apropriado para o debate coletivo, momento em que revisitamos todo o processo já sistematizado. Os/as jovens, na oportunidade, selecionaram suas perguntas para argumentar com os/as educadores/as, considerados nesse painel como peritos, em especial, para tratar daqueles aspectos ambíguos e críticos vividos no trabalho socioeducativo. Esse movimento foi significativo e estratégico pelos jeitos diferenciados dos sujeitos expressarem seus conhecimentos e saberes no resgate de suas opiniões. A discussão favoreceu a construção de textos pelos educadores que integram a segunda parte do livro. Os educadores/as reconstroem as referências que orientaram sua atuação pedagógica no projeto, ampliando-as nessa troca de saberes em que os/as jovens se apresentam como sujeitos coletivos.

Nesse processo de fortalecimento da identidade pessoal e coletiva de um grupo de jovens no trato com crianças, adolescentes e jovens, reconhecemos como legítima a curiosidade e a expansão do direito a ter direito, inclusive, à expressão de suas emoções, pelo cultivo da afetividade. Recuperar a experiência transformando-a em objeto de estudo, em objeto de conhecimento, oportunizou o confronto de saberes, possibilitando desconstruções de idéias anteriores e a construção de outras compreensões do assunto em debate. A esse processo denominado de reconhecimento, dimensão da reinvenção permanente que o ser humano faz de si mesmo em processos de ressocialização, resulta sempre um novo olhar.

Juntos, o grupo de jovens e os educadores/as descobrem o fio estratégico que é revelado por necessidade dessa prática: a perspectiva de um projeto político que levante a bandeira da sexualidade como direito e o seu trato na relação entre pares.

A sistematização se constituiu assim num tipo de construção de conhecimentos que, através do método vivencial e do pensamento, proporciona aos sujeitos a capacidade de captação e internalização dos sentidos da experiência:

∞ resgata saberes;

∞ trabalha a reinvenção e ressignificação desses saberes,

nesse processo de ressocialização de crianças, adolescentes e jovens;

- ☞ reconhece e apreende outros saberes sistematizados;
- ☞ percebe a fragmentação dos saberes em questão;
- ☞ produz novos saberes sistematizados.

Dessa forma, a sistematização realimenta e reestrutura os fundamentos dessa prática social no interagir, fundir e compor elementos do conhecimento teórico dos sujeitos envolvidos, dos diferentes saberes da experiência e da expressão desses conhecimentos e saberes em diversas linguagens, segundo a intensidade das vivências.

Ao abrirmos um novo espaço de elaboração e produção de saberes, reconhecemos o direito à diversidade de vozes, incluindo os autores, nesse exercício de dar redação aos significados⁹ e da pesquisa dessa forma de trabalhar a cidadania. Assim, é possível trazer uma aprendizagem originária e com força de realidade, por meio do sentir e não só do pensar, comprometendo todo o corpo como ponto de partida da estruturação das percepções e saberes relativos à vida de crianças, adolescentes e jovens com quem se comunicaram e valendo-se de si mesmos, em espaços educativos diferenciados.

Com esse sentimento de sacralidade da vida, já referido, por meio do corpo e do estilo de viver que trazem nele registrado, os/as jovens deram lugar, nesta sistematização, ao que denominam de pedagogia da rebeldia de verdadeiros cidadãos jovens, que enfrentam, na sua pele e na do outro, a dura e cruel realidade da vulnerabilidade. Esses e outros aspectos estão apresentados na terceira parte do texto, na expressão escrita pelos próprios jovens.

Buscamos, nos caminhos metodológicos dessa sistematização, abandonar o pensamento linear em favor da sincronicidade e da ressonância dos acontecimentos trazidos na expressão corporal e nas

9. Fritjof Capra, ao tratar o significado, a intencionalidade e a liberdade humana, no seu livro *As Conexões Ocultas* (2002: 83-105) diz que “o ponto de vista do significado abarca um sem número de características inter-relacionadas que são essenciais para a compreensão da realidade social; é um fenômeno sistêmico; sempre está ligado a um determinado contexto.” Ou seja, “para compreender o significado de uma coisa, temos de relacioná-la com outras coisas no ambiente, no seu passado ou no seu futuro. Nada tem sentido em si mesmo... No nível humano...incluem-se nossas experiências passadas e nossa hereditariedade”.

narrativas dos jovens. Essa é uma maneira de aprender fazendo, pesquisando, debatendo, escrevendo, reescrevendo, nesse processo de formação de uma nova atitude: a de se conhecerem e reconhecerem autores de si e dessa prática.

Na sistematização incluímos um novo paradigma das ciências humanas: o princípio biocêntrico que tem como objetivo a conexão com a vida, através do sistema biodança e, como metodologia, a vivência.

O chileno Rolando Toro, que nestes últimos quarenta anos vem construindo o *Modelo Teórico Operatório do Sistema Biodança*, descobriu o princípio biocêntrico e propôs a educação biocêntrica. A educação biocêntrica é aqui adotada como o lugar do encontro, da realização humana e da intensidade da vivência. Essa proposta vem contribuindo, em todo o mundo, para uma psicopedagogia centrada na vida. Essa vivência é, portanto, terapêutica e pedagógica. Terapêutica no sentido de que ajuda a viver. É pedagógica porque gera uma aprendizagem de como viver, fundamental para a realização do objetivo que os participantes desejam, nesse caso, produção de conhecimento sobre si mesmo, o outro e o processo vivido [BORGES, 2000].

Para isso, trabalhamos em três níveis de aprendizagem: cognitivo, vivencial e visceral, resgatados neste processo de sistematização, que considera: A) o corpo como corporificação da cultura, lugar de construção do saber, abrigo de múltiplos sentimentos e sensações, mapa de possibilidades; B) o princípio vivencial e da progressividade que utiliza a música, o movimento e o vínculo grupal como facilitadores nesse processo edu-comunicativo para expressão dos potenciais humanos das/os jovens – sua criatividade, curiosidade, afetividade, harmonia e prazer no resgate de viver; c) as identidades individual/coletiva como fonte de encorajamento da busca do desejo de aprender pela reeducação afetiva e ações organizadoras e conservadoras de vida.

Em síntese, a utilização do sistema biodança, para viabilizar o princípio biocêntrico, facilitou a continuidade da revelação progressiva das identidades individual/grupal. Por critérios próprios favorecemos a identificação e o florescer suave e contínuo dos potenciais que se revelavam ao longo de toda a trajetória de vida, em especial, as mudanças com esta experiência, pela dissolução progressiva de corações caracte-

riológicas, auto-regulação, ampliação da capacidade de comunicação afetiva e descoberta de novas atitudes frente à vida.

A intuição passou a ser cuidada, como consciência imediata, como instância decisiva na constituição e no alcance de uma visão mais integral do ser humano, buscando realizar aquilo que é único nele, que lhe é próprio¹⁰. Intuição não só como elemento constitutivo no processo educativo desse trabalho desenvolvido com crianças, adolescentes e jovens, mas também como elemento próprio do ser humano que ao acessar o imaginário, fundamentado na vivência da liberdade, assume a intuição como parte da sua constituição teórica.

De fato, partindo do entendimento de que a base do trabalho é o que acontece entre as pessoas, criamos no processo uma atitude educativa e comunicativa para a escuta e o diálogo, pautados pela diversidade no semear e colher conhecimentos e no trazer à presença com ritmo, sincronia, sintonia, respeito, equilíbrio, liberdade dos seus pares.

Observamos o quanto os/as jovens, nessa convivência amorosa, tomam consciência de sua identidade pela própria vivência de ser que passa pela rede relacional, familiar e contextual de cada um; o que, por vezes, os/as aliena do seu processo interior e os/as aprisiona nas teias da ansiedade, os/as afasta do desejo de sonhar e da sua inspiração, porque diminuídos da capacidade de oxigenar a própria vida. Esses/as jovens alimentados/as na sua curiosidade, partilhando desse projeto, ao longo do processo, exigiram dos/as educadores um tratamento psicopedagógico da dor da falta, da tensão e da angústia, expresso em seus diferentes comportamentos [PINTO, 1999]. Esse projeto encontrou, como opção, a possibilidade de construção do arcabouço da identidade de um grupo de jovens, no formato da metodologia da vivência, que contemplou a expressão, o diálogo e a escuta.

Identidade é aqui entendida como o centro mediante o qual cada um sente o mundo e se diferencia dele. Convocados/as a uma postura curiosa e aberta ao diálogo, neste ato de conhecer, nessa auto-expressão de opiniões próprias numa teia de conceitos e categorias que orientou o processo formativo, permeável a mudanças com as quais se

10. Intuição, integrada a uma das várias dimensões do humano, é entendida no sentido que trata Ferdinand Rohr, para quem a educação da intuição seria um acompanhamento em que o educando aprende a se ligar com a sua própria vida interior, para perceber por meio dela também a realidade externa na sua dimensão aberta à intuição.

identificavam, tomaram consciência de suas identidades. O modo como agiram, um jeito único, diverso, múltiplo de opções para facilitar a auto-expressão de outros jovens, crianças e adolescentes, freqüentemente reprimidos pelos valores impostos pela cultura dos excluídos, também foi desvelado na descoberta de que o “saber-fazer” é o saber-ser-pedagógico, sem abrir mão do sonho, da seriedade e da simplicidade inerente ao saber em construção.

O que tem sido notável e vale destacar é o entusiasmo e a animação reinante entre os/as participantes do grupo de jovens, mesmo quando a vida impõe dissabores e desânimo, a auto-afirmação sempre pode tomar lugar.

Pelo exposto, para alavancar toda a força da experiência com a coordenação do projeto e o grupo de jovens, coletivamente, tecemos a pedagogia da sistematização no trato com esse grupo; desenvolvendo o princípio biocêntrico, facilitamos vivências e observamos o movimento; aguçamos a curiosidade, o espírito crítico e a intuição afetiva, com a sociologia do imaginário e a literatura infantil, recursos todos associados às orientações teórico-operacionais dos processos de sistematização de práticas sociais, no resgate da opinião dos jovens que experimentaram diferentes mecanismos de interação com crianças, adolescentes e jovens em vários espaços de atuação.

Atitudes e Processos nos Caminhos da Sistematização

Com Guimarães Rosa, entendemos que *o real não está nem na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.*

Para definição dos objetivos e dos eixos temáticos da sistematização, dialogamos, buscando a coerência teórico-prática do processo de execução do projeto, tecendo o método operativo da sistematização no calor da vivência com o grupo dos/as jovens. Essa travessia fez nascer em cada um de nós o saber e o poder da ação de conhecer, desde a afinação da concepção de sistematização a ser adotada, a aproximação, as forças, fraquezas, desejos e motivações dos sujeitos da experiência, para juntos adentrarmos no terreno do conhecimento, produção e difusão de resul-

tados, no resgate dos sentidos e significados que a coordenação e os/as jovens vêm dando a este trabalho social.

Tanto a sistematização como a avaliação e a investigação se situam no terreno do conhecimento, pensando a prática. A integração dos três processos, nesta proposta de sistematização, abarcou o caráter estratégico nesse movimento de pensar e sentir com estes/as jovens – o processo de assegurar direitos à saúde sexual e reprodutiva na sociedade junto a seus pares, percebendo coletivamente os determinantes e condicionamentos dessa prática social, para conceber as possibilidades e alternativas de decisão quanto à sistematização, diferenciando-a do planejamento, da execução, do monitoramento e da avaliação, em especial, pelo resultado esperado – a publicação deste livro.

Partimos do princípio de que se fazia necessário dar intensidade a cada momento, no resgate do processo educativo e comunicativo desenvolvido pelos/as jovens e assegurar a formação de atitudes, agora nos caminhos metodológicos da construção de textos.

Com consciência, ação e imaginação, gerenciamos o processo criativo, dessa vez com ênfase na produção de conhecimentos por dentro do vivido, em que estávamos todos/as mergulhados com corações e mentes. Adotamos como roteiro um quadro orientador da sistematização de práticas sociais, que assegura rigor ao método e à produção de condições para a persistência, humildade instigadora e criação curiosa, abarcando com os reais sujeitos todo o processo planejado, monitorado e avaliado, integrando os novos procedimentos da sistematização. No diálogo com os autores que tratam de sistematização, foi possível construir/desconstruir/reconstruir a concepção de sistematização a ser adotada pelo grupo, os objetivos que dariam orientação à dinâmica do processo, o recorte do objeto para esse fim delimitado e os eixos orientadores que ordenavam o conjunto de questões que faziam a experiência.

Quadro orientador do Processo da Sistematização¹³

Que aspecto da prática quero sistematizar (recorte do objeto)? Que perguntas (empíricas e de conhecimento) faço à prática?

13. Este quadro é fruto da experiência compartilhada com outros educadores em um curso coordenado pelo mexicano Félix Cadena, organizado pela ONG Centro Josué de Castro.

Construção do roteiro de questões orientadoras no trato dos eixos temáticos adotados no projeto como programa de formação; fonte estruturadora dos campos de atenção e de orientação dos roteiros de entrevistas e sessões de argumentação; debates em círculos de cultura e de pesquisa.

Como sistematizar respostas às questões formuladas?

Conjunto de dinâmicas, caminhos metodológicos de revisitação da experiência segundo os ciclos de oficinas pedagógicas, utilizando a análise documental, a memória e o imaginário.

Os resultados serão apresentados sob que formas? (sentido a ser dado no relato ao processo da argumentação, análise de conteúdo da documentação, descoberta dos significados e produção de saberes, de conhecimentos, elaboração de textos).

Como vinculamos, então, saberes antigos e novos? O fio do prumo da nova experiência, que agora se gera com o nome de sistematização, utiliza a pedagogia da pergunta e do diálogo, a leitura e a escrita como aventura pedagógica que comunica e educa.

O mestre Paulo Freire (1998), pedagogo da educação popular, nos reafirma o quanto

a educação da pergunta aguça e reforça a curiosidade, pois o erro da educação da resposta não está na resposta e sim, na ruptura entre ela e a pergunta (...) da mesma forma a educação da pergunta estaria errada se a resposta não se percebesse parte da pergunta [FREIRE, 1998:35].

Perguntar e responder são caminhos constitutivos da curiosidade.

Para construção do passo a passo na sistematização, nos apropriamos de uma diversidade de métodos. Basicamente usamos:

João Francisco de Souza, Ivandro Sales, Félix Cadena, Elza Falkembach e Oscar Jara. No diálogo com esses autores, delineamos o modo de proceder.

As vivências mobilizadoras de questionamentos com o grupo trouxeram desafios, preconceitos, contradições, vitórias e descobertas, num exercício rigoroso, sistemático e contínuo de aprendizagens e compreensões dos processos vividos. Uma nova atitude estava sendo assimilada, a que capacita a autoria a cada jovem nesse recriar das atividades práticas, envolvendo problemática social de tamanha relevância, argumentando sobre si mesmo e sobre outros. Temas transversais como: auto-estima, autoconfiança e autodisciplina, gênero, raça, geração, se associaram à curiosidade, humildade e crítica na apropriação do vivido. Cuidamos da integração afetiva do grupo e do ânimo vital para que a tarefa nova a que se propunham não sofresse solução de continuidade.

O comprometimento com a vida e o rigor metodológico da sistematização oportunizou ao grupo saber melhor o que já sabia, o que às vezes implicou mover a curiosidade de forma criativa e crítica para saber o que antes não era possível.

Assim, eles afirmam:

Precisamos trabalhar no sentido de educar para a rebeldia... pois a maior arma é a inteligência e uma mente articulada com o que os jovens vivenciam todos os dias, como é o caso da sexualidade.

Vivo a pensar; procurei e encontrei maneiras para trabalhar temas que mexem com os nossos sentimentos e emoções, (...) o sentido é maior quando estamos na comunidade e vemos o quanto o trabalho é importante para o grupo, o seu dia-a-dia, o seu comportamento, daí a responsabilidade para fazer as coisas acontecerem de forma leve e sábia.

Ampliada a percepção a respeito do processo, nos lançamos na perspectiva de explorar os potenciais do grupo, ultrapassando o senso

comum, expandindo a consciência no novo conhecimento que cada um produzia; indo mais além da própria experiência, superando-se, ao perceber coletivamente os determinantes e condicionamentos dessa prática social, para conceber as possibilidades e alternativas de decisão a tomar no processo da sistematização.

A que se Refere o Novo, neste Jeito Coletivo de Revisitar a Prática

Algumas inspirações – *É nas quedas que os rios criam energias*, Ghandi e *Antes de um ato de criação existe um ato de destruição*, Pablo Picasso – impulsionaram momentos significativos do processo.

Na perspectiva de manejar a experiência de dois anos, num período mínimo de seis meses de sistematização, o grupo construiu sua própria concepção de sistematização:

Sistematizar consiste em organizar o aprendizado das vivências de jovens educadores, em saúde sexual e reprodutiva, com jovens em situação de vulnerabilidade, criando e construindo oportunidades para outros conhecerem e reconhecerem-se na experiência.

A definição dos objetivos:

- ☞ Sistematizar a história de um grupo de jovens, divulgando idéias e multiplicando informações a respeito da saúde sexual e reprodutiva, de modo a motivar outros jovens.
- ☞ Registrar o novo no processo da experiência, organizando o vivido, os conhecimentos produzidos para socializar os sentidos e significados desta formação na vida de jovens.
- ☞ Sistematizar vivências de dinâmica de grupo na linguagem de jovens que foram se aventurando no trato da saúde sexual e reprodutiva, sensibilizando e emocionando educadores, levando-os a valorizar a opinião de jovens.
- ☞ Reconhecer o potencial de jovens que, ao levarem seu

protagonismo ao topo, como o vô da garça, estimulavam outros a se diferenciarem nas suas vivências.

Consideramos que a interiorização de sentimentos negativos, depreciativos, produzidos por uma cultura repressora e preconceituosa, gera a síndrome da pobreza psíquica, a perda da confiança em si, o isolamento, a atitude de fracasso, o medo de ser feliz. Buscamos, então, reeditar um novo processo no qual os jovens expressam resultados:

- Comecei a ver a luz no fim do túnel e agora o medo é tímido. Foi brotando a revolta, o desejo, a angústia e a vontade de lutar. Me vejo no que sou, capaz de construir para transformar o pior de todos os consumos, o consumo sem cessar da mente de nossos jovens.
- Descobrimos a luz em estreitos trechos da estrada e hoje, cheios de coragem e muito mais sabedoria, transformamos e adaptamos o processo educativo no mundo da cultura, dentro de uma realidade social que nos faz reviver todo dia.

O sentido dessa procura foi reforçar a identidade para cada um, enquanto sujeito, se perguntar o que estava fazendo naqueles contextos de exclusão social e o que os mobilizava a encontrar, desde dentro, o caminho que conduz à valorização da vida. A concepção biocêntrica ante a internalização da miséria informa que viemos ao mundo para a abundância, para sermos felizes e viver o sagrado que temos no corpo e na energia fecunda.

Esses/as jovens foram convocados/as a assumirem sua grandeza não só na dimensão intelectual e cognitiva, mas na existência, no modo como agarram a vida.

O resgate da dedicação ao corpo e à percepção da liberdade, ou seu cerceamento na auto-expressão de crianças, adolescentes e jovens, ajudou-os a se verem no que viam, tecendo outros modos de conceber o mundo. Percebiam que a constante referência ao trabalho com o corpo

fazia a diferença neste novo jeito de se relacionar. Ofereciam, pois, uma oportunidade para fugirem dos mecanismos de controle restritivos do corpo e da sua auto-realização. Esse modo próprio de atuar com seus pares reforçava vínculos e revelava o fascínio por essa prática educativa.

Foi por esse caminho que descobrimos os módulos pedagógicos, como o trilho, aspecto central que organizou o processo de atuação dos jovens e dá sentido e significado aos três eixos temáticos da sistematização:

- ∞ a opinião de jovens educadores – processo em formação;
- ∞ vivências e relações educativas entre jovens;
- ∞ educação para a cidadania – articulação/comunicação entre educadores e jovens.

Esses são os pontos de onde lançamos nosso olhar construindo questionamentos dos quais apontamos alguns.

O que acontece nesse processo de educadores jovens que faz que crianças e adolescentes que participam digam que jamais vão esquecer os aprendizados? O que os diferencia na metodologia do trabalho educativo? O que aprenderam dessa experiência? O que facilitou lidar com diferentes realidades? Que situações adversas puderam vivenciar?

Por que os jovens se interessam pela temática corpo? Que desafios foram encontrados na abordagem metodológica e no trato do conteúdo? Que suposições iam sendo geradas no pensamento, no sentimento e nos modos de fazer?

Que valores e princípios orientam o estilo de viver das crianças, adolescentes e jovens? O que dizer da linguagem na relação com o universo cultural das crianças e adolescentes com quem conviveram nesta experiência? Como as questões da cidadania foram articuladas às comunicações objeto de trabalho do projeto?

Partimos do princípio de que os fenômenos relativos aos direitos sexuais e reprodutivos são culturalmente construídos, podendo ser culturalmente interpretados e desafiados. A construção de respostas a essas perguntas pode ser identificada na lógica de exposição contida na

segunda e terceira parte do livro.

Novas questões sempre surgiam nesse esforço de comunicação e de educação, em espaços organizados da sociedade civil e escolas públicas visitadas pelos/as jovens, encontrando seus pares ora participativos, inquietos, receptivos, alienados do viver, mas, sempre, encorajados para uma nova aprendizagem e atitude diante da vida. Simplesmente, e acima de tudo, nutrindo-os com muito afeto.

Em decorrência dessa vivência, a maior contribuição deste trabalho está no modo de fazer e nos resultados individuais, coletivos, não só de apropriação da natureza dos problemas, que a experiência foi desvelando para aqueles que a vivenciaram, mas pelas decisões de princípios que se materializaram em escolhas e ações, especialmente pelo vínculo criado que expande a consciência e dá sentido ao viver, ou seja: a afetividade no respeito pela vida; o amor-cuidado que incorpora a pessoa na sua inteireza e integralidade de ser; e a empatia necessária ao aumento da percepção para apreender o mundo do outro como sua vida.

A motivação maior desse projeto foi impulsionar esses jovens a alargarem passos para outros mundos, a partir do seu próprio mundo, o que reafirma a estratégia de uma educação entre pares.

Esta é a face e o coração destes jovens que se lançaram à tamanha empreitada para anunciar:

- Nossas bagagens têm coisas surpreendentes, que cada um carrega escondidas para cada situação, que nos fazem perceber e oferecer a outros jovens algo que os façam sentir-se mobilizados a mudar, armas vivas contra o sistema que nos oprime e tenta nos controlar a todo custo.

Refletindo com Wolliday (1995), podemos dizer que a sistematização vai pondo uma ordem construída, recuperando o acontecido através de percepções cada vez mais claras e precisas, anteriormente dispersas em relação ao real, explicitando intuições, intenções, decisões na vivência recuperadora de outras vivências, acumuladas ao longo do processo de trabalho nos seus três campos de luta teórico-temático,

político-educomunicativo, numa “guerra” de novo tipo, a que tanto se referem.

Nosso propósito, ao categorizar idéias e sentimentos nos textos produzidos pelos jovens, foi seqüenciar processos múltiplos que eram expressos em diferentes linguagens, favorecendo o intercâmbio da experiência no recorte do objeto de estudo, assim delimitado: a prática educativa de jovens, em direito sexual e reprodutivo, com jovens em situação de vulnerabilidade, no período de 2001 a 2003.

Dialogamos sempre, buscando coerência entre os objetivos. Buscamos também a concepção de sistematização, o problema objeto da sistematização que inclui os desafios e as contradições do processo formativo, nos espaços onde os jovens desvelaram suas compreensões e direcionamentos.

Razão porque, nesse processo instigante, buscamos desafiar os educadores que contribuíram com a formação inicial desse grupo de jovens, na primeira etapa do projeto, convocando-os a participarem da já referida *Feira de Conhecimentos*. Na oportunidade, foram expostos os fragmentos do discurso em construção pelos jovens, divulgando os sentidos que deram significado àquilo que já era possível apresentar. Nesse clima aconteceu a sessão de argumentação dos jovens com seus educadores.

Seis questões orientadoras foram selecionadas e passaram a guiar a conversa argumentativa. Dizem respeito tanto à inspiração do projeto, quanto ao significado da sua denominação e em especial aos critérios que fizeram reconhecer o valor na escolha de cada um deles para implementação desse trabalho; igualmente se referem aos modos de operar no trato da sexualidade como direito, vivenciando questões geracionais, de gênero, etnia e raça, ao descortinar o silêncio de seus pares pela sua corporeidade no trato de temas programados e emergentes.

A experiência constituiu um debate acalorado com os educadores que se deslumbraram com aquelas sementes vivas, que pulsam e se expandem no tempo, optando pela oportunidade de buscar, construir e nutrir vínculos na dança da vida, descobrindo a graça e exuberância de ser, a resistência e o espírito construtivo de cada um.

Os educadores, instigados a também escreverem sobre a expe-

riência que se descortinava, incluem esse novo olhar em seus textos, apresentados neste livro.

Em síntese, o pensar e o sentir do adolescer destes jovens, no que dizem, foi definido e delimitado, nos limites do seu fazer, pela percepção de mundo a respeito do tema DST/HIV/AIDS. Definiram suas condutas, fortificaram suas atitudes e saberes em torno do processo de trabalho com a temática da sexualidade como direito, na conversa com seus pares, em cenários pré-determinados. Determinaram as ações e modos de operar, com TDG que adotaram para facilitar a pedagogia da brincadeira e a facilitação de vivências integradoras num processo educativo.

Reconheço-os neste movimento como cuidadores que se capacitaram na própria arte de cuidar ao cuidar-se, tendo como ponto de partida a construção de cenários em favor da vida, no embate com suas adversidades, pela ação dialógica, afetiva e criativa, recuperadora de gestos cotidianos.

Vale lembrar que *quem se expressa cresce e brilha e quem conquista o direito de expressão oral e escrita jamais abre mão da cidadania*.¹²

Por vários caminhos, esses jovens vislumbraram a sabedoria do vivido, quase sempre traumatizante, mas esclarecedora de situações adversas à vida, devido à humildade, à baixa auto-estima e à angústia reprodutora da violência entre jovens.

Abrindo caminhos e espaços por dentro de si mesmos, esses jovens encontraram ventos favoráveis, porque sabiam o sentido da caminhada para fora. Articulando crianças, adolescentes e jovens e instituições, andaram circulando informações e criando vínculos, constituíram focos de irradiação, criaram espaços de práticas e referências, com suas propostas operativas para dinamizar os grupos. Ao agregar valores nos espaços de debate sobre direitos humanos e a formação para a cidadania, tomando como objeto de trabalho o direito à saúde sexual e reprodutiva, estiveram vigilantes quanto à exclusão, fizeram suas redes de opinião, de provocações pela liberdade de opinar e pelo respeito à opinião de outros.

12. Registro de oficina pedagógica no Catálogo de Ações desenvolvido com adultos e jovens pela ONG CENAP – Centro Nordestino de Animação Popular (1998).

Não estavam, nem se sentiam sós. O monitoramento no domínio da tarefa avaliava seu conhecer e conhecer-se no processo, assegurava a ampliação do poder interior, no respeito por si próprio e pelos outros, processo que teve sua continuidade na dinâmica da sistematização.

Fortalecidos não só na consciência individual, como também nos vínculos com o coletivo de outros jovens, adolescentes e crianças ampliam a percepção pela identificação cultural, técnica, social, etária e ética. Nesse processo de se fazerem educadores, revelam-se *formadores de opinião* e afirmam o sentido do que querem na descoberta da sua didática:

Nada de dar pronto, eles devem correr atrás, gosto de deixá-los curiosos... abrindo caminhos para perceberem o quanto ter opinião é importante... na vida, para ser feliz, é preciso ter oportunidade... este trabalho é uma provocação à liberdade.

O sentido de se preocupar com o plano de aula e ao mesmo tempo ter de estar sensível ao que eles (crianças, adolescentes e jovens) precisam e querem, nos faz ir atrás daquilo que não sabemos, trajetória que nos faz conscientes da nossa in-conclusão, de sermos inacabados. Aí se abre para nós a possibilidade de inserção numa busca constante, apropriando-nos de novos significados que ampliam nossa visão do processo.

Dessa maneira, aqui, agora, descobrem-se autores de um futuro feito com as próprias mãos e mentes. Manipulando as transformações do presente, sabendo melhor, movem-se para a esperança. Esperança como exigência ontológica de seres humanos que constroem o futuro na intensidade do viver o presente. Atingidos pessoalmente na sua intimidade, abrem-se para outras representações de mundo, com a capacidade de transformar o sofrimento em aprendizado, os desafios em contextos de crescimento e o desenvolvimento em autonomia, favorecendo o auto-conhecimento conseqüentemente, o conhecimento do mundo que

vivem e experimentam.

É conveniente lembrar com Capra a teoria da complexidade, com referência às redes de comunicação no sistema social, que envolve contínua coordenação de comportamentos, fazendo emergir o sistema integrado de valores, crenças e regras de conduta que é associado ao fenômeno da cultura. Nesse entendimento toda comunicação reenvia à cultura, contexto no qual se escondem as respostas, pontos-chave das saídas. Neste projeto, uma partilha intensa, diversa, múltipla, desafiadora, por vezes conflituosa e contraditória, entre as diversas duplas de jovens, os reafirma aprendizes do viver.

Reconheço essas/es jovens: superando adversidades para fazer acontecer o processo de interação com crianças, adolescentes e jovens, e instituições; compreendendo tensões e desafios para entendimento da história familiar de si mesmo e de cada um, transformando-as em fonte de conhecimento; articulando as fontes de saber que os orientaram para tecer esta rede de sentidos pelo direito à saúde sexual e reprodutiva; deixando inspirações para uma política pública nesta direção.

O que facilitou esta sistematização foi a ousadia, a humildade, a confiança na coragem dessas/es jovens para exorcizar o que lhes aprisiona ainda hoje. Em meio à travessia, não foi difícil reconhecer diferentes formas de expressão do sofrimento revestido de abandono, abuso, indiferença; por se reconhecerem nesses comportamentos, foi possível criar o método para reedição de algumas situações consideradas, ao longo da experiência, como adversas e contraditórias, que têm destaque especial neste livro.

Detalhando o Plano da Sistematização

Desde os primeiros encontros para sistematização, encadeamos processos de produção de conhecimento, abrangendo métodos qualitativos e quantitativos e lógicas de investigação e de exposição, aqui descritos, como o conjunto de oficinas pedagógicas, nesta travessia que sempre pôde ser divertida e prazerosa. Como método, adotamos a proposta de oficinas, cujo plano dessa aventura pedagógica detalhamos em vários ciclos.

Para superação de uma visão ativista da ação político-social, a atitude permanente de reflexão e aprendizado coletivo possibilita a produção de saberes e a coerência entre práticas organizacionais, políticas e pedagógicas, desvelando os paradigmas que as orientam.

Essa construção pessoal e coletiva possibilita a formulação e reorientação dos sentidos e significados da ação educativa, num movimento em que os sujeitos da experiência apropriam-se dos seus fazeres políticos e pedagógicos para socializá-los e difundi-los, alimentando e potenciando a direção estratégica da sua atuação.

Os ciclos de oficinas na metodologia de sistematização

1. Arte de ser aprendiz do viver

COMPREENSÕES E SOCIALIZAÇÃO PARA CONSTRUÇÃO
DA PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO

A construção dialógica, a facilitação de vivências biocêntricas e processos arte-educativos orientam o ponto de partida pela integração afetiva. O grupo que participou da experiência tem o registro no corpo, na mente e no espírito, campos de expressão das diversas e diferentes linguagens na comunicação intra e interpessoal, para estruturar a disciplina e o processo de trabalho nos caminhos metodológicos da sistematização.

Esforço coletivo empreendido pela assessoria e os demais sujeitos que integram a execução do projeto, para fundamentarem convicções, interpretações e sentidos próprios nesse novo olhar sobre diferenciados momentos da experiência. Reconstituir a história produzindo saberes inclui a identificação de categorias básicas, referências do trabalho educativo em desenvolvimento a serem construídas, cujo processo resulta na exposição e difusão do conhecimento – no caso, através de um livro.

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA METODOLOGIA NESSE CICLO

Identificar motivações, forças e fraquezas para essa atitude coletiva de

sistematização.

Compartilhar e sintonizar as compreensões do conjunto dos participantes a respeito das ações que integram o processo de sistematização.

Contribuir para definição dos campos de atenção que nos interessam sistematizar, para descobrir o eixo orientador da sistematização na relação com o processo de intervenção; delimitar o objeto a ser sistematizado; definir objetivos e a lógica do processo de questionamentos, bem como a de construção da proposta de resgate dos aprendizados a serem alcançados com as dinâmicas de argumentação. No caso tomamos como referência os módulos da formação e a estratégia do projeto.

CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO QUE ARTICULA SEUS ELEMENTOS

Aproximação e aprofundamento do Universo Cultural, para alcançar cada vez mais a coerência entre o que pensamos, dizemos, sentimos, queremos, fazemos. O sentido é de ressaltar o grupo como estratégico e matriz da vivência em todo o processo de sistematização, favorecer a relação entre a *Prática Educativa* e o *Processo de Sistematização*, apurando a cultura dos sujeitos na relação educativa e no estudo das referências teórico-operativas sobre sistematização, dialogando com os princípios, valores e questionamentos orientadores da prática educativa com grupos, seu potencial e capacidade de adequação aos diversos contextos.

Percepção das compreensões descritivas/refletidas, com base na análise do fazer que inclui tensões e contradições. Suscita romper com a atitude passiva nesse processo de aprendizagem, acessando a disposição para criar, inovar, resultando na:

- ☞ visão construída do fazer educativo, tomado como reflexão, incluindo as crenças, princípios e valores básicos que dão sustentação à análise, síntese e interpretação do processo;
- ☞ problematização da experiência com sensibilidade para deixá-la fluir, falar por si mesma, o mais liberta

- possível de preconceitos e pré-juízos;
- ☞ apreensão de questões empíricas e teóricas presentes que se relacionam com os módulos da formação, eixo orientador de análise;
- ☞ determinação dos possíveis resultados finais desejados, condições para definir os indicadores do que e como registrar, ordenar, documentar no processo.

Roteiro semi-estruturado das questões produzidas, instrumento da argumentação entre as/os jovens, delas/es com seus educadores e do ordenamento e classificação das informações, sua ressignificação e reinvenção na prática.

INDICADORES DE RESULTADO

Saber se as ações em curso conformam um projeto, uma prática – condição para ser sistematizada; perceber como o todo está na dinâmica da cada parte em épocas diferentes, descobrindo referências fundantes nesse caminhar; clarear a maneira adequada para construção da proposta de sistematização da experiência em curso, resultado final desejado; aproximar o grupo à delimitação do objeto da sistematização, mediante a compreensão clara do objeto da intervenção, condição para identificação dos objetivos e das pré-questões que dialogam com os eixos orientadores da experiência e da sistematização; definir os critérios e indicadores do que e como documentar; fortalecer identidades, elevar a auto-estima dos sujeitos (por dentro da vida e do sentir/fazer de cada um, cuidando das dimensões afetiva, social, política e gnosiológica); reorientar a prática educativa pela maior fundamentação das dimensões político-pedagógica da experiência; melhor organização interna das propostas educativas efetivadas; descoberta da autonomia na gestão e governabilidade dos processos; valorização dos conhecimentos, princípios e atitudes, que passam a ser incorporados na vida e no trabalho.

2. Os/as nascidos/as para brilhar

DEFINIÇÃO DOS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA SISTEMATIZAÇÃO

NO RESGATE DAS APRENDIZAGENS

O processo de apropriação da experiência pelo grupo de jovens, intencionalmente planejada, monitorada e avaliada ao longo do processo, possibilita a formulação do sentido da ação, contribuindo para percepção dos significados como experiência humana pessoal e social. A sistematização busca transcender a experiência e reorientá-la. E representa um momento de confrontação de saberes e de uso da intuição como instrumento do saber a ser divulgado e difundido.

OBJETIVOS ESTRATÉGICOS DESSE CICLO

Instigar o grupo a assumir o seu lugar de *divulgador de idéias e multiplicador de informações a respeito dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos*;

Sensibilizar os educadores das comunidades a valorizarem a opinião do/das crianças, adolescentes e jovens, reconhecendo seu potencial, mediante o vivido na linguagem de jovens que foram se sensibilizando, se emocionando e se aventurando no trato do objeto dessa prática educativa;

Descobrir as motivações dos/das vários participantes do processo, que, instigados/as pelos questionamentos feitos à prática, assumem responsabilidades no registro, estudo e análise documental para construção pessoal de resultados parciais. Os/as jovens são convocados a produzirem a formulação do sentido de sua ação nesse processo em curso.

CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO QUE ARTICULA RESULTADOS

Instigar, com questionamentos, os conteúdos ocultos em cada eixo temático na relação com os módulos da formação para que, no conjunto, possam perceber a experiência como um todo na dinâmica do movimento próprio de cada fase/etapa.

Considerar os diferentes momentos do estudo para apropri-

ação do vivido, buscando modalidades de investigação e avaliação da experiência, ampliando o olhar sobre os caminhos metodológicos adotados na prática educativa com idas e vindas no horizonte extensivo do processo.

Elaboração de roteiro orientador para as/os jovens conceberem as situações-desafio contraditórias e conflituosas. Contribuir nesse desvelar para resgate do sentimento do vivido e das compreensões, direcionamentos, aprendizados daí advindos.

Possibilitar dinâmicas, poesias, músicas, mensagens para acessar o imaginário no resgate dos processos criativos, ampliando a autoconfiança e a auto-organização, acessando a curiosidade na reconstrução dos saberes, frutos oriundos do debate sobre DST/HIV/AIDS - fenômeno que agride e desafia em especial à juventude.

3. Dos/as autores/as e do seu fazer educativo

Construção coletiva da proposta de sistematização com coerência e consistência interna que favoreça a análise das narrativas e a interpretação da prática através dos seus questionamentos no diálogo com: a concepção de sistematização adotada; a delimitação do objeto; a identificação dos marcos estratégicos para análise dos próprios relatórios e dos textos utilizados na prática educativa; a argumentação sobre os caminhos e atitudes que favorecem a construção teórico-metodológica das respostas às questões fundamentais; a produção de textos estabelecendo nexos e conexões com as referências necessárias à compreensão dos princípios, valores e atitudes assumidos no processo da experiência; a atitude de reflexão e crítica a respeito do fazer político-pedagógico; e a atitude curiosa e criativa a respeito dos processos de produção das reflexões sobre essa prática.

INDICADORES DE RESULTADOS

Produção de textos pelos diferentes educadores que assumem a responsabilidade de instigar a reflexão sobre os saberes nessa produção preliminar de conhecimentos sobre, na e em razão do resgate da experiência;

tratamento resiliente das crises geradas; apresentação da experiência, em seus nexos e conexões ocultas, através de vivências de revelação do ser e do conviver; apresentação de textos escritos e simbólicos como: criação artística, álbum de fotos, entre outros recursos.

4. Em cena, difusão do produto final

Construção e reconstrução dos produtos finais, aprofundando conclusões, comunicando, difundindo o texto final.

Considerações sobre a interpretação crítica do processo vivido: no tocante ao coletivo executor, foi assegurada a condução metodológica do processo e a qualidade dos resultados, segundo as perspectivas do projeto em curso? Em relação ao nível dos/as responsáveis pela coordenação do processo de sistematização, foram apresentados os resultados finais e redação para formatação e difusão dos produtos construídos? Em relação ao público mais amplo, a apresentação da versão preliminar à direção da GESTOS e ao órgão financiador corresponde ao caráter estratégico da experiência e ao sentido atribuído à sistematização?

Redação final com o conjunto dos educadores e jovens envolvidos no processo, segundo as observações recebidas; ponto de chegada – formatação e difusão do texto final, uma nova forma de chegar ao ponto de partida enriquecido com a ordenação, reconstrução e interpretação curiosa, criativa e crítica da experiência sistematizada.

Apurando percepções da formação de opinião entre seus pares, mediante a razão e o sentimento em torno dessas relações educativas-comunicativas, revivemos a experiência, registramos o seu desenrolar, com base no jeito como víamos as coisas acontecendo, tomando distância para leitura dos vários horizontes¹³.

Reconhecem que trabalharam com jovens, adolescentes e crianças, com quem sofreram, criaram e produziram informações, levando em consideração o universo cultural a que pertenciam, o que determinava o aparecimento de características comportamentais, como: barulhentos, indecisos, curiosos, violentos nos afetos, desconcentrados,

13. O texto de literatura infantil *A Fada que Tinha Idéias* de Fernanda Lopes de Almeida, no capítulo *A professora de horizontologia*, muito contribuiu para ampliar a visão sistêmica e a imaginação dos jovens.

com dificuldades de leitura e escrita, cheios de porquês, rejeitando técnicas de dinâmica de grupo no desejo de ficar de fora; abertos, confiantes na amizade, na escuta, no construir junto, impacientes, ociosos, com enorme baixa estima; acolhedores, compreensivos e humildes, dispostos a tudo, abertos ao novo, aderindo às TDG; dependentes químicos, em liberdade assistida, não preparados para perguntas, para questionamentos.

Todavia, reafirmam:

- Seguimos sempre juntos com uma intenção final, de enfrentar qualquer situação com senso crítico, superando nossas dificuldades familiares, ao perceber essas dificuldades no outro. Nossa marca tem a mistura do amor, carinho, compreensão, amizade, dor e sofrimento e, acima de tudo, a valorização do ato de escutar como jovens formadores de opinião que riem, choram e socializam momentos e experiências vividas.

Deliberados/as, motivado/as, os jovens reconhecem as razões por que estavam nessa, dizendo:

- Acho que foi porque a gente tem sede de mudança, tem vontade de fazer algo pelo mundo, de mudar.

Acreditamos que essa pedagogia continua sendo tecida na riqueza de saberes, propriedade de cada um, nos mecanismos de interação entre as diferentes organizações, na atitude comunicativa para a escuta e o diálogo entre seus pares, em lugares outros por onde possam chegar.

Enfim, buscamos ajudar a tecer fios de uma teia, recuperando o real como realidade no pensamento, procurando associações mais complexas naquilo que dava sustentação ao que sentiam, para maior compreensão da singularidade desta experiência, desde os processos que a situam em cada parte, atribuindo nexos na constituição do todo. Um distanciamento especulativo, um mergulho com disposição, interesse e motivação para continuar.



Anexo 1

ROTEIRO DE ENTREVISTAS ÀS INSTITUIÇÕES VISITADAS

Nome da instituição:

Endereço:

Data da fundação:

Que tipo de trabalho realizam?

Como surgiu a instituição?

Qual o objetivo (missão) da mesma?

Qual o público alvo que atendem?

Quantas pessoas são atendidas?

Onde as pessoas são atendidas?

Quantas salas existem para o trabalho
(estrutura física da instituição)?

Quantos profissionais trabalham aqui?

• Qual o perfil destes profissionais?

Qual a metodologia de trabalho utilizada para
diferentes públicos?

Como é o trabalho com os jovens?

Por que vocês trabalham com jovens?

Existe algum trabalho na área da sexualidade e pre-
venção? Como é este trabalho?

Quais as maiores dificuldades enfrentadas
pela instituição?

Quais os resultados obtidos?

A instituição tem interesse em algum trabalho
de prevenção à AIDS?

Anexo 2

FICHA DO ALUNO

Nome:

Idade:

Curso e Turma na Instituição:

Endereço da Instituição:

Você Estuda?

Qual série?

Em que Escola?

O que gosta de fazer nas horas vagas?

O que não gosta de fazer?

Qual sua música preferida?

Quantas pessoas moram com você?

Quem são?

Como é o relacionamento com elas?

Como é a sua comunidade?

- Cite o que tem de bom nela.
- O que você costuma fazer lá?

Participa de algum grupo?

Por que você participa desta instituição?

Bibliografia

- ABRAMO, Helena Wendel. – Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- ANDRADE, Cassia Regina Xavier de. Educação biocêntrica: vivenciando o desenvolvimento organizacional. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- AUGRAS, Monique. O que é tabu. Coleção: Primeiros Passos, Nº 223. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- ÁVILA, Betânia. Feminismo y ciudadanía: a producción de nuevos derechos. In: Campaña por la Convención de los Derechos Sexuales y los Derechos Reproductivos. Serias para el debate Nº 1, Lima, Peru, Diciembre 2003.
- BARBOSA, Ana Mae. História da arte-educação. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- _____. Por uma arte-educação multicultural. São Paulo, Max Limonad, 1989.
- BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. Sexo para a juventude. Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, 1990.
- BORGES, Maria Herlinda. Práticas educativas e papel do conhecimento: uma experiência de renovação cultural. In: Revista Tecendo Idéias, nº 4. Recife, CENAP, 2000.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Recife, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente/COMDICA, 1995.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília, 2004.
- _____. Caderno de juventude, saúde e desenvolvimento: uma proposta metodológica de educação em saúde pra adolescentes. Brasília, 1999.

- CAMURÇA, Sílvia & GOVEIA, Taciana. O que é gênero. Recife, SOS-CORPO, 1997.
- CAPRA, Fritjof. As conexões Ocultas, 2002.
- CASTRO, Mary Garcia et al. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- COLI, Jorge. O que é arte? São Paulo, Brasiliense, 2000.
- COMDICA - Rede de Atenção à Criança e Adolescente da Cidade do Recife. Prefeitura do Recife, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire - A Face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo, Editora Escuta, 1995.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes. Protagonismo juvenil. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.
- DANTAS, Sílvia Marques & ROCHA, Solange. Igualdade de gênero e HIV/Aids: uma política por construir. Brasília: UNIFEM, 2003.
- _____. Transa legal: para adolescentes, educadores e famílias. Boletim. São Paulo, Ecos, julho de 1998.
- FRASCHETTI, Augusto. O mundo romano. IN: LEVI, Giovanni & SCHIIT, Jean-Claude (org.). História da juventude. São Paulo: Companhia das Letras, Vol. 1, 1996.
- FERREIRA, May Guimarães. Arte-educação e cidadania. In: História da arte-educação. São Paulo: Max Limonad/Secretaria de Educação da Prefeitura do Recife, 1986.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1998.
- GENNEP, Arnold Van - Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, s/d.
- GRUPO CURUMIM. Aborto: você já conversou sobre isso? Recife, mimeog.
- GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL (tradução e adaptação). Guia de orientação sexual: Diretrizes e Metodologias. ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS. Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. Fórum Nacional de Educação e sexualidade. 8.ª ed. São Paulo, SIECUS/Casa do Psicólogo, 1994.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação. Porto Alegre, Artmed, 1998.
- KNOBEL, Maurício & ABERASTURY, Arminda. Adolescência normal. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. (Organizadora). Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da educação. São Paulo, Cortez, s/d.
- MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- MUSA. Manual de educação popular em saúde da mulher: um guia para monitores de educação popular em saúde da mulher. Belo Horizonte, MUSA, 1999.
- O GLOBO, Jornal - 23/02/2005.
- ONU - Conferência Mundial das Nações Unidas Sobre a Mulher. Brasília, CNDM, 1995.
- PARKER, Richard G. Corpos, prazeres e paixões. 2ª ed São Paulo, Best Seller., s/d.
- PIMENTEL, Sílvia. Direitos reprodutivos: fragmentos de reflexão. In: III Seminário Regional sobre Direitos Reprodutivos, Direitos Sexuais e Direitos Humanos, Org. CLADEM. São Paulo, CLADEM, 2003.
- PINTO, Ênio Brito. Orientação sexual na escola. São Paulo, Gente, 1999.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. O Emílio. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- SERRÃO, M. & BALEEIRO, M. C. Aprendendo a ser e a conviver. São Paulo,

Fundação Odebrecht/FTD, 1999.

SCOTT, Joan – Gênero como Categoria Útil para Análise Histórica. Recife, SOS-CORPO, 1995.

SOF – Jornal Mulher e Saúde. Número 19, maio/1998.

SOARES, Gilberta Santos – Direitos e Justiça Social. Revista Toques de Saúde, nº 4, João Pessoa, PB, outubro de 2004.

SOS-CORPO – Práticas sexuais de prevenção na adolescência. 2. ed. Recife, SOS-CORPO, 2000.

SOUZA, João Francisco de & SALLES, Ivandro – Educação popular e sistematização. In: Caderno Tecendo Idéias. CENAP – Centro Nordestino de Animação Popular, Recife, Ano 5, nº 4, agosto 2000.

_____. A educação escolar: nosso fazer maior des(A)fia nosso saber. Recife, Bagaço, 2000.

_____. Sistematização: um instrumento pedagógico nos projetos de desenvolvimento sustentável. ADRA – Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente. Luanda – Angola e UFPE – PE – BR, 1997

SUPLICY, Marta. Conversando sobre sexo. Petrópolis: Vozes, 1983.

TAYUPANTA, Lola Marisol Valladares. Derechos sexuales. In: Campaña por la Convención de los Derechos Sexuales y los Derechos Reproductivos. Serias para el debate Nº 2, Lima, Peru, diciembre 2003.

TAMBIAH, Yasmim. Derechos Sexuales e Derechos Humanos In: Campaña por la Convención de los Derechos Sexuales y los Derechos Reproductivos. Serias para el debate Nº 2, Lima, Peru, Diciembre 2003.

TIBA, Içami. Sexo e adolescência. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios).

Manual de prevenção as DST/AIDS para professores. Niterói, UNESCO, 2001.

UNICEF – A voz dos adolescentes. Fator OM – Opinião e Mercado – Empresa Executiva. Brasília. 2002.

WOLLIDAY, Oscar Jará. Para sistematizar experiências. João Pessoa, Ed. Universitária UFPB e Escola Quilombo dos Palmares/EQUIP. 1995.

LITERATURA INFANTIL

ALMEIDA, Fernanda Lopes. A professora de horizontologia. In: A fada que tinha idéias. São Paulo: Ática, 1976.

FETH, Monika et alli. O catador de pensamentos. São Paulo: Brinque Book, 1996.

FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. São Paulo: Brinque Book, 1995.

MATERIAIS DE APOIO DO PROJETO

Kit de métodos contraceptivos.

Álbum seriado sobre as DST.

Painel e desenhos sobre o corpo.

CD sobre saúde reprodutiva.

Músicas alegres para técnicas de dinâmica de grupo.

LEMBRE-SE



**pratique sexo
saudável e seguro**



A GESTOS Soropositividade, Comunicação e Gênero é uma ONG/AIDS feminista, fundada em maio de 1993, em Recife, PE. Sua missão é fortalecer os direitos humanos das pessoas soropositivas e populações vulneráveis às DST/AIDS, mobilizando a sociedade, intervindo em políticas públicas, desenvolvendo ações educativas e de comunicação, produzindo conhecimentos, na perspectiva da cidadania sexual, equidade de gênero e justiça social.

A Instituição desenvolve o programa *Emancipação Psicossocial e Ações Educativas*, cujo objetivo é contribuir para o empoderamento das pessoas soropositivas e populações vulneráveis às DST/HIV através de ações educativas e psicossociais, e o programa de *Monitoramento e Controle Social de Políticas Públicas*, que tem por objetivo propor e reivindicar políticas públicas voltadas para a população soropositiva e vulnerável ao HIV, através da formação e mobilização dos diferentes agentes sociais e políticos e do controle social de tais políticas.

Em 1995 a instituição iniciou o trabalho de prevenção às DST/HIV/AIDS com adolescentes, desenvolvendo oficinas de sensibilização e formação sobre saúde reprodutiva. Ao longo desta trajetória a organização politizou a temática das DST/HIV/AIDS, introduzindo a categoria de gênero, dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, e a noção de adolescentes e jovens como sujeitos sociais e políticos. Este livro consiste na sistematização desta experiência.



Tipografado em Recife, abril de 2005, no estúdio Lamparina,
por Claudio Fernandes. Composto em Minion 10/13 e Keedy Sans.
Miolo impresso em papel off set 75g e capa em triplex 210g, pela Gráfica Flamar.